



**FÁBIO IZALTINO LAURA**

**ABORDAGEM MULTISSISTÊMICA DA MARCAÇÃO DE  
TEMA NO PORTUGUÊS PAULISTA**

**CAMPINAS,**

**2013**





**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**FÁBIO IZALTINO LAURA**

**ABORDAGEM MULTISSISTÊMICA DA MARCAÇÃO DE TEMA NO  
PORTUGUÊS PAULISTA**

**Orientador: Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho**

**Co-Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Erotilde Goreti Pezatti**

**Tese de doutorado apresentada ao Instituto  
de Estudos da Linguagem da Universidade  
Estadual de Campinas para obtenção do  
título de Doutor em Linguística.**

**CAMPINAS,**

**2013**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR  
TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE  
ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

L372a

Laura, Fábio Izaltino, 1978-  
Abordagem multissistêmica da marcação de tema no  
português paulista / Fábio Izaltino Laura. -- Campinas, SP  
: [s.n.], 2013.

Orientador : Ataliba Teixeira de Castilho.  
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de  
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Linguística histórica. 2. Abordagem multissistêmica.  
3. Língua portuguesa – São Paulo (Estado). 4. Língua  
portuguesa - Gramaticalização. I. Castilho, Ataliba T. de,  
1937-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de  
Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em inglês:** Multisystemic approach of theme marking in paulista Portuguese.

**Palavras-chave em inglês:**

Historical Linguistics

Multisystemic Approach

Portuguese language – São Paulo (State)

Portuguese language - Grammaticalization

**Área de concentração:** Linguística.

**Titulação:** Doutor em Linguística.

**Banca examinadora:**

Ataliba Teixeira de Castilho [Orientador]

Lígia Negri

José da Silva Simões

Verena Kewitz

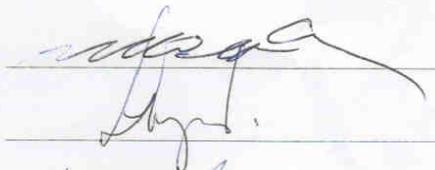
Rodolfo Ilari

**Data da defesa:** 25-02-2013.

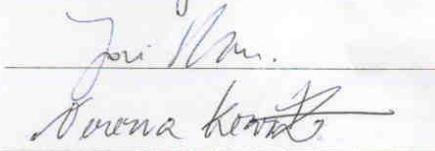
**Programa de Pós-Graduação:** Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Ataliba Teixeira de Castilho



Lígia Negri



José da Silva Simões



Verena Kewitz



Rodolfo Ilari



Roberto Gomes Camacho

Luiz Carlos Travaglia



Vandersi Sant'Ana Castro



IEL/UNICAMP  
2013



*A*

*Cintia*

*Lenora*

*João José*

*Eulália*

*Jorge Manoel*



## Agradecimentos

---

ao professor Ataliba, pela orientação tranquila e segura, pelas lições, pela paciência e pela disponibilidade em acompanhar o desenvolvimento do trabalho, pela convivência e pelo bom humor;

à professora Erotilde, pela disponibilidade em aceitar ser coorientadora, pela atenção e paciência durante o desenvolvimento da tese e da qualificação de área e pelo carinho com que sempre me recebeu;

ao professor Ilari, pelas sugestões feitas por ocasião do exame de qualificação;

aos professores José da Silva Simões e Verena Kewitz pelas sugestões feitas ao trabalho em encontros acadêmicos;

aos funcionários da biblioteca e da pós-graduação, pela paciência, ajuda e compreensão;

à FAPESP (Processo nº. 2009/51217-4), por ter concedido auxílio para a realização deste trabalho;

à Cintia, pela companhia, amor, incentivo e tolerância nesses anos todos em que estamos juntos, pelos muitos favores, por ter me aceitado em sua vida e por ter me dado um lugar para onde voltar;

aos meus pais, Izaltino e Cida, que nunca entenderam muito bem o meu trabalho, mas sabiam que era importante e torciam por mim, e à minha irmã Fabiana, pela importância que eles têm na minha vida;

aos meus filhos, Lenora, João José e Eulália, pelo amor e carinho com que me recebem na volta para casa;

à Dona Elizabeti, minha sogra, pela atenção, pela torcida e pelos apoios carinhosos nos momentos de socorro;

ao compadre Elias, pela tradução do resumo desta tese, por sempre me socorrer nos momentos em que precisei, e à comadre Mariela, por ter convivido comigo e minha família durante todos esses anos, a ambos pela amizade sincera e por terem aceitado fazer parte dessa imensa família;

à Cássia, por estar sempre por perto, tentando organizar a bagunça do dia a dia;

às colegas Flávia Orci, Edilaine Buin e Kelly;

## Resumo

---

O propósito deste trabalho é investigar, a partir de amostras do português paulista dos séculos XVIII ao XX, as características dos marcadores de Tema, construções que tem o papel de orientar o ouvinte acerca dos tópicos do discurso. Para tanto, tomamos a Abordagem Multissistêmica como norte para a nossa pesquisa e definimos alguns objetivos. Dessa forma, verificamos na literatura sobre Tema alguns fundamentos teóricos com os quais pudéssemos trabalhar para analisarmos os marcadores de Tema. A partir disso, descrevemos o comportamento linguístico dos marcadores *quanto a*, *sobre*, *a respeito de*, *a propósito de*, *relativamente a*, *no que toca a*, *passando a* e *voltando a*, considerando alguns processos relacionados aos sistemas lexical, gramatical, semântico e discursivo desses marcadores. Os dados indicam que os marcadores, principalmente *quanto a* e *sobre*, já desenvolviam essa função no século XIII, o que evidencia a antiguidade do fenômeno. Além disso, mostramos a formação lexical dos marcadores por meio da etimologia e como algumas categorias cognitivas estão associadas à formação e ao sentido dos marcadores: quantidade, espaço superior, espaço posterior, espaço anterior, angulador e movimento. No sistema semântico, examinamos o envolvimento dos processos de Referenciação e de Apresentação na construção de Tema com marcação, salientando sua função de apresentar, ou introduzir, objetos de discurso que são ativados a partir de informações de longo prazo. Além disso, no sistema gramatical, por seu turno, verificamos que os marcadores de Tema são preposições complexas que selecionam várias classes de palavras, sobressaindo-se os substantivos e desenvolvem a função de marcador de Tema gramatical, além disso, as construções nas quais estes marcadores ocorrem tendem a se colocar na posição pré-sentencial e desempenham um papel não argumental de Adjunto. Por fim, no sistema discursivo, os marcadores funcionam no processo de construção e organização dos tópicos discursivos, introduzindo elementos textuais como tópico do discurso.

**Palavras-chave:** **Linguística Histórica; Abordagem Multissistêmica; Português Paulista; Tema.**



# Abstract

---

The aim of this dissertation is to investigate, based on samples of the Brazilian Portuguese spoken in São Paulo in the period between the 18<sup>th</sup> and the 20<sup>th</sup> centuries, the features of *theme markers*, i.e., linguistic structures that guide the listener with reference to the discourse topic. In order to reach this purpose, we adopted the Multisystemic Approach for language description (CASTILHO, 2007) and set some research objectives. A review of the linguistic literature about *Theme* was also realized, so that we could analyze the *theme markers*. Thereafter, we described the linguistic behavior of the markers *quanto a*, *sobre*, *a respeito de*, *a propósito de*, *relativamente a*, *no que toca a*, *passando a*, and *voltando a*, considering some linguistic processes related to the lexical, grammatical, semantic and discursive systems of these markers. The analysis of the data suggested, mainly with regard to *quanto a* and *sobre*, that these topic markers have already developed this function in the 18<sup>th</sup> century, what shows the antiquity of the phenomenon. Based on an etymological approach, we analyzed the lexical formation of the topic markers in analysis and discussed how some cognitive categories, such as *quantity*, *superior space*, *posterior space*, *anterior space*, *hedge* and *movement*, are associated with their formation and meaning. Regarding the semantic system, we examined the role played by the processes of *Reference* and *Presentation* in marked *Theme constructions*, emphasizing their function of *presenting* or *introducing* discourse topics that are activated by long-term informations. At the grammatical system, we observed that *theme markers* are complex prepositions that select several word classes (mainly the nouns) and that develop the function of *grammatical theme marker*. Furthermore, the constructions within which these markers occur usually occupy the pre-sentence position and play a non-argumental role of Adjunct. Lastly, at the discourse system, the markers work in the process of construction and organization of the discursive topics, introducing textual elements as discourse topic.

**Keywords: Historical Linguistics; Multisystemic Approach; São Paulo's Portuguese; Theme.**



## Lista de figuras

---

Figura 1. Representação radial da lexicalização de <i>quanto a</i> .....	72
Figura 2. Representação radial da semanticização de <i>quanto a</i> .....	83
Figura 3. Representação radial da gramaticalização de <i>quanto a</i> .....	87
Figura 4. Representação radial da discursivização de <i>quanto a</i> .....	96
Figura 5. Representação radial da lexicalização de <i>sobre</i> .....	98
Figura 6. Representação radial da semanticização de <i>sobre</i> .....	106
Figura 7. Representação radial da gramaticalização de <i>sobre</i> .....	109
Figura 8. Representação radial da discursivização de <i>sobre</i> .....	116
Figura 9. Representação radial da lexicalização de <i>a respeito de</i> .....	118
Figura 10. Representação radial da semanticização de <i>a respeito de</i> .....	126
Figura 11. Representação radial da gramaticalização de <i>a respeito de</i> .....	133
Figura 12. Representação radial da discursivização de <i>a respeito de</i> .....	138
Figura 13. Representação das propriedades multissistêmicas do marcador <i>a propósito de</i> .....	142
Figura 14. Representação das propriedades multissistêmicas de <i>relativamente a</i> .....	146
Figura 15. Representação das propriedades multissistêmicas de <i>no/pelo que toca a</i> .....	151
Figura 16. Representação das propriedades multissistêmicas de <i>por falar em ...</i>	153
Figura 17. Representação radial das propriedades multissistêmicas de <i>voltando a e passando a</i> .....	156
Figura 18. Representação das propriedades multissistêmicas dos Temas com marcação no português paulista .....	160



# Sumário

---

<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo 1 – Abordagem Multissistêmica: um novo olhar sobre a língua ...</b>	<b>7</b>
Introdução.....	7
1.    O Funcionalismo.....	7
2.    O problema da Gramaticalização.....	11
3.    Abordagem Multissistêmica: crítica à ciência clássica.....	14
4.    Abordagem Multissistêmica: a língua como sistema complexo.....	17
4.1.    Lexicalização e Léxico.....	20
2.2.    Semanticização e Semântica.....	21
4.3.    Gramaticalização e Gramática.....	21
4.4.    Discursivização e Discurso.....	22
<b>Capítulo 2 – Para uma abordagem multissistêmica de Tema: Discurso, Semântica e Gramática.....</b>	<b>25</b>
Introdução.....	25
1.    Considerações gerais acerca do Tema.....	25
2.    Tema e discursivização.....	28
2.1.    Algumas características da organização do discurso importantes na discursivização do Tema discursivo.....	30
2.1.1.    Tópico discursivo e hierarquia tópica.....	32
2.1.2.    Marcadores discursivos.....	38
3.    Tema e semanticização.....	43
3.1.    Noções semânticas relacionadas ao Tema.....	48
3.1.1.    Apresentação e predicação.....	48
3.1.2.    Referenciação.....	51
4.    Propriedades gramaticais do Tema.....	61

<b>Capítulo 3 – O marcador <i>quanto a</i> na história do português paulista.....</b>	<b>67</b>
Introdução.....	67
1. Lexicalização da expressão <i>quanto a</i> .....	67
1.1. Etimologia de <i>quanto a</i> .....	67
1.2. Etimologia de <i>a</i> .....	68
1.3. Etimologia de <i>em</i> .....	70
1.4. Considerações gerais acerca da lexicalização de <i>quanto a</i> .....	70
2. Semanticização de <i>quanto a</i> .....	72
2.1. O sentido de <i>quanto a</i> .....	72
2.2. Apresentação.....	75
2.3. Referenciação.....	76
3. Gramaticalização de <i>quanto a</i> .....	83
4. Discursivização de <i>quanto a</i> .....	87
<b>Capítulo 4 – O marcador <i>sobre</i> na história do português paulista.....</b>	<b>97</b>
Introdução.....	97
1. Lexicalização de <i>sobre</i> .....	97
2. Semanticização de <i>sobre</i> .....	99
2.1. O sentido de <i>sobre</i> .....	99
2.2. Apresentação.....	101
2.3. Referenciação.....	101
3. Gramaticalização de <i>sobre</i> .....	106
4. Discursivização de <i>sobre</i> .....	110
<b>Capítulo 5 – O marcador <i>a respeito de</i> na história do português paulista</b>	<b>117</b>
Introdução.....	117
1. Lexicalização de <i>a respeito de</i> .....	117
2. Semanticização de <i>a respeito de</i> .....	118
2.1. O sentido de <i>a respeito de</i> .....	119
2.2. Apresentação.....	122

2.3.	Referenciação.....	123
3.	Gramaticalização de <i>a respeito de</i> .....	126
4.	Discursivização de <i>a respeito de</i> .....	133
<b>Capítulo 6 – Outros Temas com marcação na história do português paulista .....</b>		<b>139</b>
	Introdução .....	139
1.	O marcador de Tema <i>a propósito de</i> .....	139
2.	O marcador de Tema <i>relativamente a</i> .....	143
3.	<i>No/pelo que toca a</i> .....	146
4.	<i>Por falar em</i> .....	151
5	<i>Passando a e voltando a</i> .....	153
<b>Considerações finais.....</b>		<b>157</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>		<b>163</b>

# Introdução

---

As construções de Tema, desqualificadas pela Gramática Tradicional por serem consideradas formas “erradas”, ou caracterizadas em alguns momentos como figuras de linguagem (cf. PONTES, 1987; SOUZA, 1989), já foram objeto de estudos de várias áreas e vertentes da linguística. Podemos encontrar trabalhos sobre o assunto na área de Sociolinguística (BRAGA, 1984, 1986; DECAT, 1983, 1989), Gramática Gerativa (KATO, 1998; BERLINCK, DUARTE, OLIVEIRA, 2009), Gramática Funcionalista (PEZATTI, 1997, 1998, 2001; VICENTE, 2002, LAURA, 2003).

Além disso, as construções de Tema, ou de Tópico, como preferem alguns teóricos, são geralmente analisadas, de um ponto de vista sincrônico, no nível do discurso, como funções pragmáticas (cf. DIK, 1997). Sob um ponto de vista diacrônico, essas construções podem, de acordo com outros linguistas, sofrer um processo de gramaticalização e passar a desempenhar a função de sujeito no nível gramatical (cf GIVÓN, 1976).

No entanto, a preocupação destes trabalhos estava focada em grande parte para explicar a estrutura e o funcionamento das construções de Tema na língua falada, o que excluiu do centro desses estudos as construções de Tema com marcação de partículas especiais como *quanto a*, *sobre*, *a respeito de*, entre outras, que têm sua origem na língua escrita culta. Mesmo tendo essa origem, a gramática tradicional também não se ocupou desses marcadores, quase não há classificação desses marcadores nas classes de palavras. Além disso, alguns dicionários etimológicos também não trazem informações sobre eles.

Por outro lado, há línguas nas quais esses marcadores são importantes para o entendimento do funcionamento da estrutura de uma oração dada. É o que parece ocorrer, por exemplo, com línguas orientais como japonês e chinês em que essas marcas estão sempre presentes para indicar a função de Tema de um determinado sintagma.

Nas línguas românicas, por seu turno, nem sempre o Tema vem marcado por expressões próprias. Neste trabalho vamos nos ater apenas aos marcadores de Tema, assunto que foi pouco estudado.

## **Hipótese**

Nossa hipótese é que os marcadores de Tema, ao contrário do que pregam algumas teorias funcionalistas, não pertencem exclusivamente a um nível ou sistema de uma língua, exercendo função apenas neste nível/sistema, e nem evoluiu de um sistema para outro com o tempo. Na verdade, os marcadores de Tema exemplificam as categorias que configuram os sistemas da língua – lexical, semântico, gramatical e discursivo – exercendo algum papel ou sendo auxiliados por outros elementos no processo de construção desses sistemas. Como hipótese auxiliar, supomos que os marcadores de Tema apresentam um percurso diacrônico estável dado seu papel de conectores de sentenças e de unidades discursivas.

Isso é possível uma vez que a Abordagem Multissistêmica, que orienta esta tese, estabelece que as expressões linguísticas se desenvolvem em categorias simultâneas em todos os sistemas da língua. Dessa forma, uma construção de Tema pode ser analisada tanto no sistema discursivo, quanto gramatical, além do semântico e lexical. Como se pode observar na seguinte citação de Castilho (2010):

[As construções de tópico] *dispõem simultaneamente de propriedades discursivas (como tópicos do discurso), gramaticais (como sintagmas localizados fora dos limites sentenciais), semânticas (como expressões que representam ideias ausentes da memória de curto prazo) e lexicais (como um conjunto de palavras recrutadas praticamente em qualquer domínio do vocabulário).* (grifos do autor). (CASTILHO, 2010, p.281)

## **Objetivos**

Para comprovar esta hipótese, o objetivo geral desta tese é fazer um estudo diacrônico, do século XVIII ao XX, dos marcadores de Tema no português paulista.

Tem-se também como objetivos específicos nesta tese:

- a) mostrar como a Abordagem Multissistêmica se relaciona com outros saberes da Linguística;
- b) propor uma Abordagem Multissistêmica para os Temas com marcação;
- c) descrever e analisar os marcadores de Tema nos sistemas lexical, gramatical, semântico e discursivo do português paulista;
- d) contribuir para o desenvolvimento e divulgação científica da Abordagem Multissistêmica.

## ***Corpus e Metodologia***

Além de nos pautarmos pela Abordagem Multissistêmica para a descrição dos marcadores de Tema, deve-se informar o leitor desta tese acerca do *Projeto de História do Português Paulista (PHPP)*, ou *Projeto Caipira*, dentro do qual esta pesquisa está incluída.

Trata-se de um projeto temático de equipe que abarca subprojetos de pesquisas de várias vertentes teóricas da Linguística com o intuito de estudar a formação e a variedade do português do estado de São Paulo, estabelecendo um paralelo com a formação da sociedade paulista. Assim, de um modo geral, as áreas abarcadas nesse projeto são (i)

Organização de um corpus diacrônico, (ii) Gramática e Mudança Linguística; (iii) Discurso e variação linguística; (iv) Léxico e mudança fonológica.

Particularmente, esta tese está inserida no subprojeto *Mudança linguística multissistêmica do português paulista*, coordenado pelo Prof. Dr. Ataliba T. de Castilho, além de relacionar-se com o subprojeto *Diacronia dos processos constitutivos do texto*, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran, uma vez que, nesta tese, discutem-se questões relacionadas ao processo de construção textual, mais precisamente, mostramos como os marcadores, no processo de discursivização, desempenham papel na organização dos tópicos discursivos.

Com respeito à organização do *corpus*, durante o desenvolvimento do *PHPP*, os pesquisadores se preocuparam com a organização do *Corpus Diacrônico do Português Paulista* que representasse a(s) variedade(s) linguística(s) difundida(s) no estado de São Paulo. Para a pesquisa realizada nesta tese, utilizamos cartas do *corpus* mínimo referentes aos séculos XVIII, XIX e XX:

- (i) Cartas de leitores e redatores: Barbosa / Lopes (Orgs. 2002);
- (ii) Cartas privadas: Simões / Kewitz (Orgs. 2006);
- (iii) Cartas administrativas: Simões (2007);
- (iv) Cartas privadas: Kewitz (Orgs. 2006)<sup>1</sup>.

Utilizamos também, em nossas análises, dados do *Corpus do Português*, situado na página [www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org) para buscar ocorrências que pudessem nos indicar a antiguidade da marcação de Tema no português e o processo de lexicalização desses marcadores.

Em face da dificuldade de se encontrar o mesmo tipo de cartas em todos os séculos pesquisados, não fizemos distinção tipológica no momento da análise e retiramos, de nossa

---

<sup>1</sup> Uma dessas organizações de Kewitz (2006) referem-se a cartas passivas de Washington Luís. Deve-se lembrar ao leitor desta tese que as cartas a partir de nº 20 são cartas de remetentes fluminenses.

análise, textos de anúncios de jornais organizados por Guedes / Berlinck (2000) que também fazem parte do *corpus* mínimo do *PHPP*, por serem um tipo de texto que mais se afastava caracteristicamente dos outros analisados.

Essa dificuldade referente ao *corpus* refletiu no tratamento dos dados. Assim, não pudemos, em razão da quantidade irregular de dados encontrados nos séculos, fazer uma pesquisa quantitativo-qualitativa dos marcadores de Tema encontrados no *corpus*. Isso nos obrigou a fazer uma análise mais qualitativa, o que não impossibilitou, todavia, mostrar as características e o desenvolvimento no tempo dos tematizadores nos três séculos pesquisados. Diante disso, resolvemos estabelecer um capítulo para cada tipo de marcador de Tema.

Em relação aos critérios adotados para a descrição do Tema com marcação no português paulista, buscamos o desenvolvimento da marcação levando em conta os seguintes critérios de análise:

- (1) **Lexicalização:** estabelecer como se dá a formação do marcador de Tema, verificando sua etimologia;
- (2) **Semanticização:** identificar as categorias cognitivas associadas aos sentidos dos marcadores de Tema; verificar o papel da referenciação na construção do Tema e do comentário; relacionar essas construções com a Apresentação;
- (3) **Gramaticalização:** classificar os marcadores de Tema e mostrar as características do Tema com marcação no tocante sua função gramatical e dos termos regidos por ele, bem como mostrar sua posição em relação à oração.
- (4) **Discursivização:** descrever as características do Tema discursivo na construção e organização dos tópicos do discurso.

A partir do que foi dito acima, a divisão dos capítulos da tese pode ser descrita da seguinte forma.

No capítulo 1, voltamos nossa atenção para a Abordagem Multissistêmica. O objetivo foi inseri-la nos estudos da Linguística Histórica de base funcionalista e apresentar sua fundamentação teórica.

No capítulo 2, fazemos uma revisão bibliográfica da produção realizada sobre as construções de Tema. Nossa preocupação foi estabelecer uma relação entre os achados nestas pesquisas e a Abordagem Multissistêmica para podermos moldar algumas propriedades e alguns processos referentes às construções de Tema nos sistemas gramatical, lexical e discursivo, ideias essas que serão utilizadas nos capítulos de análise.

Os capítulos analíticos são os de 3 a 6. Nestes capítulos, mostramos as características dos marcadores de Tema que aparecem no *corpus* mínimo do português paulista. Em cada capítulo, mostramos o funcionamento desses marcadores nos sistemas lexical, gramatical, semântico e discursivo do português paulista.

Estes capítulos foram divididos de acordo com o tipo de marcador de Tema. Assim, no capítulo 3, é mostrada a análise do marcador *quanto a*. No capítulo 4, o marcador *sobre* é o centro da análise. No capítulo 5, a preocupação é o marcador *a respeito de*. Já no capítulo 6, mostramos as características de marcadores com poucas ocorrências no português paulista: preposições complexas *a propósito de* e *relativamente a*, a oração *no que toca a*, e as construções com gerúndio *passando a* e *voltando a*.

Por último, apresentamos nossas considerações finais, fazendo um breve apanhado dos resultados obtidos.

# Capítulo 1

## Abordagem Multissistêmica: um novo olhar sobre a língua

---

### Introdução

Neste capítulo, temos o objetivo de apresentar a Abordagem Multissistêmica, inserindo-a, por um lado, na Linguística, na área da Linguística Histórica de base funcionalista e, por outro lado, mostramos que as ideias da Abordagem Multissistêmica em vários momentos vão de encontro com algumas posturas teóricas funcionalistas, posicionando-se criticamente em relação ao paradigma funcionalista, especialmente no que toca às considerações acerca de como é o trabalho com os processos e produtos linguísticos.

### 1. O Funcionalismo

A abordagem funcionalista é, de acordo com Castilho (2012), uma reunião de subteorias que tentam dar conta das funções cognitivas e sociais das estruturas e dos sistemas que organizam a gramática de uma língua. Dessa forma, não estamos diante de estruturas fechadas, mas estruturas que “representam as continuadas gramaticalizações das necessidades sociais de expressão e de intercomunicação”.

Apesar de algumas direções teóricas divergentes, Neves (1997), Pezatti (2004) e Castilho (2012) mostram posturas que posicionariam essas teorias dentro do paradigma funcionalista.

Neves (1997, p.1) considera difícil caracterizar o funcionalismo, pois os rótulos dos estudos geralmente se ligam aos nomes dos estudiosos e não às características da linha de pesquisa. Apesar das diferenças entre os modelos que se intitulam funcionalistas, há similaridades entre eles. Para esta mesma autora, esses modelos têm como objeto de estudo

a determinação do modo como as pessoas conseguem se comunicar pela língua. Assim, para essa abordagem, as estruturas das expressões linguísticas constituem configurações de funções – cada uma delas tendo uma significação na oração.

Para Pezatti (2004), o funcionalismo é uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social. Dessa forma, os estudos funcionalistas se direcionam para a competência comunicativa dos falantes, o que significa que se considera, nas análises, a capacidade dos indivíduos de (i) codificar e decodificar expressões e (ii) usar e interpretar essas expressões de forma satisfatória na interação verbal.

Castilho (2012), por seu turno enumera três postulados que convergem para uma ideia do que seja a abordagem funcionalista: (i) a língua é competência comunicativa; (ii) as estruturas linguísticas não são objetos autônomos; (iii) a explicação linguística deve ser buscada nos usos que os falantes fazem da língua e numa perspectiva panocrônica.

De acordo com o primeiro postulado, a competência comunicativa está relacionada à capacidade dos falantes de (i) codificar e decodificar expressões e (ii) usar e interpretar essas expressões de forma satisfatória na interação verbal. Nas palavras de Neves (1997), a competência comunicativa refere-se:

[à] capacidade que os falantes têm não apenas de acionar a produtividade da língua, isto é, de jogar com as restrições, mas também - e primordialmente - de proceder a escolhas comunicativamente adequadas, isto é, de operar as variáveis dentro do condicionamento ditado pelo próprio processo de comunicação.

A partir disso, como mostra Castilho (2012), tem-se que (i) processos identificam os significados, que são organizados em categorias; (ii) a manifestação da língua – a articulação discursiva fundamental – ocorre por meio da conversação na interação social; (iii) língua está relacionada ao processamento da informação e é, assim, sujeita à situação de fala e ao próprio texto em processo de construção.

A não autonomia da língua referente ao segundo postulado implica que as estruturas linguísticas são descritas e explicadas tendo-se em vista, como descrito por Castilho (2012):

(1) as estruturas são flexíveis e permeáveis às pressões do uso, combinando-se a estabilidade dos padrões morfossintáticos cristalizados com as estruturas emergentes, ainda não cristalizadas; (2) as estruturas não são totalmente arbitrárias; (3) as estruturas são dinâmicas e sujeitas a reelaborações constantes, através do processo de gramaticalização.

Por fim, o terceiro postulado diz respeito à centralidade dos usos nos trabalhos funcionalistas, ou seja, as análises funcionalistas estão voltadas para os usuários e os usos da língua, valorizando-se, assim, emissor, receptor e variação linguística em suas reflexões. Isso quer dizer que o ponto de partida são os significados das expressões linguísticas e, posteriormente, indaga-se sobre como esses significados se codificam gramaticalmente. Nas palavras de Castilho (2012):

pode-se reconhecer que a Sintaxe funcional toma os sistemas semântico e discursivo como inputs de que o sistema gramatical é um output, numa trajetória onomasiológica, vale dizer, numa trajetória que vai dos sentidos contextualizados para as formas. Por outras palavras, como já se disse atrás, postula-se que a língua exista não porque disponha de uma estrutura, mas sim que sua estrutura existe em vista da necessidade de cumprir certas funções.

Nessa mesma linha de raciocínio, nos dizeres de Pezatti (2004), o funcionalismo estuda a estrutura da língua e seu uso, subordinando o sistema linguístico ao uso e descrevendo as expressões verbais relativamente a seu funcionamento em contextos sociais específicos, o que implica em dizer que os funcionalistas acreditam numa gramática *a posteriori*, totalmente dependente da pragmática, do uso dos falantes. Assim, o trabalho dos funcionalistas parte do uso real da língua feito por falantes reais na interação social para descrever e explicar uma língua natural. Por isso, pode-se dizer que a vertente funcionalista da linguística tem uma concepção pragmática da linguagem.

Na verdade, como diz Awera (1989, *apud* Neves, 1997, p.30) sobre uma das possibilidades de associação da Pragmática com a Gramática: “a pragmática é uma perspectiva da linguística como um todo, e, assim, também, da Gramática”. No entanto, o mesmo Awera, no mesmo texto, ainda diz que a Pragmática ainda pode ser vista como sendo (i) um componente da Linguística, mas não da Gramática e (ii) um componente da Linguística e da Gramática.

Bastante importante no funcionalismo é a incorporação tanto da Pragmática como perspectiva, quanto como componente da Gramática. A perspectiva funcionalista da linguagem leva em conta a Pragmática como principal nível para a descrição das línguas naturais. Assim, para o funcionalismo, o nível pragmático é considerado o mais alto, sendo que a ele se subordinam o nível semântico e o nível sintático.

Assim, dentro desta perspectiva, para Givón (1984), a gramática não constitui uma lista não ordenada de domínios funcionais não relacionados, na verdade, a gramática é internamente estruturada como um organismo, dentro do qual há subsistemas que se aproximam entre si e no qual há organização hierárquica. Assim,

A sintaxe é vista como a codificação de dois domínios funcionais distintos: a semântica (proposicional) e a pragmática (discursiva). Uma sentença que presumivelmente contenha apenas informação semântica e que não apresente função pragmática realmente não existe na comunicação, apenas pode representar um segmento artificialmente isolado de seu contexto, para fins de análise. (NEVES, 1997, p.24)

Já para Dik (1989, 1997), Gramática Funcional constitui uma teoria de componentes integrados, uma teoria funcional da sintaxe e da semântica que só pode ser satisfatória dentro de uma teoria pragmática (da interação verbal). Assim, a Gramática Funcional deve ser “pragmaticamente adequada”, embora a linguagem funcione comunicativamente por meio de arranjos sintáticos. A sintaxe, no entanto, não é autônoma, precisando-se de uma descrição semântica para a especificação gramatical de uma expressão. Para este autor, a estrutura do predicado tem intervenção de três tipos de funções:

- (i) **funções semânticas** (*papéis dos referentes dos termos nos estado-de-coisas designados pela predicação*): Agente, Meta, Recebedor, etc;
- (ii) **funções sintáticas** (*especificação da perspectiva a partir da qual o estado-de-coisas é apresentado na expressão lingüística*): Sujeito e Objeto;

- (iii) **funções pragmáticas** (*estatuto informacional de um constituinte dentro do contexto comunicativo mais amplo em que ele ocorre*): Tema, Tópico, Foco, Antitema, etc.

Dessa forma, na visão funcionalista de Dik, os linguistas deveriam se preocupar com dois tipos de sistemas de regras: (i) o sistema de regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas, que governam a constituição das expressões linguísticas e (ii) o sistema de regras pragmáticas, que governam os padrões de interação verbal em que essas expressões linguísticas são usadas.

## **2. O problema da Gramaticalização**

Numa visão mais tradicional, a Gramaticalização é vista como um dos mais comuns processos de mudança linguística, trabalhando na renovação do sistema linguístico. Essa noção tem na sua base a noção de gramática emergente, ou seja, surgem novas funções para formas que já existem e novas formas para funções que já existem. Isso pode ser visto em Hopper (1987), por exemplo, em que é subjacente, como assinalam Gonçalves et al. (2007), a noção de que a gramática não é entendida como produto acabado, mas o que ocorre é uma constante gramaticalização. Tem-se, aqui, uma concepção de língua como atividade no tempo real.

Como concebem Gonçalves et al. (2007), em um sentido mais geral, gramaticalização pode ser entendida como alterações das unidades linguísticas, causando alterações em seu estatuto categorial. Essas alterações das unidades linguísticas podem ser de ordem sintática, semântica ou discursivo-pragmática.

A partir desse sentido mais geral, pode-se entender a gramaticalização como processo, paradigma ou fenômeno diacrônico ou sincrônico. Como processo, os estudos se preocupariam com a “identificação e análise dos itens que se tornam mais gramaticalizados” (GONÇALVES et al., 2007). Já como paradigma, os estudos se

direcionariam para o surgimento e uso das formas linguísticas. Por fim, como fenômeno, a gramaticalização pode ser vista sob três perspectivas: (i) sincronicamente, tenta-se explicar o surgimento e desenvolvimento das formas gramaticais; (ii) diacronicamente, o estudo se direciona para o surgimento e desenvolvimento das formas gramaticais, além disso, por outro lado, tenta-se identificar o grau de gramaticalidade das formas gramaticais “a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos de uso da língua, portanto, sob um enfoque discursivo-pragmático” (GONÇALVES et al, 2007, p.16); (iii) pancronicamente, faz-se um estudo a partir de uma combinação entre os estudos sincrônicos e diacrônicos.

O primeiro linguista a usar o termo gramaticalização foi Meillet (1912). Para ele, gramaticalização se referia à transformação de uma palavra autônoma que passa a desempenhar função gramatical, ou seja, categorias lexicais plenas, como nomes, verbos e adjetivos, passam a integrar categorias gramaticais, como preposições, advérbios, auxiliares, etc., que podem se tornar, depois, afixos.

Na concepção de Meillet, a gramaticalização é vista como uma ferramenta para a Linguística Histórica, na medida em que se buscam as origens e mudanças dos morfemas gramaticais, complementando a etimologia e a evolução histórica das palavras. Sincronicamente, todavia, o autor faz uma distinção entre três classes de palavras, (i) as principais (nomes, adjetivos, verbos e complementos circunstanciais), (ii) as palavras acessórias e (iii) as palavras gramaticais (preposições, conjunções e auxiliares). Dessa forma, a gramaticalização pode ser observada sob duas perspectivas (cf. Gonçalves et al., 2007): uma diacrônica, na medida em que palavras acessórias e gramaticais podem se desenvolver a partir de palavras principais; e uma sincrônica, na medida em que palavras acessórias e/ou gramaticais e sua forma/fonte principal podem conviver num mesmo recorte de tempo.

Em suas formulações da Abordagem Multissistêmica, uma das ideias criticadas por Castilho (1997, 2006, 2010) é o fato de que os trabalhos sobre gramaticalização baseiam-se na ideia de derivação de um sistema linguístico para outro. Na Abordagem Multissistêmica, isso não ocorre, pois os sistemas são autônomos e não se relacionam hierarquicamente em níveis, mas são ligados por meio de dispositivo sócio-cognitivo.

Nesta perspectiva, Castilho (especialmente 1997, 2006) mostra criticamente como os linguistas têm trabalhado com a questão da mudança da língua. O autor se volta especialmente para os trabalhos funcionalistas que apresentam, segundo ele, um hesitante ponto de vista sobre a língua, ou seja, os pesquisadores combinam uma abordagem que focaliza os produtos com outra que focaliza os processos.

Dessa forma, de acordo com Castilho (2006), a teoria funcionalista da gramaticalização apresentaria três momentos simultâneos e nem sempre caracterizados de forma clara.

O primeiro momento diz respeito a uma vertente que se preocupa com a mudança linguística na direção *Léxico > Gramática*, que apresentaria uma escala linear da trajetória *Léxico > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > zero*, mas o autor lembra que nem todas as classes lexicais percorrem esse trajeto por inteiro.

Lehmann (1995), por exemplo, define gramaticalização como processo de morfologização, ou seja, como mudança no estatuto do item lexical para gramatical e também de menos gramatical para mais gramatical.

Nessa mesma linha, Heine et al. (1991), concebem a gramaticalização como crescimento dos limites do morfema. Este limite pode avançar do lexical para o gramatical, ou do menos gramatical para o mais gramatical, em outras palavras, deriva de um formato derivacional para um outro flexional.

Hopper e Traugott (1993) estabelecem um *cline* de mudança, enfatizando o caráter categorial do léxico. Assim:

[item de conteúdo] > [palavra gramatical] > [clítico] > [afixo flexional]

O segundo momento diz respeito à trajetória *Discurso > Gramática*. É partir dessa ideia que Givón (1979), seguido por outros autores como Traugott e Heine (1991), estabelece que o processo de mudança linguística parte do discurso para a morfossintaxe e

seria cíclico. Assim, a formulação “a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem” (Givón, 1979) deu origem à escala *Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > Zero*, sendo *zero* o desaparecimento da forma criada.

Por último, há trabalhos que estão relacionados à trajetória *Semântica > Gramática*, ou seja, estão preocupados com mudanças de significado simultâneas à gramaticalização.

A partir disso, tem-se que, segundo Castilho (2006), a língua para pesquisadores dessa área parece ser uma “entidade heróclita, estática, passível de uma representação linear em que as categorias são dispostas umas após as outras, de tal forma que derivações podem ser estabelecidas entre elas”.

### **3. Abordagem Multissistêmica: crítica à ciência clássica**

Castilho (2006), ao notar uma oscilação na postulação da língua como conjunto de categorias processuais ou como conjunto de categorias do produto no paradigma funcionalista, faz uma caracterização de dois modos de se fazer ciência: a ciência clássica (cujo objeto é o produto) e a ciência dos sistemas complexos (cujo objeto é o processo dinâmico que dá origem ao produto).

O que se disse anteriormente sobre o funcionalismo de um modo geral e sobre a gramaticalização mais especificamente evidencia uma determinada concepção de linguagem que considera (i) a língua como um conjunto de signos lineares cujas modificações no tempo são unidirecionais; (ii) os produtos linguísticos derivam do léxico para a gramática; (iii) a conexão entre os domínios da fonética, sintaxe, semântica e discurso se dá por meio de derivações – no caso do funcionalismo essa derivação parte de níveis mais altos, o discurso, para os outros.

Tendo isso em vista, Castilho (2006, p.334) identifica as seguintes afirmações acerca da ciência clássica:

- (i) “Os fenômenos encontrados na natureza são desordenados e confusos, ocultando sua regularidade”, a tarefa da ciência seria, assim, desvendar a regularidade oculta na desorganização aparente;
- (ii) “Para assegurar alguns resultados e conclusões, temos de considerar os dados em sua estatividade”, em outras palavras, um estudo adequado tem seu objeto empírico idealizado, congelado pela abordagem teórica, o que limita sua extensão, mesmo que haja divórcio com o mundo real;
- (iii) “Os sistemas identificados pela abordagem clássica têm uma grande elegância conceptual e uma notável simplicidade analítica”, ou seja, os sistemas são lineares e, dentro deles, o todo é igual às partes, como acontece, por exemplo, nas teorias de encaminhamento do raciocínio “top down” ou “bottom up”;
- (iv) “O caminho para a descoberta científica é maiormente dedutivo. Cada situação é traduzida em termos matemáticos, um modelo é construído, e de agora em diante as ocorrências serão explicadas de acordo com esse modelo”.

Num balanço dessas afirmações, pode-se dizer que na abordagem clássica (i) há preocupação com fenômenos que atingiram completude como produtos cristalizados, “que ocupam espaços nítidos no interior das línguas naturais”; (ii) a visão que se tem de mundo é de uma realidade em equilíbrio; (iii) os questionamentos dos pesquisadores desconsideram os fenômenos dinâmicos – os que estão a caminho da completude. Além disso, como atesta Castilho (1994), essas ideias não deram muito certo quando aplicadas à língua falada.

Por outro lado, Castilho (2006) elenca as afirmações abaixo acerca da ciência dos sistemas complexos, cuja abordagem científica, lembra o autor, se desenvolveu para dar conta do que era tratado como exceção incômoda pela ciência clássica e passou a entender esses fenômenos como processos criativos:

- (i) “Os componentes dos sistemas complexos exibem um tipo de ordem sem periodicidade, em fluxo contínuo, em mudança”, ou seja, nos sistemas complexos nunca se atinge a estabilidade;
- (ii) “Os sistemas não são lineares, são dinâmicos, exibem um comportamento irregular, imprevisível”, assim, há combinação de estabilidade e caos;
- (iii) “Os elementos dos sistemas complexos exibem relacionamentos simultâneos, não são construídos passo-a-passo, linearmente. Eles são adaptáveis e auto-organizados”;
- (iv) “As anomalias identificadas pela abordagem clássica exemplificam fenômenos vitais para o entendimento do problema, e não deveriam ser descartadas como aberrantes”;
- (v) “Uma nova topologia do impreciso, do vago, do aproximativo, precisará ser proposta”;
- (vi) “Os sistemas complexos são adaptáveis e auto-organizados, seus agentes ganham experiência e reveem constantemente sua atuação”, assim, os sistemas nunca atingem estado de equilíbrio (não há lugar para ele);
- (vii) “A competição nos sistemas é mais importante que sua consistência”;
- (viii) “Finalmente, ao tratar de fenômenos complexos nenhum método revelará por si mesmo o objeto por inteiro”.

A ciência clássica sempre faz uma distinção dicotômica em suas formulações teóricas entre produto e processo, fazendo opção entre um e outro. Para Humboldt (1836/1990:65), por exemplo, a oposição era entre obra (érgon) x actividad (enérgia), optando por enérgia. Já Saussure (1917/1972: 27) opôs língua (langue) à fala (parole) e optou pela língua. Chomsky (1991:9), por seu turno, opôs Língua I (interna ou intensional) dada pela competência x Língua E (externa ou extensional) dada pela performance e escolheu a primeira. Castilho (2006, p.340), diferentemente desses três cientistas clássicos, coloca o trabalho com a língua dentro da ciência dos sistemas complexos. Veja a citação a seguir:

Acredito que o atual panorama das indagações linguísticas compromete essas escolhas, aconselhando em seu lugar que se principie o trabalho pelas categorias do produto, tendo em vista postular as categorias da produção. Naturalmente, requer-se para atingir esse objetivo a necessidade da pesquisa em grupo, para que se possam combinar adequadamente as diferentes habilidades requeridas por um empreendimento dessa magnitude.

A partir disso, Castilho (2006) evidencia uma nova abordagem que, para além de um trabalho dentro da Linguística Histórica de base funcionalista, tem o propósito de propor uma investigação acerca da linguagem de um modo geral. A observação e explicação da linguagem nesse plano levam em conta tanto os processos quanto os produtos, mas o pesquisador deve ter em mente que a língua é processo sempre.

#### **4. Abordagem Multissistêmica: a língua como sistema complexo**

Apesar dos apontamentos e das críticas feitos por Castilho em relação ao modo como se vê e estuda o objeto linguístico, há pesquisas/ideias sobre a língua que poderiam ser levadas em conta para uma teorização pautada na ciência dos sistemas complexos. Assim, Castilho (2006) faz uma revisão de alguns autores cujos trabalhos poderiam contribuir para uma abordagem Multissistêmica da linguagem.

Morris (1938, p.14), por exemplo, vê a língua como um sistema semiótico com três áreas: (i) *Sintaxe* que trata da consideração dos signos e sua combinação por meio de regras de formação (combinações possíveis de membros de um conjunto ou oração) e de transformação (orações podem ser obtidas de outras); (ii) *Semântica* que estuda as relações dos signos com seus *designata* e com os objetos que denotam; (iii) *Pragmática* que se interessa pelas relações entre signo e usuário ou interpretador.

Já para Franchi (1976, 1988, 2006), a língua é composta de três sistemas: semântico, sintático e discursivo, todos articulados pelo léxico. O sistema semântico, conceitual ou nocional trata dos processos de representação linguística dos significados e é composto pelos subsistemas predicativo descritivo e dêitico referencial. O sistema sintático é a

combinação dos signos no enunciado e regras mentais governantes dessas combinações, seus subsistemas são categorial, argumental, de relações gramaticais, de processos e transformações, dos casos sintáticos etc. O sistema discursivo é o conjunto das negociações intersubjetivas que fazem da língua um contrato social e tem como subsistema o jogo das imagens sociais, o fluxo da informação, a organização tópica dos textos etc. Acrescenta-se ainda que não há relação de determinação entre os sistemas, eles são apenas intermediados pelo Léxico. Nenhum comanda o outro – não há, portanto, hierarquia de precedência.

Sacks, Schegloff e Jefferson (1974, p. 772) fornecem as bases de uma “sintaxe interacional”, e Ono-Thompson (1994) propõem a configuração do programa de investigação de uma sintaxe da língua falada. Ainda são citados Franck (1981), para quem se deve considerar as línguas como processos desenvolvidos no tempo; Sornicola (1981, *apud* Castilho, 2007, p.339), que considera os constituintes “como blocos informativos autônomos, sintaticamente independentes, e mantidos em conjunto por um princípio coesivo de natureza semântica” e Nascimento (1993), nos trabalhos do Projeto de Gramática do Português Falado, acerca de uma gramática da competência e outra da execução.

A partir disso, acompanhando o raciocínio de Castilho (2006), pode-se destacar da fala desses autores, como ideias que consideram a língua dentro da concepção de sistema complexo, a “interação estruturas sintáticas-estruturas de tomada de turnos”, a “análise de processos em lugar de análises de produtos”, a “complexidade”, o “não determinismo”, a “língua como atividade” etc.

Assim, para se aceitar a língua como um sistema complexo, deve-se ter duas premissas: uma refere-se aos produtos e a outra, aos processos.

Em primeiro lugar, ao se falar sobre a produção, a definição de língua está associada à ideia de conjunto de processos mentais, pré-verbais, organizáveis num multissistema operacional, o que significa que os processos de organização da língua em seu dinamismo operam simultaneamente (não sequencialmente), dinamicamente (não estaticamente) e multilinearmente (não unilinearmente). Seriam quatro os domínios de articulação e

concentração dos processos: lexicalização, discursivização, semanticização e gramaticalização.

Em segundo lugar, ao se falar sobre os produtos, língua é considerada conjunto de categorias igualmente organizadas num multissistema. Tem-se, assim, que a língua-enquanto-produto é o conjunto de categorias agrupadas ao mesmo tempo em quatro subsistemas autônomos uns aos outros (não há derivação nem hierarquização): Léxico, Discurso, Semântica e Gramática. O início da análise, sob a perspectiva da abordagem Multissistêmica, pode se dar por qualquer subsistema.

A abordagem multissistêmica postula que, para o uso eficaz da língua, a articulação dos processos e produtos se dá por princípios sociocognitivos. Esses princípios são sociais porque são baseados nas situações de ato de fala e são cognitivos porque são baseados em categorias mentais. O papel básico dos princípios é gerenciar e ordenar os subsistemas linguísticos “garantindo sua integração para os propósitos dos usos linguísticos, para a eficácia dos atos de fala” (Castilho, 2007, p. 341).

Assim, os dispositivos desempenhariam o papel de ativação, desativação e reativação de propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais na criação dos enunciados, o que constitui as expressões “postas no ar” pelo falante. Vale lembrar que os princípios operam ao mesmo tempo e não sequencialmente, e agem por acumulação de impulsos.

No princípio da ativação, ou da projeção pragmática, o falante tenta prever os movimentos verbais do interlocutor – se completou a intervenção, se está em curso, se o interlocutor pode antecipar sua entrada no curso da fala etc. Isso assegura a manutenção da conversação. Castilho (1998/2004) acrescenta que o princípio da projeção pragmática é responsável pela ativação das propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais.

No princípio da reativação, ou da correção, o falante muda o rumo da conversação, corrigindo suas próprias intervenções (autocorreção) ou as do interlocutor (heterocorreção) para eliminar os erros de planejamento. Esse princípio é assentado na estratégia de correção pragmática.

O princípio da desativação, ou da elipse, refere-se a movimentos de abandono ou desativação de estratégia e conseqüente reativação de outra. Esse princípio é assentado, por Castilho (2007), na estratégia da despreferência, ou seja, há uma verbalização do não esperado, violando-se temporariamente o princípio de projeção pragmática, o que cria um “vazio pragmático” (Marcuschi, 1983), como ocorre, por exemplo, em repostas a perguntas com outras perguntas, recusa a convite, etc. Há na desativação, movimento de abandono de propriedades em ativação, gerando silenciamento no planejamento verbal seguido de novas ativações e reativações (Castilho, 2007, p.342).

Vejamos agora como se pode estudar uma língua natural considerando-a como um conjunto de processos.

#### **4.1.Lexicalização e Léxico**

A Lexicalização é, nos dizeres de Castilho (2007, p. 343), “um processo de criação de itens lexicais a partir de um conjunto de categorias e subcategorias cognitivas prévias à enunciação e misteriosamente reunidas nesses itens”. Essas categorias podem ser OBJETO, ESPAÇO, TEMPO, VISÃO, MOVIMENTO, EVENTO etc.

O Léxico é o conjunto de itens como resultado da Lexicalização. Sua formação pode se dar por (i) etimologia (lexicalização ocorrida já na língua-fonte); (ii) neologia (lexicalização ocorrida na língua-alvo); (iii) derivação (lexicalização ocorrida na língua-alvo, por meio de desdobramentos de itens pré-existentes); (iv) empréstimo (lexicalização por contato linguístico). Os itens lexicais integram as classes de palavras. Dispostos nas classes, os itens são a representação de uma lexicalização de uma determinada matriz de traços.

A administração da lexicalização se dá da seguinte forma: (i) ativação (lexicalização): escolha das categorias cognitivas e dos traços semânticos das palavras; (ii) reativação (relexicalização): renovação do Léxico por rearranjo das propriedades lexicais e

das palavras representadas nas propriedades; (iii) desativação (deslexicalização): morte de palavras.

#### **4.2.Semanticização e Semântica**

Outro processo abordado por Castilho (2007) é o da Semanticização. Esse processo é o de criação, alteração e categorização dos sentidos. Haveria, assim, (i) semanticização léxica, relacionada à categorização dos sentidos das palavras; (ii) semanticização composicional, relacionada aos processos metonímicos de troca de propriedades de itens dispostos em contiguidade sintagmática; e (iii) semanticização pragmática, relacionada às “significações geradas no espaço que media entre os locutores e os signos linguísticos, em que surgem significados não contidos nas palavras nem nas construções gramaticais” (Castilho, 2006, p. 346).

A administração do processo de semanticização se dá da seguinte maneira: (i) a ativação semântica (semanticização) é a criação de significados; (ii) a reativação semântica (ressemanticização) é a alteração da adequação à representação dos OBJETOS e dos EVENTOS; e (iii) a desativação semântica (dessemanticização) é a alteração de sentido na qual há um silenciamento do sentido anterior e a ativação de um novo sentido.

#### **4.3.Gramaticalização e Gramática**

O processo de gramaticalização se refere a alterações da estrutura fonológica das palavras (fonologização), alterações na estrutura da palavra, no radical ou afixos (morfologização) e alterações na estrutura da sentença, reanálise e arranjos sintagmáticos e funcionais (sintaticização). O produto da gramaticalização é a gramática, entendida como um subsistema constituído pelas estruturas em processo de cristalização que aparecem em

três subsistemas: Fonologia (estruturas fônicas), Morfologia (estrutura da palavra) e Sintaxe (estruturas sintagmáticas e funcionais da sentença).

A administração da gramaticalização se dá por: (i) ativação da gramática (gramaticalização) é a construção dos sintagmas e das sentenças, a ordenação dos constituintes, entre outras questões; (ii) reativação da gramática (regramaticalização) está relacionada à reanálise (mudança das fronteiras de constituintes); (iii) desativação da gramática (desgramaticalização) é responsável pela categoria vazia como a erosão fonética na Fonologia, a presença de morfema flexional zero na Morfologia e elipse de constituintes sentenciais na Sintaxe.

#### **4.4. Discursivização e Discurso**

Por último, resta a descrição do processo de Discursivização. Castilho (2006, 2007) entende Discurso como conversação (interação linguística organizada por aparato enunciativo) e como texto (estrutura acabada cujas unidades podem ser identificadas).

O processo de Discursivização é o de criação do texto, ou seja, trata-se, nos dizeres de Castilho (2007, p. 348), de

um conjunto de atividades de negociação conversacional em que se envolvem o locutor e o interlocutor (ou o autor e o leitor), através das quais (i) se instanciam as pessoas do discurso e se constroem suas imagens, (ii) se organiza a interação através da elaboração do tópico conversacional, objetivando agir sobre o outro, informar ou exteriorizar sentimentos, (iii) se organiza essa interação através dos procedimentos de correção sociopragmática, (iv) se abandona o ritmo em curso através de digressões e parênteses, que passam a gerar outros tópicos discursivos, e (v) se estabelece a coesão textual por meio de expedientes vários

O produto da discursivização é o texto e sua ordenação em gêneros discursivos. Para Castilho (2007), o texto é resultado de uma série de categorias processuais como (i) a organização das unidades discursivas na elaboração do quadro tópico; (ii) a reformulação do quadro tópico por meio de repetição, correção e parafraseamento; (iii) a descontinuação tópica por meio de hesitações, interrupções e parentetizações; e (iv) a conexão textual por meio de marcadores discursivos e conectivos textuais.

A administração do processo de discursivização ocorre da seguinte forma: (i) ativação do Discurso (discursivização) é a hierarquização dos tópicos, a construção das unidades discursivas e a conexão dessas unidades; (ii) reativação do Discurso (rediscursivização) está relacionada à repetição, correção e parafraseamento dos enunciados, assegurando a coesão do texto; e (iii) a desativação do Discurso (desdiscursivização) ocorre no abandono da hierarquia tópica nos momentos em que os falantes desenvolvem estratégias de parênteses e digressões.

Explicitado o recorte teórico que fundamenta esta pesquisa, passamos a conceituar, no próximo capítulo, o que entendemos por Tema.



## Capítulo 2

### Para uma abordagem multissistêmica de Tema: Discurso, Semântica e Gramática

---

#### Introdução

Neste capítulo, nosso objetivo é mostrar particularidades do Tema que o caracterizam-no como uma função que pudesse ser descrita e explicada numa abordagem multissistêmica. Dessa forma, recorreremos a alguns autores que trabalharam em língua portuguesa, e mesmo em outras línguas, para mostrar essas particularidades do Tema nos sistemas discursivo, semântico e gramatical.

Destacamos, durante o capítulo, seu papel na organização do discurso como uma forma de introdução dos tópicos do discurso, orientando os ouvintes acerca dos assuntos a serem tratados, sendo chamado, por isso, de Tema discursivo. Além disso, os Temas funcionam, no sistema semântico, como apresentação e são ativados por meio do processo de referenciação. No sistema gramatical, salientamos que o Tema se posiciona no início da oração, apresenta quebra entonacional, evidenciando seu status ilocucionário próprio. Nesse sistema, chamamos Tema gramatical.

#### 1. Considerações gerais acerca do Tema

Segundo Dik (1997), produzimos, principalmente no discurso oral, uma variedade de expressões que não podem ser analisadas nem como orações, nem como fragmentos de

orações. Essas expressões podem estar sozinhas ou preceder, seguir e até mesmo interromper uma oração, sendo mais frouxamente associadas a ela do que aqueles constituintes que fazem parte da oração propriamente dita.

Tais expressões são chamadas pelo autor de Constituintes Extraoracionais (CEOs) e caracterizam-se pelas seguintes propriedades:

- i) podem aparecer sozinhos ou são separados da oração por traços prosódicos, como uma quebra entonacional entre ele e a oração;
- ii) nunca são essenciais à estrutura interna da oração com a qual estão associados, ou seja, se forem retirados, a oração permanece estruturalmente completa;
- iii) não são sensíveis a regras gramaticais que operam dentro dos limites da oração, embora possam ser relacionados à oração por regras de correferência, paralelismo e antíteses que caracterizam as relações entre orações e o processamento discursivo.

Na proposta de Dik (1997), os CEOs são divididos em categorias de acordo com as funções que exercem. Interessa-nos aqui apenas os CEOs que funcionam na organização discursiva e que desempenham a função pragmática de Orientação do discurso, o Tema, mais especificamente<sup>2</sup>.

As construções de Tema têm recebido diferentes denominações em distintas abordagens. Uma delas refere-se ao fenômeno de Topicalização e Deslocamento à Esquerda, Tópico e Foco.

As construções de Tema já foram estudadas nas mais diversas línguas naturais e as características analisadas pelos mais diversos pesquisadores, das mais diversas linhas teóricas apontam para várias direções: há autores que centralizam sua atenção em questões gramaticais, como os gerativistas, há autores que se voltam para questões pragmático-

---

<sup>2</sup> Dik (1997) ainda elenca, entre os CEOs de Orientação, a *Condição* e o *Cenário*. A *Condição* introduz um discurso para limitar a validade da informação subsequente a um mundo em que a condição é verdadeira, como em *se tu fores, estarei até o fim* (Laura, 2003). Já o *Cenário* está restrito às coordenadas de tempo e lugar definidas implícita ou explicitamente no discurso, como em *Quando esta carta chegar às mãos de V. Ex<sup>a</sup> será talvez em vésperas de se concluir o casamento de minha filha* (Laura, 2003).

discursivas (Dik, 1997, Pezatti 1998; Vicente, 2002, Laura 2003) ou cognitivo-discursivas (Mateus et al. 1989). Devem ser citados também os trabalhos de Prince (1980), sobre o inglês, e Pontes (1987), sobre o português do Brasil que tentaram estabelecer diferenciações entre Topicalização e Deslocamento à Esquerda.

Salienta-se que, de um modo geral, Tema é facilmente encontrado na literatura corrente como Tópico sentencial. Além disso, Tema também é encontrado com outro significado na Perspectiva Funcional da Sentença, na articulação tema-rema, em que o tema é a informação dada, posicionando-se geralmente no início da sentença, e o rema, a informação nova, posicionando-se geralmente no final.

Um dos primeiros trabalhos a tratar sobre a questão de constituintes que aparecem no início da sentença e que extrapolariam a estrutura canônica da oração é o de Li e Thompson (1977) acerca das construções de tópico. Esse estudo foi o que primeiramente repercutiu na linguística brasileira. Por meio dele, Pontes (1987)<sup>3</sup> fez um levantamento do português brasileiro com o intuito de, assim, por meio de fenômenos observados em nossa língua, saber que tipo de língua é o português falado no Brasil.

Dentro de outra perspectiva, Prince (1980) tenta distinguir, numa abordagem discursivo-textual, as construções de Deslocamento à Esquerda (DE) e Topicalização (Top), que, segundo ela, são mais bem descritas numa abordagem funcionalista do que numa abordagem formalista, em razão do caráter discursivo dessas construções.

A linguista parte da ideia de que DE e Top assinalam características da organização da informação transmitida pelo falante como ela é produzida no texto, mas assinalam isso de maneiras diferentes. A autora tenta mostrar que DE é um dispositivo de espaço (*spacing device*) pelo qual se transmite uma área de trabalho mental (*mental workspace*) disponível para o falante quando transmite um pedaço dado de informação, e que Top é um dispositivo de marcação (*marking device*) pelo qual se assinala que certa porção de informação é de um tipo diferente, e, em particular, está sendo tratada como dada no modelo de discurso especificado pelo texto.

---

<sup>3</sup> Embora a publicação date de 1987, o livro é uma coletânea de textos referentes a alguns trabalhos sobre Tópico realizados pela autora antes dessa data.

Além dos trabalhos de Li e Thompson (1977), Prince (1980) e Pontes (1987), Tema também é encontrado com outro significado na Perspectiva Funcional da Sentença, na articulação tema-rema<sup>4</sup>, em que o tema é a informação dada, posicionando-se geralmente no início da sentença, e o rema, a informação nova, posicionando-se geralmente no final.

Para Koch (2006, p. 299), por exemplo, as construções de tema marcado têm o papel de destacar um elemento do enunciado, posicionando-o em relevo. Na posição inicial, o falante indica aquilo de que vai tratar a seguir. Já na posição final, a indicação é de um esclarecimento ou uma complementação, um adendo.

## 2. Tema e discursivização

Embora vários trabalhos sobre o assunto possam nos ajudar a refletir acerca das propriedades do Tema, nesta tese, utilizamos noções básicas propostas por Ilari (1986) e Dik (1997) e a partir delas recorreremos a outros conceitos que se somariam a estas noções básicas para explicar e descrever o Tema.

Para Dik (1997), um constituinte com função de *Tema* especifica um conjunto de entidades em relação às quais a oração seguinte apresenta alguma informação relevante, conforme se pode observar em (1):

- (1) *O Antônio José de Miranda* hoje o nomeei Secretário da Junta do Donativo Voluntário por passar o que era o emprêgo que lhe fazia mais conveniência (Laura, 2003)

A seguinte estratégia pode ser aplicada a esta estrutura de expressão linguística:

---

<sup>4</sup> Para maiores esclarecimentos sobre o assunto, remetemos o leitor aos trabalhos de Ilari (1986) sobre a perspectiva funcional da frase portuguesa e Koch (2006, 2007) sobre tematização e rematização enquanto estratégias de construção do texto falado.

- (i) aqui está alguma entidade *O Antônio José de Miranda* com relação à qual eu vou produzir alguma informação;
- (ii) e aqui está o que eu quero dizer sobre ela *hoje o nomeei Secretário da Junta do Donativo Voluntário por passar o que era o emprêgo que lhe fazia mais conveniência.*

Na verdade, na concepção de Dik, um constituinte com função de Tema orienta o ouvinte quanto aos tópicos do discurso em relação aos quais o conteúdo da oração seguinte deve ser interpretado. Nessa mesma linha, seguindo Ilari (1986), o papel do Tema seria estabelecer um acordo comunicativo entre falante e ouvinte acerca de algum referente que desempenharia a função de Tema sobre o qual o falante quer expressar algo. O esquema proposto por Ilari, semelhante ao de Dik, é o seguinte: “Você quer saber alguma coisa sobre o X em questão? Muito bem, vamos falar sobre X. X é...”

Ambos os autores, Ilari (1986) e Dik (1997), entendem que o Tema é uma estrutura independente da estrutura sintático-semântica da oração que o segue, o que evidencia a importância do Tema num plano maior que a oração, dominando segmentos discursivos maiores que a sentença.

Essa última explicação dada por Dik e Ilari é importante para nós na medida em que fazem uma ligação entre o Tema e o Tópico discursivo, salientando o papel do Tema na construção do texto. Em razão disso, a partir de agora, quando falarmos do papel do Tema na construção do discurso, usaremos a nomenclatura Tema discursivo.

Esse papel do Tema discursivo na construção do texto pode ser visto, por exemplo, em Jubran (1993), em que, ao mostrar as bases teóricas para a organização do tópico discursivo na conversação, a autora traz à tona o papel do Tema discursivo como marca da delimitação do tópico na conversação, evidenciando, assim, a estreita relação entre o Tema e a organicidade e centralidade do tópico discursivo.

Na próxima seção, podem-se encontrar as noções relativas ao texto/discurso que utilizamos nessa tese para descrever o Tema.

### **2.1. Algumas características da organização do discurso importantes na discursivização do Tema discursivo**

Castilho (2010) alarga a percepção de unidade discursiva para poder abarcar um maior campo de possibilidade em relação a estas unidades, uma vez que, na Abordagem Multissistêmica, o texto não é considerado um enunciado estático acabado. Nesta percepção, as unidades discursivas ocorrem na ativação do discurso (ou discursivização) e são definidas como

um segmento do texto caracterizado semanticamente por preservar a propriedade de coerência temática da unidade maior, atendo-se como arranjo temático secundário ao processo informativo de um subtema, e formalmente, por se compor de um núcleo e de duas margens, sendo facultativa a figuração destas. (CASTILHO, 2010, p.222)

Assim, o núcleo da unidade discursiva (UD) é composto por uma ou mais sentenças tematicamente centradas. Na margem esquerda ocorreriam marcadores discursivos orientados para a organização do texto; e, na margem direita, ocorreriam marcadores orientados para o interlocutor, como se pode observar na transcrição de um trecho de texto falado no quadro abaixo:

UDs	Marcador discursivo orientado para o texto	Sentenças tematicamente centradas	Marcador discursivo orientado para o interlocutor
UD1	∅	eu estive na... através de ((inaudível))...	∅

		em Cumaná... é uma praia... é um lugar... um litoral muito bonito	
UD2	Ø	que aliás é muito parecido com o nosso litoral norte...	sabe?
UD3	Mas  e...  e...	eu não conheço o nosso litoral norte...  fiquei lá durante três meses  e nesse tempo todo eu conheci bastante ((inaudível)) o povo de lá...  que é bem diferente e... bem diferente de nós...	Ø

**Transcrição textual de D2 SP 167:7-35. Adaptado de Castilho (2010, p.231)**

Para Castilho (2010), o correspondente na língua escrita a tópico discursivo é o parágrafo por ser considerado um conjunto estruturado de sentenças. O autor cita as palavras de Garcia (1982, p.197) para definir parágrafo como “uma unidade de composição, constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve ou se explana determinada idéia central, a que geralmente se agregam outras, secundárias, mas intimamente relacionadas pelo sentido”.

Nessa linha, o parágrafo seria composto por uma introdução (enunciação de ideia central por meio de um tópico frasal); desenvolvimento (colocação de ideias por meio de enumeração, detalhamento, confrontos, analogia e comparação) e conclusão. Os parágrafos ainda podem ser encaixados em dois tipos, os descritivos e os narrativos, nos quais se deve observar um determinado conjunto de estratégias.

Castilho (2010), além das características descritas acima sobre a formação da unidade discursiva como manifestação da discursivização, também mostra que a

reformulação do quadro tópico, por meio da repetição e da paráfrase, é associada à manifestação da rediscursivização e que a descontinuação do quadro tópico, por meio da parentetização e da digressão, é associada à manifestação da desdiscursivização.

Devemos esclarecer, neste ponto, dois conceitos que serão trabalhados ao longo da análise dos marcadores de Tema: as ideias de tópico discursivo e de marcadores conversacionais. Assim, por um lado, como se verá mais tarde na análise, o Tema desempenharia papel importante na construção de um texto, ou seja, na organização dos tópicos discursivos do texto. Por outro lado, os marcadores de Tema são classificados como um tipo de marcador conversacional.

### **2.1.1. Tópico discursivo e hierarquia tópica**

Para os pesquisadores do Grupo de pesquisa da Perspectiva textual-interativa do Projeto da Gramática do Português Falado, o recorte frasal não dá conta de dados pragmático-textuais que tomam o texto como objeto de estudo e nem do princípio de que os fatos interacionais se inscrevem na superfície do texto. Em suas pesquisas, o grupo chegou à constatação de que a topicalidade é o fio condutor da organização discursiva (JUBRAN, 2006, p.33) na macroestrutura do texto falado.

Dentro dessa perspectiva, a conversação é uma construção colaborativa desenvolvida na troca de turnos entre pessoas. Esses turnos são produzidos com referência ao turno anterior, o que indica que “há uma projeção de possibilidades que um elemento no turno antecedente desencadeia no turno seguinte” (JUBRAN, 2006, p.90).

A projeção seria indícios do caráter estruturado da conversação, indicando a possibilidade de existência de unidade de análise não restrita ao turno. Dessa forma, podem-se observar segmentos maiores que o turno e centrados num determinado tópico proeminente.

Jubran (2006) descreve o tópico da seguinte maneira:

O tópico decorre de um processo que envolve colaborativamente os participantes do ato interacional na construção da conversação, assentada num complexo de fatores contextuais, entre os quais as circunstâncias em que ocorre o intercâmbio verbal, o grau de conhecimento recíproco dos interlocutores, os conhecimentos compartilhados entre eles, sua visão de mundo, o background de cada um em relação ao que falam, bem como suas pressuposições. (JUBRAN, 2006, p. 90)

O sentido geral de tópico seria o de “acerca de”. Sua manifestação ocorre por meio de enunciados a respeito de um conjunto de referentes que são concernentes entre si e têm relevância num determinado ponto do texto.

Duas particularidades relacionam-se com o tópico discursivo: a centração e a organicidade.

A centração abrange os traços de:

- (i) concernência: relação de interdependência semântica entre os enunciados pela qual se dá sua integração no referido conjunto de referentes;
- (ii) relevância: proeminência desse conjunto por meio de posição focal do; elementos;
- (iii) pontualização: localização desse conjunto num determinado momento da conversação.

A organicidade é feita por relações de interdependência tópica estabelecidas de forma simultânea em dois planos:

- a) Hierárquico: “conforme as dependências de super ou subordenação entre tópicos que se implicam pelo grau de abrangência com que são tratados na interlocução”;

- b) Linear: “de acordo com as articulações intertópicas em termos de adjacência ou interposições de tópicos na linha do discurso”. (p.33)

Detemo-nos um pouco nessa questão da organicidade. Primeiramente na questão da hierarquia, e, posteriormente, na questão da linearidade.

Os níveis de hierarquização são configurados, num recorte vertical da estrutura tópica, por meio de relações de interdependência. Assim, tem-se camadas de organização nas quais podem ser observados desde um tópico amplo, passando por tópicos particularizadores, até tópicos mínimos.

As relações de interdependência entre os níveis hierárquicos de organização tópica originam quadros tópicos. Há duas condições necessárias e uma possível para os quadros tópicos. Elas são descritas a seguir:

- (i) Centração em tópico abrangente (supertópico ST), recobrindo e delimitando a parte do texto em que é focal;
- (ii) Divisão do ST em tópicos co-constituintes (subtópicos SbTs), que são “situados numa mesma camada de organização tópica, na medida em que apresentam o mesmo teor de concernência relativamente ao ST que lhes é comum” (JUBRAN, 2006, p.96).
- (iii) A condição possível refere-se às subdivisões no interior dos tópicos co-constituintes, que passa a ser um ST destes SbTs, o que confere um caráter de quadro tópico de nível inferior na hierarquia tópica.

Por sua vez, a linearidade na organização tópica é caracterizada por dois fenômenos: a continuidade e a descontinuidade.

A continuidade diz respeito à organização seqüencial de tópicos em que a abertura de um ocorre após o fechamento de outro, o que quer dizer que “ela se define por uma relação de adjacência entre segmentos tópicos, que ocorre na circunstância específica de esgotamento do tópico anterior e mudança para um novo tópico”.

A descontinuidade, ao contrário, está relacionada à perturbação da seqüencialidade linear quando:

- a) um tópico introduz-se na linha discursiva antes de ter sido esgotado o precedente, podendo haver ou não o retorno deste, após a interrupção;
- b) um tópico é apenas anunciado em determinado(s) momento(s) no texto, para somente ser desenvolvido em uma etapa posterior da conversação;
- c) um tópico já abordado anteriormente é reintroduzido em um ponto posterior do texto, de modo que os seus segmentos co-constituintes ficam distanciados na linha do discurso.

Pode-se, dessa forma definir a descontinuidade tópica pela ruptura tópica, pela cisão tópica e pela expansão tópica. Detalhemos um pouco estes casos de descontinuidade. (iii) pela expansão de um tópico anunciado anteriormente no texto.

Em primeiro lugar, a ruptura tópica pode ser definida pela suspensão definitiva de um tópico quando da introdução de um tópico novo, causando ruptura sem retorno ao interrompido. Há, dessa forma, a introdução de um tópico que não que não chega a ser desenvolvido, pois algum interlocutor muda o foco para outro tópico, sendo que o introduzido não reaparece mais no texto.

Em segundo lugar, a cisão tópica se refere à divisão de um tópico em partes. Na cisão podem ocorrer os fenômenos de inserção e alternância.

A inserção segue o esquema A B A, ocorrendo interpolação entre o tópico A e B. Nas palavras de Jubran (2006, p.101), “o segmento encaixado adquire estatuto tópico, porque instaura outra centração dentro de um tópico que estava em curso, provocando a sua divisão em partes não contíguas na linearidade discursiva”.

Esse tópico pode ganhar novos desdobramentos em outro momento da conversação ou permanecer marginalmente na organização tópica como um tópico paralelo<sup>5</sup>. Além desse segmento básico, podem ocorrer ainda mais duas formas de divisão de tópico em segmentos descontínuos:

- (i) há um primeiro segmento tópico em um determinado momento que é retomado posteriormente e desenvolvido em vários segmentos contíguos;
- (ii) pode-se ainda retomar um tópico, que já foi desenvolvido anteriormente, em vários segmentos contíguos, colocando mais algum aspecto desse tópico.

A alternância, por seu turno, é uma variante da inserção em que ocorre “a interpolação, em um segmento tópico, de elementos não pertinentes a ele, de modo que esse segmento se torna descontínuo na linha do discurso” (JUBRAN, 2006, p.103). Nesse caso, ocorre um esquema de revezamento entre dois tópicos A B A B, mas com descontinuidade de ambos.

Finalmente, em terceiro lugar, a expansão tópica, em que dados colocados de passagem anteriormente na conversação, sem serem segmentos tópicos, são desenvolvidos plenamente. Dessa forma, nos dizeres de Jubran (2006, p.104-105):

trata-se de dados que são mencionados no interior de um segmento tópico por estarem no horizonte temático da interação verbal e que vão passar para primeiro

---

<sup>5</sup> Jubran (2006, p.101) assim define tópico paralelo: “aquele que se centra num assunto proeminente, diferente do que é focal no ponto em que ele se intercala, e que não tem nenhuma relação de subordinação nem ao ST que recobre e encabeça o tópico cindido por ele, nem a qualquer outro tópico do texto”.

plano em pontos posteriores do desenrolar da conversa, quando então se configuram como tópicos.

Além da continuidade e da descontinuidade tópicas colocadas acima, há ainda três outros procedimentos da linearidade na organização tópica elencados por Jubran (2006): a transição de tópicos, a superposição de tópicos e o movimento de tópicos.

Na transição de tópicos, há a passagem gradual de um tópico a outro. Trata-se um recurso de manutenção da conversação para mudar bruscamente o tópico, “realizada por segmentos de uma conversação cuja função, na progressão tópica, é a de estabelecer uma mediação entre dois tópicos, pelo esvaziamento paulatino do precedente e o surgimento gradativo do subsequente” (JUBRAN, 2006, p.106). No entanto, esse segmento não pertence a nenhum dos tópicos circunvizinhos, sendo, pois, apenas uma ligação entre os dois tópicos.

A superposição de tópicos ocorre quando um locutor tenta introduzir um novo tópico enquanto o outro locutor ainda desenvolve o anterior, ou seja, há a convivência temporária entre dois tópicos na conversação. Essa superposição, todavia, é superada, uma vez que há o princípio de cooperação entre os interlocutores, orientando a ação verbal em um intercâmbio comunicativo. Se se prolonga a superposição, a colaboração mútua dos falantes e a interação ficam prejudicadas, pois cada um desenvolve um tópico sem levar em conta o que o outro locutor diz.

No movimento de tópico, por seu turno, há deslizamento de um aspecto do tópico para aspecto do mesmo tópico com o intuito de mencionar um conjunto de mencionáveis (referentes, entidades). Isso pode formar um quadro tópico no qual o tópico em desenvolvimento se torna um supertópico e seus mencionáveis assumem o papel de subtópicos. Os processos relacionados a esse movimento são os seguintes:

- (i) falar de entidades membros de uma mesma classe;
- (ii) uso de formulações alternativas sobre um objeto;

- (iii) desenvolvimento de um elemento já referido ou figurado marginalmente no tópico em curso;
- (iv) exemplificar;
- (v) sintetizar ou analisar o que se disse;
- (vi) comparar dados ou fatos mencionados.

### **2.1.2 Marcadores discursivos**

Urbano (2001, p.85) conceitua os marcadores conversacionais como “elementos que ajudam a construir e dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional”. Isso indicaria sua função como articuladores das unidades cognitivo-informativas do texto bem como dos interlocutores, “revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático” (URBANO, 2001, P.85-86).

Assim, os marcadores conversacionais desempenham o papel de amarrar o texto enquanto estrutura verbal cognitiva e também enquanto estrutura de interação interpessoal. São denominados marcadores conversacionais porque marcam funções interacionais na conversação. No entanto, Risso; Silva e Urbano (2006, p.404) preferem a designação de marcadores discursivos por ser mais adequada e abrangente, uma vez que a de marcadores conversacionais seria mais limitada “por sugerir, de forma inevitável e inadequada, um comprometimento exclusivo com a língua falada e, dentro dessa modalidade, com um gênero específico, que é a conversação”.

Urbano (2001) mostra características gerais dos marcadores no plano formal, no plano semântico, no plano sintático e no plano discursivo.

Formalmente, os marcadores podem ser classificados em linguísticos e não linguísticos. Os marcadores linguísticos podem ser de natureza verbal, como os

lexicalizados *sabe?*, *eu acho que* e como os não-lexicalizados *ahn ahn*, *eh eh*. Ou ainda ser de natureza prosódica, como pausa, entonação, alongamento, mudança de ritmo e de altura, entre outros. Os marcadores não linguísticos referem-se ao olhar, riso, meneios de cabeça e gesticulação. Os marcadores verbais ainda podem apresentar uma outra classificação em relação a sua forma: (i) elementos simples (*sabe?*) (ii) compostos ou complexos (*quer dizer*, *no fundo*) (iii) oracionais (*eu tenho a impressão de que*).

Semanticamente, a maioria dos marcadores discursivos são vazios ou esvaziados de conteúdo semântico, pois trata-se de (i) elementos prosódicos; (ii) elementos verbais não lexicalizados; (iii) elementos lexicalizados com esvaziamento de conteúdo semântico, mas com grande importância estratégica de testar o grau de atenção e participação do interlocutor; (iv) expressões ainda semanticamente válidas, mas tratam-se apenas de um posicionamento do falante em relação ao que se diz; (v) elementos que mantêm uma parte do significado e da função sintática, acrescentando ainda uma função pragmática.

Sintaticamente, considerando-se os marcadores verbais lexicalizados ou não, pode-se notar que não se trata de emissões completas por si mesmas e autônomas entonacionalmente o que caracterizaria uma independência sintática, principalmente quando se posicionam no início ou quando não apresentam verbo. Os não lexicalizados também não integram a estrutura sintática da oração embora possam entremear a estrutura oracional. Há casos configurados como exceção, como o de *eu acho que*, que apresenta uma relação de complemento entre oração e marcador, funcionando como oração principal. Assim, nas palavras de Urbano (2001, p.89) “eu acho que não é sintaticamente independente, mas o é em relação ao conteúdo da oração seguinte”.

Por fim, Urbano ainda considera as funções comunicativo-interacionais, assinalando a própria definição de marcador, como exposto anteriormente: (i) tem a função de construir e dar coesão e coerência ao texto; (ii) são articuladores das unidades cognitivo-informativas do texto e também dos seus interlocutores; (iii) amarram o texto no aspecto da estrutura verbal cognitiva e também no aspecto da interação pessoal.

Essas ideias também podem ser vistas em Castilho (1989), para quem os marcadores tem função na organização do texto, sendo que esta função pode ser de dois tipos: função

interpessoal e função ideacional. Estas, por sua vez, corresponderiam aos marcadores interpessoais, com função na administração dos turnos conversacionais, e aos marcadores ideacionais, com função na negociação do tema e seu desenvolvimento.

Nos trabalhos do Grupo de Organização Textual-Interativa do Projeto de Gramática do Português Falado, reunidos no volume I da coleção Gramática do Português Falado, *Construção do Texto Falado*, organizado pelas pesquisadoras Clélia Jubran e Ingedore Koch (2006), os capítulos dedicados aos marcadores conversacionais procedem a uma outra classificação, de ordem textual-interativa: marcadores discursivos basicamente sequenciadores (Risso, 2006) e marcadores discursivos basicamente interacionais (Urbano, 2006).

Há, em Castilho (2010, 2011), um quadro que elenca os marcadores discursivos de acordo com as funções que exercem. Observe-o:

MARCADORES PRAGMÁTICOS OU INTERPERSOAIS (= orientados para o interlocutor)	MARCADORES TEXTUAIS OU IDEACIONAIS (= orientados para o texto)
<p>Iniciais:</p> <p><i>ah... eh... ahn...</i></p> <p><i>olha...</i></p> <p><i>e aí, tudo bem?</i></p> <p><i>tudo em cima/riba?</i></p> <p><i>escuta... vem cá...</i></p> <p><i>como você sabe...</i></p> <p><i>mas...</i></p>	<p>Iniciam o tópico:</p> <p><i>bom...</i></p> <p><i>bem...</i></p> <p><i>assim...</i></p> <p><i>seguinte...</i></p> <p><i>por exemplo...</i></p> <p><i>e por falar em...</i></p> <p><i>quanto a ...</i></p> <p><i>você já ouviu a última?</i></p>
<p>Mediais:</p> <p><i>...é...</i></p> <p><i>...é claro...</i></p>	<p>Recusam o tópico:</p> <p><i>essa não!</i></p> <p><i>peraí, sem essa!</i></p>

<p><i>...exato...</i></p> <p><i>...tá...</i></p> <p><i>...tô entendendo...</i></p>	<p><i>corta essa!</i></p> <p><i>xi:: lá vem você de novo!</i></p>
<p>Finais:</p> <p><i>...sabe? sabia?</i></p> <p><i>...entende?</i></p> <p><i>...compreende?</i></p> <p><i>...não é mesmo?</i></p> <p><i>...não é? né?</i></p> <p><i>...tá?</i></p> <p><i>...viu?</i></p> <p><i>...pô!</i></p>	<p>Aceitam o tópico:</p> <p><i>tá bom...</i></p> <p><i>vamos lá...</i></p> <p><i>ok...</i></p> <p><i>fala...</i></p>
	<p>Organizam o tópico:</p> <p><i>inicialmente...</i></p> <p><i>primeiramente...</i></p> <p><i>em segundo lugar...</i></p> <p><i>em seguida...</i></p> <p><i>e então...</i></p> <p><i>e aí...</i></p> <p><i>agora...</i></p> <p><i>e depois...</i></p> <p><i>outra coisa...</i></p> <p><i>e tem mais...</i></p>
	<p>Operam a mudança de tópico:</p> <p><i>já (em a agricultura vai bem, a indústria se expandiu, já a situação do emprego não acompanhou esse progresso todo.)</i></p>
	<p>Modalizam o tópico:</p> <p><i>sim, mas...</i></p> <p><i>pra mim...</i></p> <p><i>eu acho que...</i></p>

	<p><i>parece que...</i></p> <p><i>pode ser que...</i></p> <p><i>possivelmente...</i></p> <p><i>provavelmente...</i></p> <p><i>disque... (= dizem que...)</i></p> <p><i>sei lá...</i></p> <p><i>não sei...</i></p> <p><i>de certa maneira...</i></p> <p><i>num certo sentido...</i></p> <p><i>basicamente...</i></p>
	<p>Finalizam o tópico:</p> <p><i>papapa...</i></p> <p><i>e coisa e tal...</i></p> <p><i>valeu...</i></p> <p><i>é isso aí...</i></p> <p><i>falô...</i></p>

**Marcadores discursivos: funções e colocação no enunciado. In: Castilho (2010, p.229-230)**

É de extrema importância para esta tese observar o fato de que Castilho elenca, entre os marcadores discursivos com função ideacional de iniciar o tópico, as expressões *quanto a* e *por falar em*, por exemplo, que são marcadores de Tema, ou seja, Castilho (2010, 2011) encaixa os marcadores de Tema dentro da classe de marcadores discursivos.

### 3. Tema e semanticização

Como o Tema tem independência sintática em relação à oração que o segue e tem papel importante em porções maiores de texto, Dik (1997) sustenta dois tipos de relações possíveis entre o Tema e a Oração. Isso é representado no seguinte esquema:

(2) a.  $(X_i)_{\text{Tema}}$  ,  $(\dots(X_i)\dots)_{\text{Oração}}$

b.  $(X_i)_{\text{Tema}}$  ,  $(\dots\dots\dots)_{\text{Oração}}$

Em (2a) o Tema é retomado dentro da oração por um elemento anafórico, pronome pessoal ou demonstrativo correferencial ao Tema, como nos seguintes exemplos:

(3) *o Corpo dos Ministros* achei-os em uma tal desunião, uma intriga entre si, que estava a administração da justiça digna da maior compaixão, tenho principado a mexer em tudo, porém o tempo é pouco... (Laura, 2003)

(4) *As figurinhas das balas holandesas* – estas eram da nossa infância. (Laura, 2003)

As combinações entre o Tema e a Oração, na relação representada pelas ocorrências acima, podem ser descritas em termos sintático-semânticos. Nesses casos, o Tema é relembrado dentro da Oração pelo pronome pessoal *os* em (3) e pelo demonstrativo *estas* em (4). O constituinte anafórico ao Tema pode também ser um termo lexical como no exemplo a seguir em que o falante faz remissão a um Tema de grande extensão por meio da expressão resumitiva *todos esses motivos*:

(5) *o grandíssimo amor, e respeito que sempre professei à casa de V. Ex<sup>a</sup>, a grande estimação com que sempre contemplei as estimáveis alianças que a minha Casa tinha a honra de ter com a de V. Ex<sup>a</sup>, tôdos esses motivos acrescentam o grandíssimo gôsto com que estimo que se achasse desembaraçada em minha Casa um filha que creio que o especial amor que sempre tenho tido era já um presságio de haver de dever-lhe a ela o renovarem-se tão gostosamente para mim os vínculos tão estimáveis do nosso parentesco* (Laura, 2003)

Esses mesmos tipos de relação não podem ser estabelecidos no caso de (2b) descrito acima em que o Tema não é retomado na oração. Porém, nesse caso também há restrições sobre as combinações possíveis de Tema+Oração, como se vê a seguir:

(6) *Quanto às suas despesas com automóvel, ajustaremos contas depois.* (Laura, 2003)

Não se pode considerar essa relação num nível apenas sintático-semântico, pois a avaliação da combinação Tema+Oração, nesse caso, está relacionada mais ao conhecimento de mundo e ao conhecimento partilhado entre falante e ouvinte do que ao conhecimento de língua. Salienta-se aqui a discussão que Ilari (1986) já havia feito acerca do papel do contexto, do *dizer respeito a* e da inferência convidada na relação entre Tema e Oração.

Na visão de Ilari (1986), os segmentos mais longos que a oração dominados por um mesmo Tema receberiam uma mesma “chave de interpretação”. Para explicar isso, o autor se volta para duas questões centradas na semântica acerca do Tema: (i) a relação entre Tema e comentário, ou, mais especificamente, o fato de o tópico identificar indivíduos ou noções a que o comentário diz respeito e (ii) a relação entre Tema e inferências convidadas.

Em relação à questão (i), Ilari (1986) se vale da ideia de que a oração pode ser segmentada em unidades entonacionais informativas (cf. Halliday, 1967, apud Ilari, 1986) para explicar o papel do tópico. Assim, pode-se considerar que o tópico é distribuído a

todas as orações que se incluem no comentário. Consequentemente, uma frase seria inaceitável se essa distribuição for bloqueada semanticamente, como no exemplo abaixo:

(7) O velho, teve um ataque de rins e o filho morreu de embolia cerebral. (Ilari, 1986)

em que a segunda parte da oração a partir da vírgula constitui uma única unidade entonacional.

Para Ilari (1986, p.199), esse exemplo ilustrado em (7) indicaria que o tópico “é um *termo da oração* que, embora *deslocado para a esquerda*, mantém seu papel da actante ou circunstancial na estrutura sintático-semântica da mesma”. O autor lembra que, embora isso possa ocorrer na maioria das vezes, se essa solução for paradigmática, ela seria simplista, uma vez que também ocorrem Temas com a seguinte forma:

(8) A propósito de sorte, Pedro ganhou a loteria. (Ilari, 1986)

(9) Por falar em dinheiro, você me emprestaria 2000 cruzeiros? (Ilari, 1986)

(10) Quanto a mandar o dinheiro para o exterior, não conheço nenhum banco que o Zé tenha ficado satisfeito. (Ilari, 1986)

os quais também estão sujeitos a restrições como no exemplo (7). (11) e (12) abaixo, por exemplo, são constituídos sintaticamente de um tópico seguido por um comentário com duas orações:

(11) Por falar em sorte, aqui em casa Pedro ganhou na loteria e José recebeu uma herança. (Ilari, 1986)

(12) Por falar em sorte, Pedro ganhou na loteria e José está com câncer. (Ilari, 1986)

Uma possível estranheza em (12) seria *câncer* ser tratado como um exemplo de sorte; em outras palavras, seria difícil entender que a segunda oração do comentário tem algum papel em relação ao tópico da mesma forma que a oração em (11). De qualquer forma, vê-se aqui mais uma vez uma explicação pautada no fenômeno de distribuição já descrito anteriormente. Por outro lado, se levarmos o papel do contexto nesse tipo de construção, poderíamos supor um contexto irônico, de sarcasmo, por parte do falante, tornando (12) uma construção sem estranhamento.

No entanto, nos Temas com marcação, as restrições impostas a elas não são estritamente gramaticais. Na verdade, de acordo com Ilari (1986, p. 200), essas restrições “precisam levar em conta uma série de conhecimentos *do mundo* (informações objetivas, mas também opinião, crenças, etc.) compartilhadas entre os falantes”. Assim, a possibilidade de construir um Tema é variável de acordo com o contexto. É o que ocorre com as orações (13) e (14) abaixo, que podem ser aceitáveis a depender do contexto, o que não parece ocorrer com (12) acima.

(13) Por falar em joias, você tem um frango na geladeira? (Ilari, 1986)

(14) A propósito da rua Secundino Veiga, você sabe que as duas focas andaram-se pegando, de novo, pelos cabelos? (Ilari, 1986)

Com base nos exemplos mostrados, o autor tece uma exigência em relação ao que é comum entre os casos nos quais o Tema é aceitável: o comentário e o tópico devem se dizer mutuamente respeito. Salienta-se, dessa forma, o papel do contexto para a aceitabilidade de uma construção de Tema.

Ilari (1986) também usa outra questão semântica para explicar a noção de “chave de interpretação”: as inferências convidadas. As análises de Ilari nos conduzem a uma ideia ainda mais clara acerca da relação entre Tema e comentário.

Para esse autor, a inferência convidada seria mais bem explicada dentro da concepção do intercâmbio linguístico como atividade cooperativa nos termos de Grice. Nessa linha, “os participantes de um intercâmbio linguístico cooperativo esperam e se exigem fornecer as informações mais exatas possíveis dentro da situação, e que qualquer desvio dessa norma (...) é caracterizado como uma manobra, e compromete o intercâmbio” (ILARI, 1986, p.206-207).

Assim, no âmbito de um intercâmbio linguístico, o raciocínio do ouvinte acerca do tópico-comentário é descrito da seguinte forma por Ilari (1986, p. 207).

O locutor está me informando de que o comentário é a respeito do tópico t. Há uma classe de indivíduos que, no presente discurso, são imediatamente lembrados em conexão com o referente t e estão em contraste com ele. Se o locutor recusa mencioná-los, é porque não pode fazê-lo sob pena de transgredir alguma norma conversacional importante. Esta norma não pode ser a relevância (os indivíduos em contraste com o referente de t são referentes deste discurso). É plausível que a aplicação do comentário a esses indivíduos resulte em informação falsa.

Esse raciocínio nos levaria a dizer que as referências convidadas são apenas uma forma, em contexto de oposição, de dizer que o comentário é *a respeito do* tópico, ou seja, a existência de referências convidadas deixaria, em certas circunstâncias, a definição semântica de Tema menos vaga.

A relação estabelecida entre Tema e comentário descrita por Ilari nos leva a pensar acerca de outros processos que estejam envolvidos na semanticização do Tema.

Como estamos falando de referentes que desempenham um papel de Tema, o processo de Referenciação nos ajudaria a descrever como o Tema se comporta no sistema semântico, evidenciando sua (re)construção como objeto de discurso, além do caráter anafórico, seja correferencial ou não, dos referentes no comentário.

O processo de referenciação é importante na descrição do Tema na medida em que, como salientam Mateus et al (1989), a função cognitiva do Tema é “selecionar e ativar um

elemento existente na memória passiva do alocutário, transferindo-o para uma memória activa em que possa ser combinado com novos elementos cognitivos introduzidos pelo comentário”.

Outro processo envolvido na semanticização do Tema é de Apresentação e Predicação. Dessa forma, seguindo Castilho (2010), proporemos que o Tema também está associado ao processo de Apresentação enquanto as orações do comentário, ao processo de Predicação.

Esses processos, Referenciação, Apresentação e Predicação, são descritos na seção 3 deste capítulo.

### **3.1.Noções semânticas relacionadas ao Tema**

Castilho (2007) diz que a categorização dos sentidos pode ser estabelecida pelos seguintes processos semânticos básicos: a dêixis, a referenciação, a predicação, a foricidade e a conexidade. Vamos abordar dois desses processos aqui: a predicação/apresentação e a referenciação.

#### **3.1.1. Apresentação e predicação**

Castilho (2010), ao tratar da semântica do verbo, adota uma distinção entre predicação e apresentação assentada nas palavras de Franchi, Negrão e Viotti (1998):

na predicação [...] o sujeito se interpreta como referindo-se a um indivíduo cuja existência é pressuposta no universo do discurso; o sintagma verbal expressa uma propriedade do sujeito, que é, pois, temático. Na apresentação [...], o sintagma verbal denota, essencialmente, a introdução do sujeito no universo do discurso (FRANCHI, NEGRÃO E VIOTTI, 1998, p. 107)

Castilho assume, assim, que apresentar refere-se à introdução de um novo participante ou um novo estado de coisas no discurso, enquanto predicar está relacionado à atribuição de propriedades semânticas ao argumento de um operador.

Na predicação, um operador toma o outro como escopo, transportando propriedades das quais o escopo não dispunha. Nos dizeres de Castilho (2010, p.128), “a predicação, portanto, é uma operação de transferência de traços semânticos que se manifestam pela sentença e pelo texto” (CASTILHO, 2010, p.128). Esse conceito de transferência inclui a predicação no MOVIMENTO fictício, pelo qual há um deslocamento imagético de um OBJETO.

A predicação, dessa forma, pode ser definida como “a relação entre um predicador e seu escopo, tal que o predicador atribui traços semânticos, papéis temáticos entre um predicador e seu escopo” (CASTILHO, 2010, p.129).

Por outro lado, as sentenças apresentacionais ou existenciais respondem à pergunta “quem é X?”/“o que é X?”, introduzindo um tópico novo no discurso. A estrutura sintagmática resultante é [verbo+sintagma nominal]. Nesse enfoque, Bolinger (1975) reconheceu a função apresentativa entre as funções da linguagem.

De acordo com Franchi, Negrão e Viotti (1998, p.113), a apresentação é um processo sintático por meio do qual um de seus constituintes é colocado em proeminência, como o “foco apresentativo”. Os exemplos a seguir ilustram alguns casos de apresentação na língua portuguesa:

(15)Em São Paulo *tem* um problema específico de ter-se tornado um centro industrial.

(16)*Tinha* um gato preto perto dele.

(17)Ali *havia* uns eucaliptos sendo plantado lá, não?

(18)*Existe* muitos outros meios de transporte que não são explorados (DID SP 46)

(19)A – Mas será possível que não veio ninguém hoje?

B – Bem, *há* eu aqui, não serve?

(20)A – Mas quem será, a estas horas?

B – *É* o Luís.

(21) *É* cedo. *É* tarde. *É* sexta-feira. *Era* uma vez um gato de botas.

(22) *Faz/Há* cinco anos que não o vejo.

Esses verbos não predicam nem o sujeito nem o argumento interno, ou seja, não lhes atribuem traços procedentes de suas propriedades intensionais. Sua função aparece na situação em que há a inserção de um tópico discursivo, que é representado pelo sintagma nominal precedido pelo verbo apresentacional.

Castilho (2010) elenca algumas das propriedades dos elementos transcritos em itálico:

- (i) Trata-se de verbo impessoal, fronteado, que opera na organização da estrutura sintagmática [verbo+sintagma nominal]. São verbos que se gramaticalizaram como verbos funcionais, ou seja, no caso desses verbos, não há atribuição de papel temático, o que significa que a predicação é exercida pelas expressões locativas e temporais presentes na sentença e não pelo verbo.
- (ii) Há a presença de um único sintagma nominal, geralmente indefinido, cujo verbo não é predicativo, não atribuindo papel argumental a este argumento único. Sua posição é pós-verbal, com exceção em casos de repetições e de topicalizações, como se pode ver respectivamente em (23) e (24):

(23)– Afinal, não *há* dinheiro?

- Dinheiro *há*, só que não és suficiente.

(24)O trinco só *tem* numa porta.

- (iii) Há ocorrência de expressões locativas e temporais explícita ou elípticamente, frequentemente posicionadas na esquerda da sentença.

Os verbos apresentacionais também podem servir para estruturar a sentença matriz de uma sentença complexa, como nos exemplos a seguir:

(25) *Acontece* que sair de uma crise com uma reforma repelida pelos eleitores pode nos jogar numa próxima crise. (F. Gabeira, “Reforma a toque de caixa”, *Folha de S. Paulo*, 8 maio 2009)

(26) Então com essa massa éh:: ela é simplesmente espalhada e::... aplaiNada... sobre a parede... *acontece* que:: éh... essa... aplicação... nunca fica muito uniforme... então ela torna-se um pouco grosseira... (DID REC 004)

(27) *ocorreu* na conclusão da construção de um edifício aqui próximo... que a prefeitura exigiu... para esse edifício... éh o serviço de coleta: sanitária... (DID REC 004)

(28) *Ocorre* que tal condescendência não só afeta a eficiência da máquina mas também gera multiplicação de exigências burocráticas sobre o povo. (I. G. da Silva Martins, “Radiografia atual da crise”, *Folha de S. Paulo*, 8 maio 2009)

Dessa forma, os verbos *acontecer* e *ocorrer* introduzem no discurso um estado de coisas em torno do qual o texto vai se desenvolver, que é a função dos verbos apresentacionais, como mostrado anteriormente.

### 3.1.2. Referenciação

Nessa tese, adotamos o mesmo sentido de referenciação considerado pela *Perspectiva Textual-Interativa da Gramática do Português Culto Falado no Brasil*.

Nessa perspectiva, Marcuschi e Koch (2006) consideram a referenciação como “aquilo que designamos, representamos, sugerimos quando usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades designadas são vistas como *objetos-de-discurso* e não como *objetos-do-mundo*”.

Nessa perspectiva, o cérebro reelabora dados sensoriais para apreender e compreender, sendo que essa reelaboração se dá no discurso, o que quer dizer que ela obedece a restrições culturais, sociais, históricas e até as do processamento de uso da língua.

Lembram esses autores que referir não implica remeter pontualmente nem retomar, pois a referenciação é “uma atividade de designação realizável com a língua sem implicar uma relação especular língua-mundo”, enquanto a atividade de remissão se refere ao processamento indicial na cotextualidade e a atividade de retomada diz respeito à “continuidade de um núcleo referencial, seja numa relação de identidade ou não”.

Na verdade, a noção de referenciação que está por trás do pensamento de Marcuschi e Koch (2006) está explicitada nas palavras de Apothéloz e Reichler-Beguélin (1995, p. 228, apud Koch, 2004, p.30):

De maneira geral, argumentaremos (...) em favor de uma concepção construtivista de referência (-); assumiremos plenamente o postulado segundo o qual os chamados ‘objetos-de-discurso’ não preexistem naturalmente à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas devem ser concebidos como produtos – fundamentalmente culturais – desta atividade

Esses autores, dessa forma, consideram a referenciação uma atividade discursiva, em cuja constituição ocorrem as operações básicas de construção, reconstrução e desfocagem dos objetos-de-discurso (cf. Koch, 2004).

A construção dos referentes textuais se dá por meio da ativação, que pode ser ancorada e não ancorada, conforme mostra Koch (2004).

O objeto-de-discurso não ancorado é aquele totalmente novo introduzido no texto, alojando-se na memória do interlocutor. O exemplo a seguir, de Koch (2004, p. 32) ilustra isso. O ex-presidente americano *G. W. Bush* é um objeto de discurso que é construído e reconstruído no texto de várias formas: ora como Bush 2º, ora como caubói aloprado.

(29) (Koch, 2004)

Com a perigosa progressão da *demência bélica de Bush 2º* [CONSTRUÇÃO] cabe uma indagação: para que serve a ONU? Criada logo após a 2ª Guerra Mundial, como substituta da Liga das Nações, representou uma grande esperança de paz e conseguiu cumprir seu papel durante algum tempo, amparando deslocados de guerras, mediando conflitos, agindo pela independência das colônias (...)

É sem guerra não dá. Num mundo de paz, como iriam ganhar seu dinheirinho os industriais de armas que pagaram a *duvidosa eleição de Bush 2º, o Aloprado?* [NOVA CONSTRUÇÃO A PARTIR DE REATIVAÇÃO] Sem guerra, coitadinhas da Lockheed, da Raytheon (escândalo da Sivan, lembram?). Com guerra à vista, estão faturando firme. A ONU ainda não abençoou *essa nova edição de guerra santa, do terrorismo do bem e do terrorismo do mal* [RECONSTRUÇÃO POR RECATEGORIZAÇÃO]. (...) *O Caubói Aloprado* [RECONSTRUÇÃO POR RECATEGORIZAÇÃO] já nem disfarça mais. (...)

Já o objeto-de-discurso ancorado é introduzido na forma de um elemento dado devido a algum tipo de relação com outros elementos do cotexto ou do contexto sociocognitivo, podendo se tratar de uma associação ou de uma inferenciação. O exemplo a seguir, de Koch (2004) mostra isso:

(30) (Koch, 2004)

Na semana passada, tivemos finalmente uma novidade. Foi a invasão pacífica de um shopping carioca pela Frente da Luta Popular. Cerca de 130 pessoas entre punks, estudantes

e favelados, entraram naquele, hum, “templo do consumo”, olharam as *vitrines*, comeram sanduíches de mortadela, declamaram poemas de Pablo Neruda e, bem, foram embora, deixando apreensões e mal estar no ambiente.

*Vitrine* é o elemento ancorado por estabelecer uma espécie de relação metonímica com *shopping*.

O exemplo abaixo seria outro tipo de ancoragem, uma vez que o objeto de discurso *jovem* está ancorado ao objeto de discurso *debate em uma Universidade* por meio de uma relação indireta construída inferencialmente.

(31) (Koch, 2004)

Durante um debate recente em uma Universidade, nos Estados Unidos, o ex-governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque do PT, foi questionado sobre o que pensava da internacionalização da Amazônia. O *jovem* introduziu sua pergunta dizendo que esperava resposta de um humanista e não de um brasileiro. (...)

Podemos, neste ponto, fazer uma associação com as construções de Tema, na medida em que um Tema pode ser um objeto de discurso (re)ativado no momento da interação verbal e que vai sucessivamente, durante a construção do texto, passando por reconstruções. A questão é se uma construção de Tema é um tipo de referência construída por ancoragem ou não ancoragem. Nos capítulos de análise, voltaremos a isso.

Na reconstrução, ocorre a manutenção dos objetos de discurso em foco, originando as cadeias referenciais ou coesivas, cujo papel é a progressão referencial do texto. Os recursos utilizados na reconstrução dos referentes textuais são, segundo Koch, de ordem gramatical (pronomes, elipses, numerais, advérbios locativos, etc.) ou lexical (reiteração, sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, expressões nominais, etc.).

Já mostramos neste capítulo que as construções de Tema estabelecem com o comentário dois tipos de relação. Na primeira relação, o Tema é retomado dentro do comentário por meio de um correferente. Na segunda relação, não há uma retomada do Tema dentro do comentário, mas não significa que não há nenhuma forma de remissão ao Tema no comentário. Cremos que essas formas remissivas sejam estratégias de reconstrução do Tema no comentário. Nos capítulos de análise, mostraremos isso com mais detalhes.

A desfocagem está associada à introdução de um novo objeto de discurso ocupando a posição focal. Isso, todavia, não inutiliza o objeto abandonado, pois este permanece na memória imediata do falante em estado de ativação parcial, podendo ser novamente colocado na posição focal.

A desfocagem ocorreria com o Tema também, ou seja, haveria alguma estratégia por parte do falante para abandonar um Tema como objeto de discurso e introduzir outro?

Além dessas operações básicas de construção, reconstrução e desfocagem dos objetos de discurso, a progressão referencial apresenta algumas estratégias como as examinadas por Koch e Marcuschi e Koch (2006).

A primeira estratégia diz respeito às formas linguísticas nas quais ocorrem, no mínimo, determinante definido e nome. Podem ser distinguidas nessas estratégias as descrições definidas e as nominalizações.

As descrições definidas operam uma seleção de propriedades, dentre as várias de um referente, que é relevante numa situação de interação. Em outras palavras, a sucessão de um mesmo referente constrói-se com a seleção de novos aspectos. O exemplo a seguir ilustra este caso:

(32)[D2 SP 360: 589-601]

L2 – houve uma série de irrê/éh:: de irregularidades... nas lis/na *apresentação da lista de classificação* irregularidade foi engano... no no fazer ... na *confeção da lista*

... *de de aprovados* houve/houve começaram a haver alguns enganos ... então o pessoal que mandava com mandado de segurança ... é aritmética (às vezes) de somar número de pontos ... então eles entraram com mandado de segurança ... anulando *aquela lista de classificação* ... e então havia publicação de outras ... e assim foi indo e:: e a:: ... de acordo com o edital a validade é de dois anos DA *publicação ... dos resultados ... da lista de aprovados* ... então com a:: com esta ... com este recurso de mandado de segurança ... não foi propriamente o recurso foram coisas que realmente aconteceram ...

Neste exemplo, o mesmo referente é sucessivamente construído, mas em cada construção são selecionados aspectos novos relativos às várias propriedades dele, como *apresentação, confecção, publicação, etc.*

Já as nominalizações são formas de transformar em objeto de discurso informações que antes não possuíam esse estatuto. Na verdade, segundo Marcuschi e Koch (2006, p.389), elas “são resultantes de encapsulamentos operados sobre predicções antecedentes ou subsequentes, ou seja, sobre processos e seus actantes, os quais passam a ser representados como objetos-acontecimento na memória discursiva dos interlocutores”. Observe o exemplo a seguir para se ter uma ideia dessa estratégia:

(33)[EF SP 338: 13-23]

Inf. – quais as razões que levam as pessoas a ... *demandarem moeda* a procurarem moeda guardarem moeda ... a moeda como tal ... o que ... por que as pessoas têm moeda ao invés ... de comprar títulos ... comprar artigos comprar imóveis ... o que faz com que num determinado instante de tempo as pessoas tenham moeda ... no bolso ... ou seja quais os motivos que explicam *a demanda de moeda* porque as pessoas procuram moeda por que as pessoas reTÊM moeda ... essa é a nossa preocupação ... hoje ...

Além das expressões nominais definidas, Marcuschi e Koch (2006) mostram também o papel da anáfora na progressão referencial. A concepção desses autores não é de uma anáfora como uma estratégia de retomada por meio de um elemento linguístico, pronominal, muitas vezes, de um elemento lexical que o antecede no cotexto. Trata-se, na visão adotada por Marcuschi e Koch, de uma anáfora mais abrangente, “como um processo em que se dá uma relação entre dois elementos textuais” (MARCUSCHI e KOCH, 2006, p.391). O primeiro elemento é chamado de fonte ou âncora e o segundo, anafórico.

A remissão desses elementos pode ser de (i) um sintagma para outro sintagma; (ii) um sintagma para uma oração; (iii) um pronome para um sintagma; (iv) um pronome para uma oração; (v) etc. Podemos incluir também a remissão a um contexto textual ou ainda, por associação, a uma inferência no cotexto quando a fonte não é explícita lexicalmente.

Marcuschi e Koch (2006) mostram dois casos de anáforas: a pronominalização e a associação.

A ideia de pronominalização desses autores está ligada a uma anáfora sem um antecedente cotextual explícito, ou seja, o pronome não se refere a um referente lexicalizado no cotexto, mas algum tipo de relação com alguma ideia expressa. Veja o exemplo:

(34)[*DID RJ 328: 63-80*]

Inf. – eu gosto mais de laranja ... eu gosto de qualquer tipo de fruta ... mas como muita laranja [...] essas frutas assim que são mais conhecidas *aqui no Rio* ... porque engraçado que ... quando a gente viaja ... a gente observa que as frutas de outros estados são totalmente diferentes ... coisas até bastante deco/ desconhecidas ... com nomes estranhíssimos e os que *nós* {= os cariocas} *temos aqui* têm nomes diferentes na/ noutras regiões ... né? como ... por exemplo ... *no norte* ... *eles* {=os nortistas} *têm* assim uma variedade de frutas imensa ... mas não são muitas frutas ... [...] no Amazonas por exemplo ... *que nós estivemos em Manaus* ... ah ... nós

passamos uma tarde num *num lugar onde eles* {= os de Manaus} serviram uma refeição e depois era só frutas ... mas frutas que realmente nunca havia visto [...] completamente diferentes daquelas que nós estamos acostumados aqui no Rio [...] o norte *principalmente na Amazonas e no Pará* ... a influência indígena sobre a alimentação é muito grande ... *eles* {os amazonenses e paraenses?} *comem* muitas coisas todas assim [...] *o Amazonas é impressionante* o número de frutas e frutas assim tudo duro ... tipo assim cajá-manga ... *eles* {os amazonenses} *têm muita coisa assim*

As expressões *aqui no Rio* e *o norte* fornecem indicadores para a interpretação, respectivamente, de *nós* {= os cariocas} e *eles* {=os nortistas}, mostrando que os pronomes estão fazendo referência a indivíduos diretamente designados, mas inferíveis a partir dessas expressões.

O outro caso de anáfora descrito por Marcuschi e Koch (2006) é a associação. Há quatro fatores ligados a este tipo de anáfora:

- (i) introdução de referente novo acompanhado de artigo definido, como se fosse informação conhecida;
- (ii) menção de um referente anterior diferente do da anáfora associativa que serve de fonte para essa anáfora;
- (iii) anáfora associativa tem caráter inferencial;
- (iv) marca de definitude dos dois sintagmas nominais é necessário para caracterizar a formalmente a relação entre os dois referentes.

O exemplo a seguir ilustra um caso de anáfora associativa:

(35)[*DID POA 06: 400-6*]

Inf. – então ali tinha *essa igreja* ... então quando nós nós íamos à *Missa* ... eu gostava muito de ir à missa lá porque tinha que ir à missa todo domingo ... senão descontava um ponto no ... no meu currículo ... de escola ... então interessante que a preocupação nossa era saber a COR da:: indumentária do *padre* ...

Neste exemplo, a sequenciação dos elementos *missa* e *padre* encadeia-se ligada ao contexto central do *frame* de *igreja*. Ocorre, assim, um encadeamento por associação sem correferenciação, o que não impede, porém a progressão dos referentes.

Marcuschi e Koch (2006) ainda descrevem três estratégias de referenciação por recategorização lexical que ocorrem com descrições definidas.

A primeira estratégia é a de rotulação. A noção é de que esta estratégia “promove uma recategorização da informação precedente por meio de novas predicções atributivas, ajustando o saber disponível a respeito do objeto-de-discurso”. Veja o exemplo a seguir, abstraído de Marcuschi e Koch (2006, p.392), em que os termos grifados fazem trazer novos atributos ao objeto de discurso:

(36) (Marcuschi e Koch, 2006)

Um homem sozinho, com uma jaqueta numa das mãos e um embrulho na outra, com um ar de quem tanto podia ter saído de uma manifestação como estar a caminho do trabalho ou das compras. Um homem de camisa branca e calças pretas. Um chinês num oceano de 1,1 bilhão de chineses. Um desconhecido. Sobre a montanha de cadáveres com a qual o regime chinês reafirmou a sua tirania na semana passada, ao reprimir com punho impiedoso os estudantes reunidos em nome da democracia na Praça da Paz Celestial, *esse cidadão anônimo* fixou uma imagem poderosa. Durante seis minutos, na manhã da última segunda-feira, *o homem da camisa branca* brincou de dançar com a morte. Sozinho, em plena Avenida da Paz Eterna, ele enfrentou uma coluna de tanques.

A *cena* foi registrada pelas câmaras da televisão americana e estarreceu o mundo inteiro. De frente para o tanque que liderava a coluna, *o cidadão desconhecido* parou uma fileira de 23 mastodontes blindados. Em seguida, subiu no primeiro tanque. “Por que vocês estão aqui?” Gritava. Sem resposta, desceu. E continuou na frente do urutu chinês.

O tanque tentou desviar para a direita, o homem interrompeu a passagem. Voltou para o centro, lá estava ele de novo. *O balé letal* só terminou quando um grupo de pessoas avançou e tirou *o toureiro de tanques* do meio da avenida. [...]

Casos bastante comuns de rotulação, principalmente na língua falada, são aqueles realizados por meio de nomes genéricos como *fato, problema, caso, circunstância*, etc.

O segundo tipo de estratégia que envolve recategorização do referente é a argumentação. Veja no exemplo abaixo como a construção da referência acaba esbarrando na orientação argumentativa:

(37) Koch (2004)

Há que se perguntar em que planeta vive o tucanato. *Esse clã alienígena* acha que as obviedades que o relator especial da ONU, Sr. Jean Ziegler, constatou não são construtivas.

Os usos de estratégias metalinguísticas ou metadiscursivas estão no último tipo de estratégia elencada pelos autores. As recategorizações neste grupo são feitas por meio de:

- a) nomes “ilocucionários”: *ordem, promessa, conselho, advertência, asserção, crítica, proposta, alegação, cumprimento* etc.;

- b) nomes de atividades “linguageiras”: *descrição, explicação, relato, esclarecimento, comparação, resumo, história, controvérsia, debate, exemplo, ilustração, definição* etc.;
- c) nomes de processos mentais: *análise, suposição, atitude, crença, conceito, convicção, hipótese, constatação, descoberta* etc.;
- d) nomes metalinguísticos em sentido próprio: *frase, pergunta, questão, sentença, palavra, termo, parágrafo* etc.

O que fica para pensarmos um pouco nos capítulos de análise é como (quais) (d)essas estratégias poderiam estar associadas ao Tema.

#### **4. Propriedades gramaticais do Tema**

Restam ainda as propriedades gramaticais associadas às construções de Tema.

Para Dik (1997), a propriedade gramatical mais importante do Tema é estar fora da oração propriamente dita. Não há razão para se considerar o exemplo a seguir como um caso de deslocamento à esquerda, pois o constituinte “deslocado” não poderia ter vindo de algum ponto dentro da oração, embora o Tema com ela se relacione de uma forma ou de outra.

(38)E ainda *a propósito da polícia*: na noite de 6 do corrente, um magote de capoeiras em número de trinta, se não mais e armados, pôs em alvoroço toda a rua de S. José.  
(Laura, 2003)

Na visão Dik, o Tema se relaciona com a oração por razões estritamente pragmáticas, não podendo, portanto, ser governado por regras sintáticas pelas quais algum constituinte foi deslocado de seu lugar para o início da oração.

O linguista apresenta quatro propriedades que apontam a independência do Tema em relação à oração, salientando o caráter gramatical associado ao Tema.

A primeira refere-se à posição do Tema. Os constituintes com esta função usualmente precedem a oração completa, incluindo seu componente ilocucionário.

(39) *Quanto ao João*, ele não será convidado.

(40)a. *Quanto ao João*, eu prometo a você que ele não será convidado.

b. ?Eu prometo a você, *quanto ao João*, que ele não será convidado.

c. ?Eu prometo a você que, *quanto ao João*, ele não será convidado.

Apesar disso, Pezatti (1998) observa que é possível que o Tema apareça em posição parentética, antecedido de outros elementos com funções distintas, conforme mostra (41):

(41)E, graças a Deus, no nosso curso, *os estudantes*, eles elogiam muito o curso de Dermatologia. (Laura, 2003)

Nesta ocorrência, há um Modalizador (*graças a Deus*), um Foco (*no nosso curso*) e depois o Tema (*os estudantes*).

A segunda propriedade está relacionada à ilocução. O Tema pode ter seu próprio *status* ilocucionário, diferente daquele da oração que o segue, conforme se observa em (42):

(42)*peças?* olha nem sei viu? o que falar agora sobre peças... todas que eu tenho assistido eu tenho gostado... (Laura, 2003)

Um exemplo de língua escrita do século XIX é o seguinte:

(43)*Patrulhas?* Nem o rastro lhe viram. (Laura, 2003)

Ilari (1986) também salienta que, em construções de Tema, a pausa tem papel importante para retirar do rema a expressão que quer tratar como temática. E constrói um princípio importante para isso: “Em frases com tópico [Tema], a cesura entonacional que separa o tópico [Tema] marca o último limite esquerdo possível do segmento de frase que exprime o rema” (ILARI, 1986, p.60).

A terceira propriedade do Tema apontada por Dik (1997) é o fato dessa construção não receber função sintática, nem semântica e, conseqüentemente nenhuma marca correspondente à de seu constituinte correferencial dentro da oração. Segundo Pezatti (1998), em português, o Tema pode aparecer de forma absoluta, como em (44) ou com marcação como em (45).

(44)*a Tropa* regulei-a na conformidade do regulamento (Laura, 2003)

(45)*Quanto às remessas,* é melhor que as façam duas vezes por mez, pelo vapor francez que chega aqui a 10, e pelo do Pacífico, vindo diretamente, que chega a 24. (Laura, 2003)

Laura (2003) vê um aumento no uso de Tema com marcação na língua portuguesa e salienta que os principais marcadores encontrados por ele são *sobre* e *quanto a*.

Em japonês a marcação é feita pela partícula *wa*, como se pode observar no exemplo abaixo:

(46)

<i>Zoo</i>	<i>Wa</i>	<i>hana</i>	<i>Ga</i>	<i>nagai</i>
Elefante	Tema	nariz	Sujeito	longo

Quanto aos elefantes, os narizes são longos = ‘Elefantes têm nariz longo’

Pode-se observar, assim, que, em japonês, a marca referente a Tema ocorre após o elemento com esta função, enquanto em português a marca ocorre antes do elemento.

A quarta propriedade é característica da fala. Por ser produzido antes da predicação, é comum serem encontradas hesitações entre o Tema e a predicação, como em (47). Isso mostra ser bastante difícil, segundo Dik, sustentar a ideia de que o Tema foi extraído da oração.

(47)L2 – olha ah o ti/ o ti/ ah *especificamente o tipo de carreira* ah eu acho que isso seria qualquer uma (Laura, 2003)

Uma posição teórica bastante interessante para a caracterizarmos gramaticalmente o Tema e o comentário, ou oração(ões) que segue(m) o Tema, pode estar em Chafe (1976) para os casos que ele chama de Tópicos como sujeitos prematuros.

Esse tipo de Tema, segundo ele, origina-se a partir de uma leve distorção no tempo de escolhas que devem ser feitas pelo falante quando ele coloca o que tem em mente na forma de palavras. Ao romper com as possibilidades do conteúdo total que o falante tinha em mente, ele tem de fazer escolhas específicas relativas à construção da sentença. Neste ponto, afirma o autor, o falante está interessado em duas escolhas: a de estrutura de caso para a sentença e a de um Nome incluído na estrutura de caso como o sujeito da sentença.

Segundo o linguista, essas escolhas talvez sejam feitas de forma mais ou menos simultânea e, ainda que parcialmente independente, elas mantêm interação entre si.

Nessa perspectiva, a escolha de estrutura de caso fornece os candidatos para o estatuto de sujeito, ao mesmo tempo, a escolha do Nome que será o sujeito também restringe possíveis estruturas de caso. Assim, a estrutura de caso deve incluir o Nome que será o sujeito. Chafe presume que, em razão da interdependência mútua dessas escolhas, o falante é capaz de pensar simultaneamente em várias estruturas de casos efetivos para expressar o que ele tem em mente e várias maneiras mais eficazes para transportar a estrutura de caso em termos de sujeito, porém, o falante comumente se afasta desta simultaneidade por escolher, ou expressar, o sujeito antes da estrutura de caso ter sido escolhida.

Para explicar melhor sua ideia, Chafe apresenta alguns exemplos em *caddo*<sup>6</sup>. Veja-os em (48), (49) e (50):

(48)

k'án?.	kámbah?wá•wa?	háwwi	dúhya?...
Patos	eles-disseram	ok	agora

(49)

as ?U?úš	bah?na	sinátti?	Tučát?i • hahwah.
Sr. Owl	diz-se	então	ela-revelou-isso

(50)

kisí?	kahutánčúnna?	ah... na•	sinatti?	háh?i?úšnisa?.
Milho	Sabugo	este	então	ela-fumou-o

---

<sup>6</sup> *Caddo* é uma língua indígena, falada em Oklahoma (EUA). Os exemplos foram extraídos de histórias e conversas gravadas em fita.

Seguindo o raciocínio de Chafe, nessas sentenças, a entonação do Nome na posição de Tema é a de uma sentença completa, apesar de ser apenas um nome isolado. Com relação a (48), o autor diz que o falante decidiu que queria falar sobre *os patos* antes de decidir com precisão como eles poderiam ser integrados na estrutura de caso de uma sentença completa. Em (49), o falante decidiu que *Sr. Owl* poderia ser o sujeito antes de decidir exatamente qual papel *Sr. Owl* teria. Já em (50), o falante começa com a ideia de dizer algo como *Ela usa sabugos de milho (como lenha para produzir fumaça)*, mas hesitou, mudou de ideia e proferiu uma sentença na qual os sabugos de milho não desempenham um papel claro.

A ideia de Chafe confirma o caráter extraoracional do Tema por meio da entonação diferente do resto da oração, além de, nesses exemplos, os elementos com função de Tema não desempenharem papel na estrutura sintática da oração que o segue. Isso nos ajuda a pensar nas formas e funções gramaticais que fazem remissão ao Tema dentro da oração, ou seja, qual seria o correlato gramatical das remissões ao Tema dentro do comentário no tocante ao processo de referenciação.

Neste capítulo, estabelecemos um referencial com base em algumas abordagens sobre Tema que nos conduziram a alguns processos que estão relacionados à construção de Tema e que pertencem a sistemas distintos. Esses processos nos ajudaram, como se pode verificar nos próximos capítulos, a descrever e explicar o desenvolvimento do Tema nos sistemas discursivo, semântico e gramatical. Embora não retomado aqui neste capítulo, é importante lembrarmos que também nos preocupamos, nos capítulos de análise, com alguns aspectos do Tema no sistema lexical.

Claro que se pode pensar em outros aspectos, outros processos, outras propriedades a serem analisadas; julgamos, porém, que, neste momento, as questões que escolhemos para análise são pertinentes com nossa hipótese e nossos objetivos.

# Capítulo 3

## O marcador de Tema *quanto a* na história do português paulista

---

### Introdução

Neste capítulo, voltamos nossa atenção para o desenvolvimento do marcador *quanto a* na história do português paulista.

Do ponto de vista lexical, mostramos seu aparecimento nessa variante da língua e como poderia ter ocorrido sua formação por meio da etimologia.

No sistema semântico, preocupamo-nos com o sentido expresso por *quanto a*, além de sua relação com o processo de apresentação, além do tipo de informação expressa por elementos que ele marca. Analisamos também o tipo de informação expressa por elementos que ele marca e o papel da referenciação na construção de Tema marcado por *quanto a*.

Do ponto de vista gramatical, tratamos da estrutura e posição ocupada pelo marcador, bem como as classes de palavras que são regidas por ele.

Por último, tratamos do funcionamento de *quanto a* na construção do texto.

### 1. Lexicalização da expressão *quanto a*

Como vimos anteriormente, a lexicalização compreende, pelo menos, quatro processos: a herança etimológica, a neologia, a derivação e o empréstimo.

Ao tratarmos da lexicalização de *quanto a*, vamos nos deter na etimologia das palavras que compõem esta preposição complexa.

#### 1.1. Etimologia de *quanto*

A palavra portuguesa *quanto* provém do latim *quantus*, que, por su vez do indoeuropeu

De acordo com Ernout et Meillet (1967), *quantum* é a forma neutra de *quantus*, e está associado à ideia de quantidade grande.

Verificamos em Maurer Jr (1959) que o item *quanto* não sofreu modificações quando comparamos latim literário com o latim vulgar.

Como pronome indefinido, o neutro de *quantus*, *quanta*, *quantum* só resiste no italiano e no romeno, tendo o plural *quanti* sentido numérico em substituição a *quot*. Como advérbio de quantidade, *quantum* resiste nas línguas neolatinas.

De acordo com Diez (1874, Tomo II, p.421), *quantus* como pronome indefinido toma o lugar de *quot* ainda no latim clássico e está relacionado à ideia de grandeza, principalmente no plural (DIEZ, 1875, Tomo III, p.82).

Com valor de advérbio de comparação, Meyer-Lübke (1923) mostra a possibilidade de *quanto* aparecer com a ideia de reforçar o sentido em português antigo como em “era já quanto allongado”. Com este mesmo valor adverbial, o autor ainda diz que *quantum* exprime primeiramente uma relação de dimensão como acontece, por exemplo, no romeno *cu inima cât um purice* (“com o coração tão grande quanto uma pulga” = pusilânime).

Em francês, Bloch e Wartburg (1975) colocam a origem adjetiva de *quant* relacionado ao significado de quantidade; adverbialmente, é empregado apenas na expressão *quant a*.

## 1.2.Etimologia de *a*

A preposição portuguesa *a* vem do latim *ad* que, por sua vez, vem do indo-europeu \**ad*.

O item latino *ad* é uma preposição que pode ser construída com o acusativo e, de acordo com Riemann (1942), está associada, de início, à ideia de movimento e de tempo e, em sentido figurado, com o sentido de “em relação a”, “no que diz respeito a”, como nos exemplos “situ... praeclaro *ad* aspectum”; “facilis *ad* intellegendum”. Isso mostra que, em latim, já era possível se verificar um sentido para a preposição *ad* próximo do sentido de tópico. Provavelmente, através dessa preposição, o falante orientava a atenção do interlocutor para o que se seguia.

Interessantes também são as definições dos dicionários etimológicos de Ernout et Meillet (1967) e Magne (1952). Para esses autores, esse sentido figurado descrito por Riemann é derivado do sentido “em direção a” e nasceu de locuções como *nīl ad rem attinet* (isto nada tem com o caso) que, por abreviação, tornou-se *nīl ad rem*, em que a relação expressa pelo verbo desaparecido passou para *ad*. Cita-se, como exemplo:

(1) *ad Capuam res compositae consilio ab omni parte laudabili*

cujas tradução dada por Magne (1952) é “os negócios relativos a Cápua foram resolvidos com determinação debaixo de todos os aspectos louváveis”.

Riemann (1942) também observa que em poetas e certos prosadores não clássicos, a preposição, e também *ad*, pode ser colocada após o complemento: “ornatum ad urbis”.

Além de *ad* a tradução “com relação a” pode ser verificada com as preposições *abs*, *ab*, *a*, como em “haec... *ab* exemplis quod ad exempla attinet copiose... explicans” e em “mediocriter *a* doctrina instructus”.

De acordo com Meyer-Lübke (1923), a preposição *ad*, apresenta vários usos em latim: (i) proximidade no espaço ou no tempo; (ii) finalidade; (iii) abstratamente pode ter a ideia de interesse e de intenção; (iv) assume a maioria das funções do dativo em latim e (vi) tem uso possessivo.

Bueno (1967) e Machado (1967) apontam duas origens para *a* na língua portuguesa. Com significado de movimento de aproximação, vem do latim *ad*; com significado de afastamento vem do latim *ab*. Pode-se ainda verificar uma origem em usos antigos do francês como *jouer à la balle* em expressões do tipo *combater à espada* e *trabalhar à mão*, o que indica uma origem também no latim *apud*.

De tudo o que foi falado, deve-se levar em conta principalmente que a preposição *a* já podia ser usada tanto em latim quanto no português clássico como marcador de Tema. De acordo com Poggio (2002, p.160):

Com relação aos usos da preposição latina *ad*, no período clássico, observa-se que, sendo ela, inicialmente empregada para responder à questão *quo* (‘para onde’), foi também, posteriormente, usada como resposta à questão *ubi* (‘onde’). Deu-se, assim, uma ampliação do seu sentido, estendendo-se do uso espacial da indicação do ‘alvo a atingir’ à aceção de ‘alvo atingido’ (‘próximo’ e

‘perante’), seguindo pela indicação ‘temporal’ e sentidos figurados, até assumir, finalmente, (...), o papel de operador de tópico.

### 1.3. Etimologia de *em*

Seria importante também verificarmos a etimologia de *em*, uma vez que há exemplos de marcadores de Tema com a expressão *em quanto a*.

A preposição *em* vem do latim *in*, que por sua vez remonta ao indo-europeu \**em* (POGGIO, 2002, p.189).

Deve-se também dizer que, no latim arcaico, o uso da preposição *endo*, *indu* (< indo-europeu \**endo*), reduzida a *ind-* por síncope, era confundida com *in*, mas seu uso foi deixado de lado.

De acordo com Machado (1967), a preposição portuguesa *em* já pode ser encontrada no século XII em documentos escritos em latim, mas com elementos galego-portugueses.

No português arcaico, *em* exprime a situação em geral, denotando espaço, tempo e alguns empregos figurados, como lugares abstratos, meio, causa, fim.

Ali (1921) assinala que *em*, em português denota interioridade no tempo em espaço e tempo, além de expressar superposição, estado de alguma coisa, divisão, distribuição.

### 1.4. Considerações gerais acerca da lexicalização de *quanto a*

A expressão *quanto a* parece ser mais antiga do que se pode imaginar. Pode-se verificar no exemplo a seguir, da obra de Ovídio, o uso dessa expressão no latim literário, como mostram Dauzat, Dubois e Mitterand (1964):

(1) *Quantum ad Pirithoum*, Phaedra pudica fuit.

Quanto a Piritom, Fedra foi pudica.

Além dos autores supracitados, Robert (1985) também indica a origem de *quanto a*, *quant à* no francês, na forma latina *quantum ad*. Stappers (s.d.), no entanto, indica a origem na expressão latina *quantum pertinet ad*.

O que se nota, dessa forma, é que a expressão *quanto a*, já existia em latim clássico, o que indica ter sua origem na língua culta. Tanto que, tardiamente, essa expressão também pode ser encontrada em textos escolásticos medievais como apontam Combettes e Prevost (2001).

Meyer-Lübke (1923, p.313) diz que, no calabrés, *quanto a* é usada, pelo menos no exemplo dado pelo autor, como comparação:

(2) Nuddu t'ama quantu a mmia.

Ninguém te ama quanto eu.

Na seção sobre proposições complementos desprovidas de verbo, Meyer-Lübke (1923, p. 736) coloca a expressão *quanto a* como uma expressão comparativa. A explicação do autor é de que em línguas onde o regime pessoal era introduzido por *a* e já havia a possibilidade de *como ti* ao lado de *tu*, pode-se criar, a partir de *amo á ti*, também *como á ti* de onde passou *com 'á ti*, *com 'á padre*, etc. A confirmação dessa hipótese, de acordo com Meyer-Lübke (1923, p. 313), pode estar no calabrés *quanto a mmia* na expressão *nuddu t'ama quantu a mmia* (ninguém te ama como eu). Percebe-se, nessa língua, a utilização da expressão *quanto a* na comparação. O autor cita as expressões do italiano *in quanto a*, do francês *quant à*, do espanhol *en cuanto* (*así fuera en cuanto D. Quijote*).

Prevost (2008) também indica essa origem comparativa para *quanto a*. De acordo com a autora, a origem está no latim *quantum ad* que, por sua vez, provém do par correlativo *quantum (ad)... tantum*.

*Quanto a* pode ser encontrado igualmente em outras várias línguas românicas. Assim, *quant à* é uma expressão bastante antiga na língua francesa, datada de 842 no texto dos *Serments de Strasbourg*, de acordo com Dauzat, Dubois e Mitterrand (1964) e Robert (1985). Em espanhol, de acordo com Corominas (1954) e Corominas e Pascual (1996), a expressão *cuanto a*, ou *en cuanto a*, ou ainda *cuanto que*, é usada em todas as épocas do idioma, sem dar maiores detalhes sobre a expressão.

Na língua portuguesa, no entanto, não há detalhes sobre uma possível data dos primeiros usos de *quanto a*. Laura (2003) encontra essa expressão marcando Tema em

cartas particulares somente a partir do século XIX. Na seção sobre discursivização voltaremos nesta questão.

Antes de passarmos ao processo de semanticização, apresentamos um quadro que resume as características do processo de lexicalização de *quanto a*.

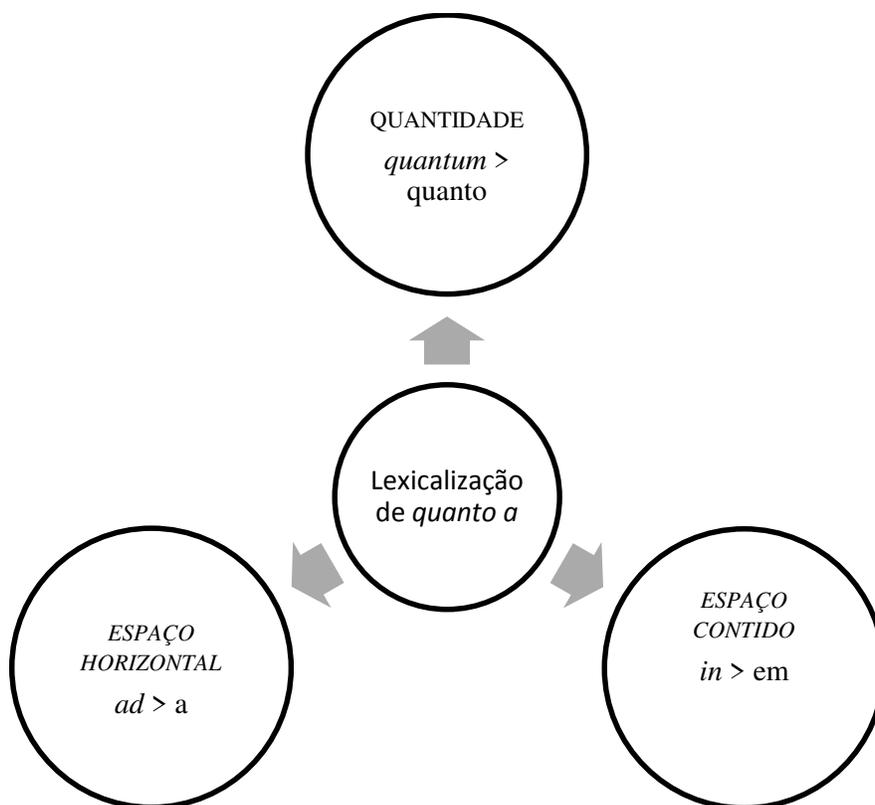


Figura 1. Representação radial da lexicalização de *quanto a*

## 2. Semanticização de *quanto a*

Iniciamos a explicação sobre o processo de semanticização do marcador *quanto a*, mostrando a formação do seu sentido.

### 2.1.O sentido de *quanto a*

Para Stappers (s.d.), *quant* é sinônimo de *combien* (*grand*), que em francês está relacionado à ideia de quantidade e grandeza.

Moliner (1980) define a palavra espanhola *cuanto a* (*en cuanto a*) como uma “expressão equivalente a ‘em relação com’, com a qual aquele que fala passa a referir-se a algo distinto daquilo de que vinha falando”.

De acordo com Duro (1991), *quanto*, em italiano indica quantidade “como grandeza ou medida (número), extensão ou duração, de elementos únicos ou categorias de elementos (pessoas, animais, coisas, etc.)”. A expressão *quanto a* tem valor restritivo para esse autor.

Esse significado também é apontado por Zingarelli (1997), que mostra que a expressão também pode ser *in quanto a*. Migliorini (1953), por sua vez, dá o significado original de *quanto* como “quão grande”.

Por último, no que tange à língua portuguesa, Freire (1940/1941) coloca o significado adjetivo de *quanto* como *em número ou quantidade equivalente*; o pronominal como *este ou aquele que*; e o adverbial como *quão grandemente, como, a que ponto, de que forma*. Para Nascentes (1966), *quanto* tem o significado de *quão grande, de que tamanho*. Para Machado (1967), o significado de *quanto* está relacionado à “qual relativamente à grandeza, quão grande; tal em grandeza, de que tamanho”. Para Bueno (1967), o significado, como advérbio, é *de que tamanho, de que importância*; como pronome indefinido está relacionado a *este, esse, aquele*.

A expressão *quanto a* é definida, tanto por Freire (1941) quanto por Bueno (1967), com o significado de *acerca de, referente a, com respeito a, etc.*

Considerando-se o sentido da expressão, supomos que *quanto* poderia ter selecionado *a* exatamente por esta preposição indicar tópico. Mas e *quanto*? Por que é selecionado? Se levarmos em conta que a expressão da quantidade está relacionada à ideia de conjunto como se pode verificar em Lyons (1977), para quem “quantificadores são modificadores que combinam com nomes para expressões cuja referência é desse modo determinada em termos do tamanho do conjunto de indivíduos ou em termos da totalidade de substância que é referida”, ou seja, o quantificador tem o papel de informar quantas entidades ou quanta substância é referida. Assim, *quanto* parece selecionar uma entidade de um conjunto possível, mas essa entidade deve ser um tópico discursivo possível, marcado pela preposição *a*, ou *ad*, em latim.

Por outro lado, como qualquer texto trata de tópicos discursivos, o falante estabeleceria previamente, por meio de comparações, quais tópicos de um conjunto

poderiam ser ativados no discurso. Chafe (1976) diz que as construções de Tema indicam contraste. Dessa forma, no exemplo:

(3) **Quanto à** peça, João viu ontem.

*peça* é o item de uma lista de coisas que estão em pares e aparece no início da sentença para indicar que se trata de um item dado a partir de uma lista que está vindo à tona de forma explícita ou implícita.

Portanto, por meio do quantificador *quanto*, o locutor selecionaria um elemento de um conjunto possível para ser o tópico discursivo a ser ativado no momento da interação. Essa seleção, no entanto, passaria também por outra atividade: a de comparação. O falante, previamente, faria um contraste, comparando os elementos do conjunto para escolher qual dos elementos poderia se encaixar melhor numa determinada situação e/ou qual seria, se houvesse mais de um elemento escolhido, a ordem de aparecimento no texto como tópico. Vejamos um exemplo:

(4) [AI27 – XIX1]

*Illustrissimo eExcelentissimo Senhor*

OCapitam Matheus da Silva Bueno, deque Confio, me informou *particularmente*, que Salvador Pereira de Pontes he homem bom, *eque* no descripto daAldea naó ha outro que tenha iguaes qualidades para Director: Ecomo igual informa çao dá o Vigario, parece justo, que *Vossa Excelencia* o haja de promover a Director.

**Quanto** ao Capitam-mor, naó obstante Ser fro-xo inepto para governar, como dis o Vigario, comtu-do melhor doque elle naó há naAldea; e por tanto deve ser conservado. Alem doque, pela experiênciã que tenho do dito Capitam-mor, o qual muitas vezes metem vindo repre-zentar Coizas tocantes aAldea, afirmo aVossa Excelencia que em outras Aldeas os ha piores doque este; porque he muito difficultozo achar hum Indio Sem deffeitos Capitaes. He oque posso informar aVossa Excelencia que mandará oque for Serventia. São Paulo 18. de Abril de 1801

Jozé Arouche de Toledo  
Director *geral* das Aldeas.

Essa carta, do início do século XIX, poderia nos ajudar a compreender um pouco a categorização de *quanto* na expressão *quanto a*.

Em primeiro lugar, deve ficar claro que *quanto* parece escolher *a* por esta palavra indicar um tópico, como já mostrado anteriormente. Vamos nos deter sobre os dois tópicos do texto em questão. O autor da carta tem o objetivo de informar ao leitor sobre dois assuntos: o primeiro referente à nomeação de diretor dos índios e o segundo referente às qualidades do capitão-mor da aldeia. Observa-se que o primeiro tópico, de diretor, não é introduzido por nenhuma marca, ao contrário do segundo, introduzido por meio do tematizador *quanto a*. Voltemo-nos para ele.

Ao selecionar *capitão-mor* como tópico discursivo no texto, o locutor faz um contraste em relação a outras possibilidades do conjunto de candidatos a tópico, como *diretor*, já tomado como tópico na passagem anterior, *soldado*, *índios*, *escravo*, entre outros, comparando-os para ver qual seria a melhor escolha para o que se vai dizer. No entanto, como o texto está abordando uma questão específica sobre a aptidão ao cargo de capitão-mor, o autor seleciona esse hiperônimo para fazer referência ao capitão-mor João de Lima (citado em outra carta sobre o mesmo assunto), ativando-o como tópico do discurso.

## 2.2. Apresentação

Como vimos anteriormente, no capítulo 2, uma das propriedades semânticas do marcador de Tema é apresentar uma informação. Em nossos dados, notamos que essa informação já era dada, ou seja, o locutor pressupõe serem elas conhecidas pelo interlocutor. Veja um exemplo:

- (5) [CPWL43] **Quanto a** *molestia* vou sem grande alteração, parece-me fóra de duvida que é beribéri sob a forma paralytica, que segundo a opinião dos médicos é o de

marcha mais lenta e de cura mais morosa sendo também o que oferece menos perigo uma vez que o tratamento seja empregado a tempo.

Esse trecho pertence ao segundo parágrafo de uma carta, cujo conteúdo completo pode ser visto em (34). O Tema *moléstia* é uma informação já conhecida pelo interlocutor e que não foi ainda mencionada nessa carta. Ao que parece, o destinatário já tem algum conhecimento sobre a moléstia citada no texto, ou porque já foi falada pelo próprio remetente outras vezes, ou pelo próprio conhecimento que o destinatário tem sobre o assunto. Trata-se dessa, forma, de uma informação de longo prazo. E a partir dessa informação, o remetente passa a dar novas informações acerca dessa informação mais velha para o destinatário.

Franchi, Negrão e Viotti (1998) mostram algumas características interessantes acerca das construções existenciais para mostrar que elas são, na verdade, construções apresentacionais: (i) trata-se de recurso expressivo usado para ampliar o universo do discurso, ou ainda, ampliar a forma de interpretação delimitada em um dado texto ou situação; (ii) contêm *instrução* sobre o que e como compreender o universo do discurso; (iii) inserem itens na memória imediata que vai dominar o discurso ou introduzem um novo elemento no discurso. Assim, podemos estabelecer uma relação semântica entre as construções apresentacionais e os marcadores de Tema.

### **2.3.Referenciação**

Uma questão que sempre esteve presente nas discussões das construções de Tema é a presença de um correferente dentro da oração seguinte ao Tema. Como mostra Pontes (1987) acerca da oposição Topicalização e Deslocamento à Esquerda, no português do Brasil, nem sempre é possível fazer distinção entre essas duas construções tendo como suporte apenas a presença ou ausência de um correferente, o que leva a análise para rumos mais discursivos.

O que se nota, no entanto, nas ocorrências do português paulista, no que se refere às construções de Tema introduzidas pelo marcador *quanto a*, é uma tendência a não apresentar um correferente direto explícito, como se pode notar nos exemplos a seguir:

- (6) [CLR522 – XIX2] **Quanto ao** diagnostico e tratamento deste, ca- | bem aos dignos facultativos *doutor* Mello Oliveira e | o muito distinto *doutor* Gabriel Horacio de Barros que | esteve igualmente a cabeceira do enfermo.
- (7) [CPP09 – XX2] **Qto as** letras de 'Tonw of Crows' e 'Crocodiles' eu tbém ã achei por aqui, mas "esperança é a última que morre", né?
- (8) [CPWL43 – XX2] **Quanto a** molestia vou sem grande alteração, parece-me fóra de duvida que é beribéri sob a forma paralytica, que segundo a opinião dos médicos é o de marcha mais lenta e de cura mais morosa sendo tambem o que offerece menos pirigo uma vez que o trata=mento seja empregado a tempo.

Em (6), a retomada do Tema *o diagnostico e tratamento deste* está implícita no sujeito do verbo *caber*. Esse é o tipo mais comum encontrado no *corpus* do português paulista: a retomada do Tema é feita por um argumento elidido. Deve-se observar ainda que não há, nas ocorrências com estas características de (6), material linguístico entre o Tema e o verbo. Observe mais um exemplo desse tipo:

- (9) [CLR391 – XIX1] **Quanto a** mim, cuido que *Sua Excelência* por | fazer pouco nos Paulistas, gente rustica, | insipida; que não deu bailes a *Sua Excelência* | que não tem finura, nem as de côrte, nem | um modo de tractar, sans façou (sans fa- | cou *Monsieur*) é que recorreu ao expediente das | despedidas por annuncio...

Nota-se ainda que, em (6) e (9), houve omissão do sujeito. No exemplo (7), o objeto implícito do verbo *achar* é que retoma o Tema *letras de 'Town of Crows'*. Em (8), por outro lado, não há como estabelecer nenhum tipo de retomada do Tema *moléstia* dentro da oração por meios gramaticais. Nesse caso, trata-se do que Dik (1997) chama de relação semântico-pragmática entre Tema e oração, e Pontes (1987) chama de construções de Tópico com anacoluto. Laura (2003) mostra um crescente uso desse tipo de Tema na língua portuguesa, ou seja, diminuem-se, pelo menos na língua escrita, os casos de Tema que são retomados na oração em comparação aos Temas que não têm nenhuma forma de retomada na oração. Assim, isso poderia indicar um desprendimento ainda maior entre o Tema e a

estrutura argumental da oração, ou seja, o Tema não poderia ser tratado nem como um argumento externo (sujeito), nem como um argumento interno (complementos) do verbo. Trata-se, na maior parte dos casos, de um adjunto adverbial. Essa função aponta para a não determinação entre a Gramática, mais propriamente a Sintaxe, a Semântica e o Discurso. Com efeito, na estrutura sentencial os adjuntos funcionam como satélites, pois não são projetados pelo verbo. Entretanto, o lado semântico e discursivo dessa expressão é vital na organização do texto.

O fato de não haver uma retomada do Tema, não significa que não houve algum tipo de remissão a ele. Como atentam os estudos sobre referenciação descritos no capítulo 2 desta tese, algumas palavras estão associadas a *moléstia* que é o elemento temático. Essas palavras são *beribéri*, *opinião dos médicos*, *cura*, *tratamento*.

Por outro lado, além desses casos descritos acima sobre retomada implícita do Tema, há algumas raras ocorrências com *quanto a* em que aparece algum tipo de remissão explícita. Veja os exemplos a seguir:

- (10) [CPWL36 – XIX2] **Quanto aos juros das apólices**, disse-me o Doutor Lousada que é impossível receber-os, de=vido a razões muito complicadas, que elle não teve a paciencia de explicar-me.
- (11) [CLR513 – XIX2] **Quanto ás calumnias e injurias que | dirige o senhor Nogueira aos empregados | da bibliotheca, principalmente ao abaixo | assignado**, limito-me a responder-lhe | que a bibliotheca se acha inventariada | desde 1865, época em que fiz o catalogo, | e todas as obras que lhe pertencem | nelle se achão relacionadas, e as obras | adquiridas depois de 1865 todas constão | do livro de entradas, o que tudo é facil | de se verificar.
- (12) [CLR459 – XIX2] **Quanto ao vinho e ao chá, isso** nem é bom fallarmos, | ha tal abundancia, e variedade que eu iria longe, se | quizesse descrever-lhe.
- (13) [CLR475 – XIX2] **Quanto | á casa**, comadre, ainda não há por aqui vaga; assim | que haja lhe mandarei dizer.

Em (10), o Tema *juros das apólices* é retomado correferencialmente na oração seguinte, na posição de objeto direto, por meio do pronome *os*. Já em (11), o locutor faz

remissão ao Tema *calumnias e injurias que dirige o senhor Nogueira aos empregados da bibliotheca, principalmente ao abaixo assignado* dentro da oração por meio do pronome *lhe* na posição de objeto indireto. Essa remissão é um caso de pronominalização, em que o locutor faz uma remissão não ao referente exato anterior, mas à ideia desse referente, em outras palavras, a remissão em (11) não é feita ao núcleo de Tema, *calumnias e injurias*, mas ao emissor dessas *calumnias e injurias*, o *senhor Nogueira*. A ocorrência (12), por seu turno, mostra que a remissão ao Tema *vinho e chá* é feita por meio do demonstrativo *isso*. Em (13), o Tema *casa* é retomado dentro da oração por *aqui*. Nesses dois casos, há também uma remissão feita à ideia e não ao referente em si. Em (12), o locutor faz remissão ao hiperônimo *bebidas*, enquanto em (13), a remissão está intimamente ligada ao fator dêitico de *aqui*, indicando que a *casa* em questão pertence ao locutor e é o lugar de onde ele fala.

Além de uma análise de base referencial acerca dos elementos que fazem remissão ao Tema, é importante também mostrarmos que o próprio Tema é um referente e por isso vamos mostrar seu processo de referenciação.

Às vezes, para melhor clarificar a que elemento exatamente o remetente está se referindo, acrescentam-se outras informações. Observe os seguintes exemplos:

- (14) [CLR401 – XIX1] **Quanto aos pasquins**, [que menciona o dicto nosso correspondente], unicamente accresentaremos, que parece verificarse o que antevimos quando no 1º número d’esta folha dicemos que choverião impropérios mais sobre nossa pessoa, que sobre nossas opinioens.

Em (14), além de trazer uma informação de longo prazo compartilhada entre interlocutores – *pasquins* – o remetente sente a necessidade de explicar melhor a que *pasquins* exatamente ele está se referindo no texto. Isso é feito por meio da oração adjetiva *que menciona o dicto nosso correspondente*. Em (15) abaixo, esse esclarecimento é feito por meio de um adjunto, *dos Índios*.

- (15) [AI26 – XIX1] **Quanto ao requerimento** [dos Índios] he verdadeiro naparte que dis ser oactual Capitam Mor João de Lima, tibio frouxo, einneto para governar, pois

alem dele ver estes defeitos gerais nos Indios do Brazil, creio *que* nele reina mais a priguica (...)

Em ambos os casos, a referência é feita baseada em elementos já mencionados no texto que também proporcionam a definitude dos referentes *pasquins* em (14) e *requerimento* em (15). Assim, em (14), o autor já mencionava durante seu texto, elementos acerca do universo dos *pasquins*, o que indica se tratar de uma anáfora associativa e, em (15), já havia mencionado o referente *índios*, indicando ao leitor uma referência, baseada em descrição definida, a partir da qual poderiam se desenvolver outras durante o texto.

A ocorrência a seguir, por outro lado, mostra outra característica de informação dada que também aparece no texto:

- (16) [CLR406 – XXI] Restão duas palavras para nos justificarmos das increpações que nos faz o Senhor = Inimigo da Policia Militar = por causa da suppressão da parenthese. O motivo porque fizemos aquella declaração, foi o não termos tempo de consultar o nosso illustre Correspondente o Senhor = Sentinella = sobre o nosso escrupulo ácerca da dita parenthese. **Em quanto ao que ella continha**, talvez serião palavras picantes, talvez serião indecentes, talvez serião sòmente ambiguas, talvez serião as mais innocentes do mundo, talvez serião expressões incorrectas, talvez semelhante parenthese nem existio. Nada d'isto com tudo asseveramos, pois o que é certo sómente, é que desde que o dicto Senhor Correspondente com o seo silencio approvou a suppressão que fizemos, foi o mesmo que se não tivesse escripto taes palavras, e se elle as não escreveo, não é preciso que ninguem as saiba. || Em outra occasião não tomaremos tanto tempo com a nossa justificação, da qual pouco o nenhum proveito resulta ao publico.

Trata-se, nesse caso de um Tema que retoma a informação já disponível no discurso precedente, uma vez que já foi mencionada no mesmo texto. O demonstrativo *o*, neste caso, da uma oração *que ela continha*, o que mostra se tratar também de um caso de referência associativa. De acordo com Koch (2004), elementos que são ingredientes de outro no texto são considerados referência associativa.

O exemplo a seguir também é interessante:

- (17) [CPWL36 – XIX2] O inventario continúa no mesmo, nem para traz nem para adiante, o que de certo não agrada muito aos credores, mas elles que esperem porque devem saber que não tem faltado boa vontade da nossa parte.
- Quanto aos juros das apolices**, disse-me o Doutor Lousada que é impossivel recebel-os, de=vido a razões muito complicadas, que elle não teve a paciencia de explicar-me.

O remetente, neste caso, estava se referindo na carta a contas, inventários, vendas e dívidas da família, o que indica que, ao lançar o Tema *juros das apólices* no discurso, o remetente supõe que o destinatário não terá problemas em construir uma referência para a informação disponibilizada. Neste caso, trata-se de uma informação inferível do contexto precedente, construindo novamente uma referência associativa.

Outro tipo de informação encontrada nos textos pode ser exemplificado por:

- (18) O meu azedume é contra o estilo con- | ciso com que Sua Excelência fez as suas des- | pedidas. E como póde qualquer saber se | na alta mente de Sua Excelência foi ou não in- | cluído entre *as pessoas que tem direito a semelhante | obsequio?* como hão-de saber se este | direito se comprava com uma só visita a | Sua Excelência? ou com a frequencia em sua ca- | sa? ou finalmente com testemunhas do mais | abjecto servilismo? Se ao menos Sua Excelência? | tivesse especificado = todas as pessoas que | tiverem a graduação de tal posto para cima, | e todos aquelles não militares (vulgo pai- | zanos) que rodarem com estas altas paten- | tes, ja cada-um poderia fazer juizo, e di- | zer = Eu fui incluído = Fuão não foi = Bel- | trão seria ou não = e nas conversações te- | ria alguns dados para agitar esta questão. | Mas assim tão genericamente, Senhor Redactor, | é o mesmo que não querer obrigar (obliger) | a ninguem. || **Quanto a mim**, cuido que Sua Excelência por | fazer pouco nos Paulistas, gente rustica, | insipida; que não deu bailes a Sua Excelência | que não tem finura, nem as de côrte, nem | um modo de tractar, sans façou (sans fa- | cou

*Monsieur*) é que recorreu ao expediente das | despedidas por anuncio: elle de certo dis- | se lá consigo

O Tema, nesta ocorrência é *mim*, referente à primeira pessoa do singular, o que mostra que a informação, neste caso, pode ser inferida da própria situação discursiva, ou seja, o destinatário sabe quem é o remetente da carta para construir a referência à primeira pessoa.

Para Dik (1989), o objetivo do falante é fazer alguma modificação na informação pragmática de seu interlocutor. O falante tenta com isso antecipar a interpretação que o ouvinte faria da sua intenção, começando a interação por algo presumido por ele que seja conhecido pelo falante. Sendo a informação inicial conhecida pelo falante e pelo ouvinte, a interação verbal começaria, na verdade, pelo conhecimento comum, ou partilhado, pelos participantes da interação.

Dessa forma, nada mais natural que constituintes com função pragmática de Tema sejam informações disponibilizadas já há algum tempo na memória, como os casos de informações de longo prazo, ou informações disponibilizadas no próprio texto, como os casos de informações disponíveis no discurso anterior.

Indicamos, no quadro a seguir, um resumo sobre o processo de semanticização do marcador *quanto a*.

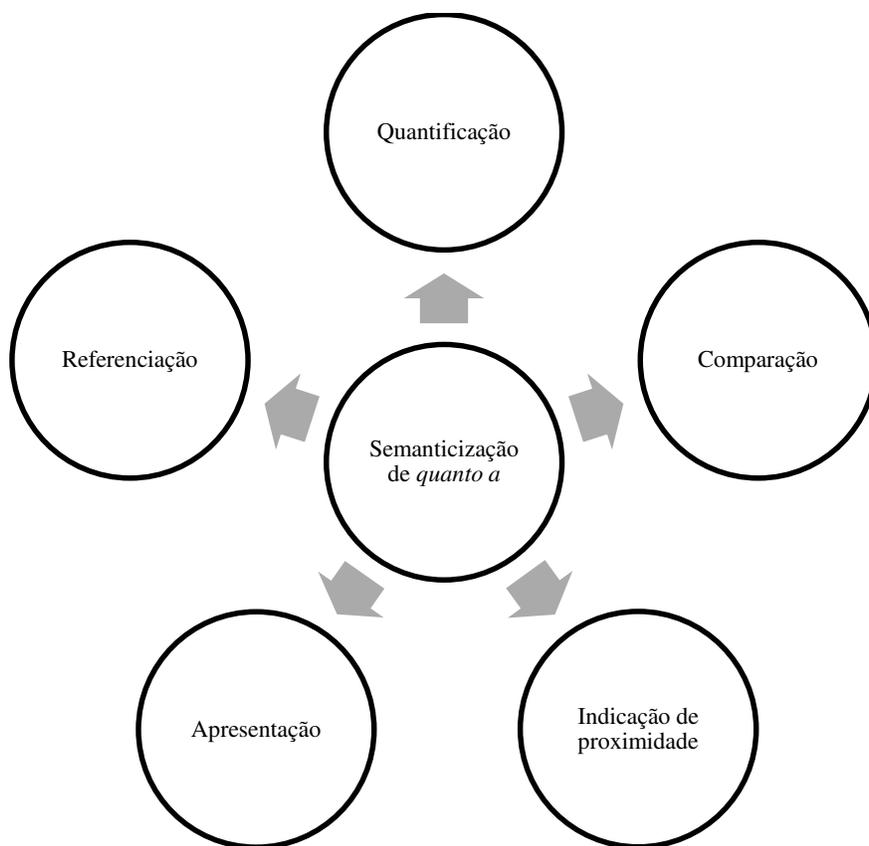


Figura 2. Representação radial da semantização de *quanto a*

### 3. Gramaticalização de *quanto a*

O marcador *quanto a* é classificado por Castilho (2009) como uma preposição complexa, formada por um Sintagma Adverbial que atua como Especificador da preposição *a*. Vimos na seção anterior que *quanto a* também tem o sentido de indicador de assunto, daí esse uso de introdutor de Tema. Várias palavras podem ser selecionadas por *quanto a* nessa função. Pode ser um pronome pessoal, como *mim* em (19) abaixo:

- (19) [CLR478 – XIX2] **Quanto a** *mim* só vos posso protestar os mais sin- | ceros  
votos de estima amizade e fidelidade, e vos envio | o saudoso e fiel coração, e um  
apertado abraço, por ser | como sempre serei || Vossa estremosa, constante, | e fiel  
esposa.

Podem também ocorrer, porém, substantivos coordenados, como *diagnóstico e tratamento* em (20), selecionados em uma construção de Tema introduzida por *quanto a*.

- (20) [CLR522 – XIX2] **Quanto ao** *diagnostico e tratamento* deste, ca- | bem aos dignos facultativos doutor Mello Oliveira e | o muito distinto doutor Gabriel Horacio de Barros que | esteve igualmente a cabeceira do enfermo.

Além disso, pode ocorrer um substantivo próprio, como exemplifica *Dom Caralâmpio* na seguinte ocorrência:

- (21) [CLR535 – XIX2] **Quanto a** *Dom Caralampio*, em resposta aos seus insultos e desafios, que me dirigiu na officina e em presença dos empregados, só respondo a que respondeu-me quando fui participa lhe o accordo havido entre mim e o doutor Dolzani.

As ocorrências (22) e (23) mostram dois casos mais raros. Trata-se, em (22), de um quantificador, *mais*, e, em (23), do demonstrativo *o* acompanhado de oração adjetiva, *o que ela continha*.

- (22) [CPWL68 – XIX2] **Quanto ao** *mais* continúa no mesmo.

- (23) [CLR406 – XIX1] **Em quanto ao** *que ella continha*, talvez seriam palavras picantes, talvez seriam indecentes, talvez seriam somente ambiguas, talvez seriam as mais innocentes do mundo, talvez seriam expressões incorrectas, talvez semelhante parenthese nem existio.

De um modo geral, as ocorrências com *quanto a* enquanto tematizador se posicionam no início da sentença, como se pode verificar abaixo:

- (24) [CPWL36 – XIX2] **Quanto aos** juros das apolices, disse - me o *Doutor Lousada* que é impossivel recebel-os, de=vido a razões muito complicadas, que elle não teve a paciencia de explicar-me.

Uma ocorrência, no entanto, chama a atenção, uma vez que o tematizador é antecedido de outra expressão. Veja-a:

- (25) [CLR459 – XIX2] e **quanto a**o sabor, isso nem fallemos, é comer e gritar | por mais; uns tem um gostinho de azedo, que é um | regalo, outros com uns longes de mofa que o torna ver- | dadeiramente apetitoso, estes claros, aqueles de uma | cô mais trigueira, outros ainda mais, que até fazem | uma vista agradável na mesa.

Um dos papéis da conjunção aditiva *e*, antecedente de *quanto a*, nesta ocorrência, é o de adicionar um novo tópico na progressão do texto, como assinala Neves (2000). Penhavel e Camacho (2004) também mostram a importante função de *e* como conector de introdução de tópico ou subtópicos. Já Pezatti (2008) mostra que uma das funções de *e* é exatamente a de retomar um tópico no discurso. O que temos, neste exemplo, é um caso de introdução de subtópico, uma vez que o tópico desenvolvido anteriormente pelo escritor era sobre *pão*. Depois de um tempo, o autor da carta passa a escrever sobre uma particularidade do tópico *pão*, tomando o *sabor do pão* como (sub)tópico no discurso.

Verificamos também se aparece algum tipo de verbo *dicendi* que poderia indicar outra análise para os sintagmas iniciados por *quanto a*.

Foram encontradas algumas ocorrências que poderiam sinalizar para outra análise. Começamos pelo verbo falar:

- (26) [CLR459 – XIX2] e **quanto ao sabor**, *isso* nem fallemos, é comer e gritar | por mais; uns tem um gostinho de azedo, que é um | regalo, outros com uns longes de mofa que o torna ver- | dadeiramente apetitoso, estes claros, aqueles de uma | cô mais trigueira, outros ainda mais, que até fazem | uma vista agradável na mesa.

- (27) [CLR459 – XIX2] **Quanto ao vinho e ao chá**, *isso* nem é bom fallarmos, | ha tal abundancia, e variedade que eu iria longe, se | quizesse descrever-lhe.

Embora ocorra claramente um verbo *dicendi* nos dois exemplos, representado por *falar*, a presença de um correferente explícito já mostra que se trata de um caso de Tema. Observe outro exemplo:

- (28) [CLR401 – XIX1] **Quanto aos pasquins**, que menciona o dicto nosso correspondente, unicamente acrescentaremos, que parece verificarse o que antevimos quando no 1º número d’esta folha dicemos que choverião impropérios mais sobre nossa pessoa, que sobre nossas opinioens.
- (29) [CLR478 – XIX2] **Quanto a mim** só vos posso protestar os mais sin- | ceros votos de estima amisade e fidelidade, e vos envio | o saudoso e fiel coração, e um apertado abraço, por ser | como sempre serei || Vossa estremosa, constante, | e fiel esposa.

Nessas duas ocorrências, aparecem os verbos *acrescentar* e *protestar*. Não seria o caso, todavia, de dizermos que as duas construções iniciadas por *quanto a* sejam complementos desses verbos uma vez que os dois verbos parecem estar com sua estrutura completas.

O quadro a seguir ilustra as características apontadas nesta seção acerca da gramaticalização da expressão *quanto a*.



Figura 3. Representação radial da gramaticalização de *quanto a*

#### 4. Discursivização de *quanto a*

Iniciaremos a discursivização de *quanto a*, tratando das primeiras ocorrências do marcador.

Em uma busca no site *Corpus do Português*, pudemos observar que as ocorrências de *quanto a* já apareciam no século XIII como se pode observar no exemplo a seguir dos *Textos Notariais*:

(30) [CDP – XIII] uosa propia posisom; Na qual uós ffazemos procurador como na uossa cousa como o dereyto quer, perá a demãdar e auer Todolos dereyτος delá, A qúal herdade sobredita, uos damos em escanbho, por hûu Meyo de Casal derdade que nos uos destes que e en termho de Síntra em logo que chamã ááÇafora; do qúal Casal ha A outra meyadade Catelína dominguíz nosa ffreyra; per que aiámos em cada hûu ãno Çinque Moyos de pam meyado em paz e en saluó no dito Moesteyro, e sséer bóo e rreçebûdo conuë a saber Triygo e Çéuada, E **quanto A nós mí~guar da dita herdade que nos aíamos a quantía dos ditos Çinque moyos de pam, uos nolos** deúedes a cõprir, Ata que nos dedes herdade de que as Aiámos conpridamëte A saluo como dito e. A qual herdade nos rreçebemos por escanbho e ã nome descanbho da sobredita nossa herdade cõ as ditas condições, da qúal nos damos por bem entregúes; Porende aiades uos a dita herdade, e todos uosos súpçesores que despoís úos uéérem deste dia pera todo senpre,

Neste exemplo, o autor do texto parece introduzir no discurso um novo assunto a ser desenvolvido: *nós mí~guar da dita herdade que nos aíamos a quantía dos ditos Çinque moyos de pam.*

É importante observar que, da mesma forma que em espanhol, pode-se encontrar também em português a forma *enquanto a* como marcadora de Tema, como se nota no exemplo a seguir, da primeira metade do século XIX:

(31) [CLR406 – XIX1] Restão duas palavras para nos justificarmos das increpações que nos faz o Senhor = Inimigo da Policia Militar = por causa da suppressão da parenthese. O motivo porque fizemos aquella declaração, foi o não termos tempo de consultar o nosso illustre Correspondente o Senhor = Sentinella = sobre o nosso escrupulo ácerca da dita parenthese. **Em quanto ao que ella continha,** talvez serião palavras picantes, talvez serião indecentes, talvez serião sòmente ambiguas, talvez serião as mais innocentes do mundo, talvez serião expressões incorrectas, talvez semelhante parenthese nem existio. Nada d'isto com tudo asseveramos, pois o que é certo sòmente, é que desde que o dicto Senhor Correspondente com o seo silencio approvou a suppressão que fizemos, foi o mesmo que se não tivesse escripto taes

palavras, e se elle as não escreveo, não é preciso que ninguem as saiba. || Em outra ocasião não tomaremos tanto tempo com a nossa justificação, da qual pouco o nenhum proveito resulta ao publico.

Como se pode observar claramente, neste exemplo, *enquanto a* não exerce o papel comumente de conjunção introdutora de oração temporal. O papel dessa expressão aqui é, na verdade, o de introduzir um tópico no discurso. Trata-se do tópico *parenthese*, que é representado na expressão pelo pronome *o* seguido da oração adjetiva *que ella continha*. Verifica-se, nesta ocorrência, que o locutor toma, como tópico discursivo, um referente citado anteriormente, especificando por meio da oração adjetiva *que ella continha* o que do referente exatamente iria ser focalizado naquele momento no texto.

Se levarmos em conta a articulação Tema-Rema da perspectiva funcional da sentença, como estudada por Ilari (1986) e Koch (2006), observa-se que um rema da sentença anterior passa a tema na oração seguinte, o que significa que, informacionalmente, *o* – correferente de *parenthese* – é uma informação dada, conhecida pelo interlocutor, pelo menos assim parece interpretar o locutor, uma vez que já foi mencionada anteriormente no texto.

Não dá para se ter uma ideia clara se *enquanto a* aparece primeiro na língua em relação à *quanto a*, pois há apenas duas ocorrências com *enquanto a*, todas da primeira metade do século XIX, concomitantemente com exemplos de *quanto a* no *corpus* do português paulista, também na primeira metade do século XIX, corroborando os dados de Laura (2003). Veja um exemplo com *quanto a*:

(32) [CLR391 – XIX1]

Apenas chegou-nos à noticia o funesto acontecimento praticado n'esta Cidade em a noite de 11 do corrente, quasi succumbimos pelo excesso do pezar; e as circunstancias do facto, quaes nos referirão, presentes á nossa imaginação, não permittuão(sic) diminuir se a energia d'estes sentimentos generosos, que são communs a todo o cidadão amigo da humanidade, da Patria, e da restricta observancia das leis. Tencionavamos pois manifestar ao publico similhante fatalidade, quando recebemos a carta, que acabamos de transcrever, na qual o nosso estimavel correspondente se

mostra tão justamente penetrado de assombro, de magoa, que pouco nos deixa a reflectir. || Espanta na verdade, e custa a crer, que no centro de uma Cidade, no meio de um Povo polido e amavel, que tem um Governo fundado nas solidas bases da Justiça se commettesse, talvez sem motivo, uma acção tão estranha. || Entretanto se a causa indirecta do assassinio foi, como dizem, a publicação de uma carta, que inserimos em nosso ultimo *número*, sem duvida folgarão com isto os desgostosos das Instituições Liberaes; mas consola-nos a lisongeira idea de que todo o homem são, despido de prejuizos, e amante da prosperidade Nacional, sentindo quam preciosa foi sempre a propagação das luzes, e a livre emissão do pensamento em materias politicas ha-de convencer-se de que á falta de conhecimentos, e a immoralidade é que se deve tornar a culpa de qualquer máo resultado, que maliciosamente se queira attribuir á liberdade da Imprensa. Sim (não hesitamos em asseverar) é o desprezo o mais profundo dos verdadeiros principios de sociabilidade, é o esquecimento dos mais sagrados deveres, e o menos cabo de todas as leis quem só pode induzir a tão inconsiderado procedimento, e por isso estamos persuadidos que os companheiros d'armas d'aquelle militar terão sentido bastante, que de sua corporação, que se deve presar de briosa, e honrada emanasse tão feio crime. || **Quanto aos pasquins, que menciona o dicto nosso correspondente**, unicamente accresentaremos , que parece verificarse o que antevimos quando no 1º *número* d'esta folha dicemos que choverião improprios mais sobre nossa pessoa, que sobre nossas opinioens. || O Redactor.

Neste exemplo, o autor da carta introduz no texto, uma resposta a outra carta enviada a um leitor do jornal, um último tópico discursivo ainda não mencionado anteriormente, *os pasquins*. Veja que o próprio autor do texto esclarece ao leitor a quais pasquins ele vai se referir, sem citar os nomes, por meio da adjetiva *que menciona o dicto nosso correspondente*. Isso indica que numa construção de Tema, pelo menos as iniciadas por um marcador, o referente é uma informação que pode ser evocada de outro contexto ou situação, no caso, uma carta anterior. Isso está ligado a um acordo comunicativo entre falante e ouvinte, ou entre autor e leitor, acerca do referente tomado como tópico a ser desenvolvido, como ressalta Ilari (1986).

Observe também que *quanto a* pode aparecer em qualquer parte do texto, em qualquer momento do discurso para apresentar uma entidade como um novo tópico do discurso. Hierarquicamente, porém, *quanto a* nunca vai introduzir o tópico mais abrangente. O que parece nestas três ocorrências descritas acima é que o tópico mais abrangente das cartas é a resposta a uma carta anterior. Assim, *quanto a* introduz tópicos mais particularizados do tópico mais abrangente, ou seja, trata-se de um subtópico do tópico maior da carta.

Concomitantemente, porém, o marcador *quanto a* opera na introdução de um novo tópico no discurso, na verdade, um subtópico, considerando-se a organização hierárquica do texto, e no fechamento do (sub)tópico anterior. Veja a seguinte ocorrência da primeira metade do século XIX:

(33) [AI26 – XIX1]

*Illustrissimo Excelentissimo Senhor Antonio Manoel de Melo Castro e Mendonça*

Satisfazendo a Carta que por Ordem de Vossa Excelencia escreveome o Sargento-mor ajudante de Ordens, Joaquim Joze Pinto de Moraes Leme, respondo que nos suburbios desta Aldeia Circunstanciado Com as gumas qualidades e actividade para Director dos Indios parece me suficiente Salvador Pereira de Pontes, do districto da Comarca dos Guarulhos. [espaço] **Quanto ao requerimento dos Indios** he verdadeiro na parte que dis ser o actual Capitam Mor João de Lima, tibio frouxo, e inneto para governar, pois alem de lever estes defeitos gerais nos Indios do Brazil, creio que nele reina mais a priguica, a respeito dos dois nomeados no requerimento para Capitains Mores o Felis da Cunha ja eserceo o dito posto e teve baixa infame por intrigante, bebado, e mais vicios abominaveis, o Joaquim Correa he o Soldado mencionado neste requerimento que deo pancadas no actual Capitam Mor, não he dos peiores Indios desta Aldeia, he rapas agil, so o axo algum tanto propenso a embriagues, defeito geral dos Indios. [espaço] He quanto posso informar a Vossa Excelencia Nossa Senhora da Ajuda 9 de Março de 1801.

*De Vossa Excelencia*

*Illustrissimo e Excelentissimo Senhor*

*Capelam obrigado e Creado.*

O remetente responde a outra carta escrita a ele pelo Sargento mor. O tópico principal da carta é, de forma inferível, as notícias acerca de algumas nomeações a serem feitas na aldeia onde o capelão trabalha. Em um primeiro instante, o remetente discorre brevemente acerca da nomeação de um novo diretor dos índios. Trata-se aí de um subtópico a partir do tópico principal Para lançar um novo subtópico no discurso, fazendo remissão a um tópico já desenvolvido - ou feito pedido de informações acerca dele – na carta do Sargento mor, o remetente inicia o tópico *requerimento dos índios* por meio da expressão *quanto a*. Os tópicos desta carta parecem ser sempre contínuos, na medida em que o início de um novo tópico se dá somente após o fechamento e esgotamento do tópico anterior.

Pode-se inferir daí o seguinte: dentre todas aquelas informações pedidas na sua carta ou, ainda, dentre todos aqueles assuntos discutidos na sua carta, há este ao qual irei me ater neste momento. Trata-se, então, de uma forma de apresentação desse tópico – propriedade destacada na seção anterior - trazendo-o à tona no discurso. Observe-se, também, que este tópico ainda não tinha aparecido no discurso e nem se trata de um tópico derivado a partir do tópico anterior.

Essa estratégia textual é usada também na segunda metade do século XIX:

(34) [CPWL43 – XIX2]

Chinton

Recebi a tua carta datada de 14 do corrente que passo a reseponder-lhe.

**Quanto a *molestia*** vou sem grande alteração, parece-me fóra de duvida que é beribéri sob a forma paralytica, que segundo a opinião dos médicos é o de marcha mais lenta e de cura mais morosa sendo tambem o que offerece menos pirigo uma vez que o trata=mento seja empregado a tempo.

Aminha ida para ahi é [p.2] actualmente inconveniente sendo que um pouo mais tarde, quer dizer, mais ou menos resta=belecido eu aproveitarei o teu offerecimento.

Por enquanto não tenho necessi=dade de dinheiro, vou me arran=jando por cá mesmo, entretantouma vez que necessite communi=carei para que dêas providen<cias.>

Agradeço-te muito os offereci=mentos de que talvez mais tarde me utilisarei visto ~~que~~ tenho certesa que são sinceros.

Todos passam regularmente b<em>e recommendão-se.

Lembranças ao Chico e ~~æ~~Franklin; recommenda-me ao Doutor [p.3] Celydoneo e acceita um abraço de teu irmão e amigo,

Lafayette.

P.S. Como ves continúo como secretario do Lafayette,  
do teu primo e amigo

Pericôcô

29 do 12º de95

Como se vê, também em (34), como na ocorrência (33), o remetente faz alusão a assuntos tratados na carta do seu interlocutor e inicia um tópico discutido nesta carta por meio de *quanto a*. A diferença entre as duas cartas é que *quanto a* apresenta um tópico já no meio da carta, enquanto em (34), a apresentação por meio de *quanto a* é feita logo no início da carta. Todavia, mesmo em (34), *quanto a* não introduz o tópico principal da carta, pois todo o conteúdo da carta gira em torno de notícias acerca do remetente. Por outro lado, *quanto a* também serve para apresentar outro tipo de tópico discursivo. O trecho de carta transcrito a seguir seria um exemplo:

(35) [CLR459 – XIX2]

Aqui corre o rio por outra fôrma. Levanta-se a gen- | te pela volta das 8 horas, toma o seu café, mas um | café, compadre, todo adubado com milho, e outras coi- | sitas mais, coisa boa; lê o *Correio Paulistano*, faz o seu | toilette, isto é, lava o rosto, pentea-se, calça as chine- | la, veste a ceroula, a calça, o casaco, etc., fuma o seu | charutinho; e assim chega até as 10 horas, que é a hora | do almoço, já se sabe, coisa fina, carne quasi sempre de | boi pesteadado, dizem que está reconhecida que é mais | saborosa, assim como a carne de dois e tres dias, por | que fica mais macia;não sabia desta, compadre, pois [v]á | aprendendo, que

muito tem que aprender. || O leite aqui compra-se já adubado com agua e pol- | vilho, que lhe dá um sainete excellente. O pão, isso | então, compadre de uma figa, é coisa grande; temos pão | de todas as nações; pão francez, italiano, hespanhol, | portuguez, allemão, e não sei se até o pão turco; cada | um com seu differente feitio, e alguns bem engraçados; | e **quanto ao sabor**, isso nem fallemos, é comer e gritar | por mais; uns tem um gostinho de azedo, qne é um | regalo, outros com uns longes de môfo que o torna ver- | dadeiramente apetitoso, estes claros, aquelles de uma | côr mais trigueira, outros ainda mais, que até fazem | uma vista agradável na mesa. Dizem-me que este ge- | nero está n'uma tal perfeição, que emprega-se na sua | manipulação todas as farinhas conhecidas e desconhe- | cidas, e é isto que o torna cada vez melhor. A respei- | to de pão dir-lhe-hei, impertinentissimo compadre, que | só não temos o - Pão nosso de cada dia. || O jantar tem sempre lugar a hora da sua merenda, | frugalissimo compadre, compõe-se de - todas las cosas e | algumas cositas mais, tudo iguarias papafina. || **Quanto ao vinho e ao chá**, isso nem é bom fallarmos, | ha tal abundancia, e variedade que eu iria longe, se | quizesse descrever-lhe. Que perfeição ! que gosto! O | compadre póde comprar uma garrafa de vinho de 640 | ou de 800 réis, que com essa só garrafa terá vinho, aguar- | dente, licor, rozasolis, cognac, cerveja, etc. Faz pra- | zer ainda ao paladar mais estragado. || O chá antigamente era uma bebida desenxabida, ho- | je não senhor, principia pela côr que é de um amarello | requeimado, e tem um gostinho de *sassuaiá* com seus | longes de *sabugueiro*, que melhor não póde ser. || Compadre, ha hoje uma transformaçãem tudo isto que | aposto o que quizer em como se o compadre viesse co- | mer um dia ás nossas mesas, não saberia o que estava | comendo, talvez cuidasse que estava saboreando os cele- | bres bicos de rouxinol, e o manjar dos anjos, com que | nos regalão os ouvidos quando somos crianças. || Agora do que o compadre mais se havia de admirar | seria do preço de tudo isto. O'he, com qualquer 8\$ | réis por dia o compadre póde almoçar, jantar e ceiar! | Realmente é de graça. ||

Nesta carta, o locutor escreve a seu compadre, fazendo um contraponto entre a vida boa que o compadre leva na fazenda com a vida na cidade de São Paulo. O tópico mais abrangente neste trecho da carta é, portanto, a vida na cidade de São Paulo. A partir desse tópico principal, o autor apresenta aspectos da vida na cidade, descrevendo como é o levantar-se de manhã, o café da manhã, as comidas e bebidas, o jantar, enfim. Assim, nesta

carta, há subtópicos discursivos que são derivados de outros tópicos particularizados, trata-se de tópicos mínimos.

O autor da carta usa a expressão *quanto a* em dois momentos. Primeiramente, apresenta o subtópico *sabor*, que é uma derivação do subtópico que estava sendo desenvolvido anteriormente, *pão*. Em um segundo momento, *quanto a* introduz os subtópicos *vinho* e *chá* por meio de um Tema complexo. Neste caso, porém, o tópico em desenvolvimento é um subtópico do subtópico *jantar*. Observe que, neste segundo caso, o autor da carta desmembra esse Tema complexo em dois tópicos discursivos: esgota-se o que se tem para falar sobre *vinho* e, depois passa a falar sobre *chá*. Casos assim já foram descritos por Laura (2003) num trabalho sobre as construções de Tema na língua portuguesa.

O interessante nestes dois exemplos com *quanto a* é o fato de que são casos de um tópico que faz parte, ou é um aspecto, do tópico que estava em curso. Jubran (2006) trata como casos de movimento tópico, ou seja, há deslizamento de um aspecto do tópico para outro aspecto do mesmo tópico com o intuito de mencionar um conjunto de mencionáveis (referentes, entidades), formando, assim, um quadro tópico com a seguinte hierarquia: o tópico em desenvolvimento se torna o supertópico – *pão* e *jantar* – e os outros tornam-se subtópicos desse supertópico – *sabor* torna-se subtópico de *pão* enquanto *vinho* e *chá* tornam-se subtópicos de *jantar*.

Ao introduzir um tópico novo no discurso, que no plano hierárquico se configura como um subtópico ou um “subsubtópico” (tópicos mínimos), o locutor dá indicações, estabelece um quadro, a partir do qual quer expressar algo. Dessa forma, evidencia-se a função de Orientação como descrita no capítulo de revisão bibliográfica.

Resumimos, no quadro a seguir, as propriedades da discursivização referentes ao marcador *quanto a*.

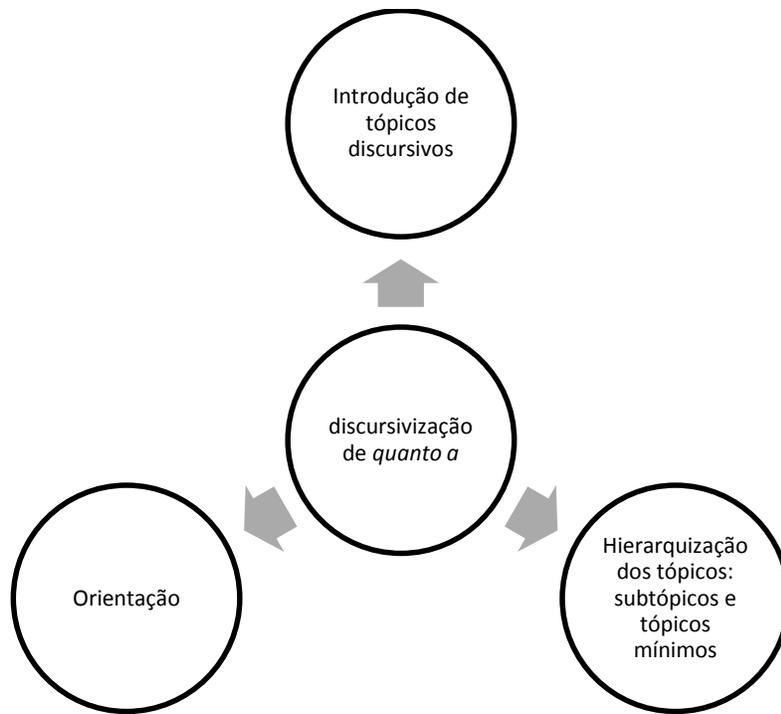


Figura 4. Representação radial da discursivização de quanto a

# Capítulo 4

## O marcador *sobre* na história do português paulista

---

### Introdução

Neste capítulo, apresentamos as características lexicais, gramaticais, semânticas e discursivas do marcador de Tema *sobre* no português paulista.

Assim, preocupamo-nos com o aparecimento das primeiras ocorrências de *sobre* no português paulista, bem como a etimologia desse marcador no que toca a sua lexicalização.

Ao levarmos em conta o sistema semântico das construções com esse marcador, mostramos o significado de *sobre*, além de seu papel no processo de apresentação. Focalizamos também, neste ponto o tipo de informação expressa nas construções. Buscamos também uma descrição das construções de Tema marcado por *sobre* em relação ao processo de referenciação.

Do ponto de vista da gramática, caracterizamos o marcador *sobre* no que tange à classe de palavra que ele rege, além da sua própria classificação. Ainda tratamos do tipo de verbo que pode aparecer na oração que segue o Tema iniciado com *sobre*.

Por fim, no sistema discursivo, explicitamos como *sobre* funciona na hierarquização dos tópicos discursivos.

### 1. Lexicalização de *sobre*

A preposição portuguesa *sobre* vem do latim *super*. Poggio (2002) descreve duas etimologias de *super*. De acordo com a primeira, *super* vem do indo-europeu *uper* com partícula prefixal *s-*. De acordo com a segunda, *super* vem da junção de duas preposições do indo-europeu *\*eks-uperi*.

Poggio (2002) mostra também que, na época republicana, *super* expressava a ideia de “a respeito de” com ablativo e era usada na língua familiar. Esse uso também é encontrado na época pós clássica como se nota, por exemplo em *super aliqua re scribere* (escrever a respeito de alguma coisa).

Em português, Nunes (1960, apud Poggio, 2002, p.227) assinala o uso da forma *sober*, enquanto Vasconcellos (1926) a considera apenas hipoteticamente, e mostra que há documentos no português arcaico de uso da preposição *sôbolo*, conforme se nota no exemplo a seguir das *Redondilhas*, de Camões.

(1) *Sôbolos* rios que vão/Por Babylonia, me achei (Camões)

O quadro a seguir resume o processo de lexicalização de *sobre*:

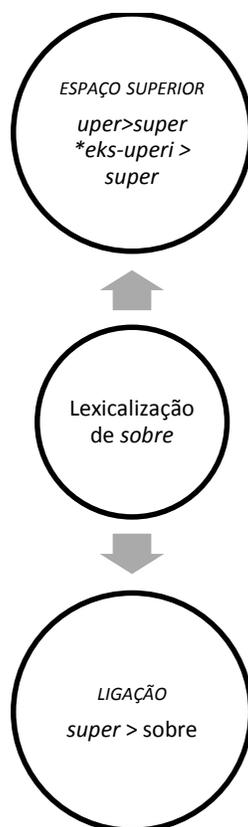


Figura 5. Representação radial da lexicalização de *sobre*

## 2. Semanticização de *sobre*

Primeiramente, trataremos do sentido geral de *sobre* para, depois, analisarmos o papel dos Temas marcados por essa palavra no que concerne à Apresentação e Referenciação.

### 2.1.O sentido de *sobre*

Para Faria (s.d.), *super* do latim tinha o sentido próprio de *em cima*, por cima, de cima, do alto e o sentido figurado de *a mais, além de, demais, lá em cima, a mais, de resto*.

Segundo Ernout e Meillet (1967), em latim, *super* era usado como advérbio, préverbo e preposição; seu sentido era de *sobre, acima de, por cima de*. Os sentidos figurados expressos por *super* vêm exatamente do sentido de *por cima de*. Assim, a partir desse sentido, surgiram aqueles descritos acima por Faria (s.d.).

A ideia expressa por *sobre*, de acordo com Machado (1959), é de *por cima de, em cima de, a mais, além de*. Cunha (1982) acrescenta a ideia de *adiante de*.

De acordo com Ilari et al. (2008), *sobre* pode ter dois esquemas cognitivos: de espaço e de ligação. O de espaço indica movimento no espaço e marca o espaço abstrato, enquanto o de ligação sinaliza a introdução de assunto ou tópico.

Ainda de acordo com esses autores, *sobre* resiste em predicacões como *falar sobre, responder sobre*, cujos sujeitos se deslocam ficticiamente para uma posição /ESPAÇO SUPERIOR/ ao referente expresso pelo complemento da preposição, liberando assim com frequência o sentido de “a respeito de”. No entanto, não é clara a derivação da ideia de assunto e tópico a partir da noção de espaço (em cima, acima).

Pezatti (2010), por outro lado, admite que há preservação do valor primitivo de superioridade em *sobre* quando se trata de assunto ou tópico, pois, de acordo com a autora, “discorrer sobre um assunto implica assumir uma posição de cima, vista metaforicamente como dominando todos os aspectos do tema”.

Assim, partindo das duas propostas acima, poderíamos supor, ou hipotetizar, que haja um deslocamento, não mais do sujeito gramatical, mas do produtor do discurso para uma posição /ESPAÇO SUPERIOR/, na qual tenha uma visão maior e melhor em relação

ao texto, e à produção do texto de um modo geral. A partir desse lugar /ESPAÇO SUPERIOR/ fictício, ele passaria a selecionar os tópicos de acordo com a necessidade ou importância deles num determinado contexto ou situação com a qual esteja relacionado. Tome a seguinte ocorrência como exemplo:

(2) [CPP09 – XX2] Se você escrever p/ Djane dá uma bronca nela por mim, tá? Essa danada desapareceu dos meus eyes .... Oh God! Ela ã pode sumir, estou preocupada! Ah! **Sobre** o Zine, eu estou copiando ele na mão pra mandar pra você montar, ok? Eu não sou muito 'criativa' nestas coisas de montagem, etc., Eu agradeço desde já, ok?

A autora da carta estava discorrendo acerca de um determinado tópico, *Djane*, e passa a outro tópico, *Zine*, abreviação de fanzine – um tipo de jornal que divulga um fã clube de artistas. Observe que a locutora usa o marcador discursivo interpessoal *ah!* para sinalizar ao seu interlocutor que vai iniciar um novo tópico e usa *sobre* para selecionar e marcar o tópico a ser desenvolvido a partir de então.<sup>7</sup>

Ao que parece, o locutor seleciona o tópico a partir de uma lista de tópicos possíveis, trata-se, como já evidenciado por Mateus et al. (1989), da ativação de um elemento da memória passiva do alocutário que é transferido para a memória ativa. O locutor, portanto, já tem uma ideia prévia de que o tópico a ser desenvolvido é conhecido pelo seu interlocutor. Além disso, o que se segue após o tópico, ou seja, o(s) comentário(s), estabelece com ele(s) uma relação de concernência, nos termos de Jubran (2006). E essa concernência é uma combinação de elementos cognitivos novos em relação ao tópico (MATEUS, 1989). Nos termos da proposta interacional de Dik (1989), o interlocutor quer realizar uma mudança na informação pragmática de seu interlocutor. Para tanto, parte de uma informação já conhecida pelo interlocutor (o Tema introdutor de tópico discursivo) a fim de apresentar as informações novas acerca desse tópico.

---

<sup>7</sup>Como já mostrado no capítulo 2 desta tese, Castilho (2010) diferencia dois tipos de marcadores discursivos. Há aqueles orientados para a interação linguística, chamados de marcadores pragmáticos ou interpessoais; e há também aqueles orientados para o texto, chamados de marcadores textuais ou ideacionais.

## 2.2. Apresentação

Às vezes o produtor da carta marca explicitamente que está tratando de algo conhecido pelo leitor. E essa informação pode ser acessada de outras informações do passado. E isso é feito por meio do demonstrativo *aquelas* na ocorrência a seguir:

- (3) [CPP09 – XX2] **Sobre** *aquelas gravações*, eu já estou comprando as fitas e <a>guardando o novo catálogo pra ver se chegou + novidades. Eu quero o “On Strike”, ‘Live in Scandinary’, <e> aquela do 1º show de 79 só pra começar. O Echo tem muita coisa e se Deus quizer a gente vai conseguir a maioria, ok?

O papel de *aquelas* na ocorrência é reativar na memória de longo prazo do leitor as *gravações* já compartilhadas pelos interlocutores. Não é possível, para quem é de fora do processo interacional dessa carta, saber exatamente quais são essas gravações, mas o locutor supõe que seu interlocutor consegue indentificar. Trata-se, portanto, de conhecimento partilhado entre escritor e leitor da carta.

O papel de *sobre* é justamente apresentar essa informação compartilhada entre os interlocutores.

## 2.3. Referência

Em relação à presença de um correferente explícito, nota-se que quase não ocorre. Há apenas duas ocorrências dessa natureza e todas elas da segunda metade do século XX. Veja-as:

- (4) [CPP09 – XX2] **Sobre** *mim, eu* tenho 18 aninhos, estudo Desenho Mecânico, e Industrial e Arquitetônico, Matemática Inds. e Tec-||nologia mecânica. Pretendo pegar uma FEI Engenharia Civil ou mecânica. Trabalho como supervisora de kardex (Estoque) de uma das maiores lojas de mat. p/ const. aqui em SP.

(5) [CPP09 – XX2] Ah! **Sobre o Zine**, eu estou copiando *ele* na mão pra mandar pra você montar, ok? Eu não sou muito ‘criativa’ nestas coisas de montagem, etc., Eu agradeço desde já, ok?

No primeiro exemplo, o Tema *mim* é retomado dentro da oração pelo pronome reto *eu*, que exerce a função de sujeito; já no segundo exemplo, o tema *Zine* é retomado por *ele*, que, neste caso, desenvolve a função de complemento direto dentro da oração.

Esse uso de *ele* com função de objeto e de retomar um Tema é recorrente na língua portuguesa falada no Brasil como demonstra, por exemplo, Decat (1989) acerca da importância de alguns elementos gramaticais para a construção de constituintes-Tema no português do Brasil.

Nem sempre ocorrem retomadas, o que não significa que não ocorram remissões ou formas anafóricas que, de alguma forma, desempenham esse papel em relação ao Tema. Confira a ocorrência abaixo:

(6) [CPP02 – XX2] **Sobre o nome do F-C**, eu decidi mudar *tudo* e começar tudo de novo.

Neste exemplo, a remissão do Tema é feita por meio do quantificador *tudo* na posição de objeto direto. Trata-se, nas palavras de Moraes de Castilho (2008), de “um fórico de largo espectro”. A quantidade referida em *tudo* parece extrapolar a referência do SN *o nome do F-C*, em outros termos, *tudo* parece referir-se a algo a mais que somente o nome do fã clube, ou seja, o intuito do locutor seria, nesse sentido, mudar, além do nome do fã clube, outras coisas em relação a ele também, como a organização dos membros, a localização em um determinado bairro da cidade, a forma como deve ser feita a divulgação do fã clube e da banda, etc.

Marcuschi e Koch (2006) chamam essa anáfora de pronominalização, ou seja, *tudo* não faz referência exatamente a F-C (o referente lexicalizado no cotexto), mas à ideia(s) ou relação(ões) que pode(m) ser inferida(s) a partir de F-C.

Há, no entanto, a possibilidade de retomada ser uma elipse, ou seja, o correferente fica implícito na oração. Observe os exemplos:

- (7) [CPWL34 – XIX2] **Sobre** o assumpto principal da tua carta, isto é, sobre a venda da tua <parte> e das dos outros da União, eu tinha tenção de escrever-te a respeito, pedindo justamente esclarecimentos.
- (8) [CPP09 – XX2] E **sobre** a festa 'gótica' que rolar lá na Treibhaus, todo fim de semana rola, álias, lá é qse todo dia, falando melhor, lá é só gótico! E rola Echo até dizer chega. Domingo rolou "Show of Streng" e "Do it Clean" e o que eu pulei lá ã estava na história!
- (9) [CPP09 – XX2] **Sobre** a MTV, ontem passou 'Bring on the dancing horses', acredita? Só que eu ã vi. Quem viu foi um dos meninos lá da firma que tbém gosta do Echo. Eu nem almocei di-||reito de raiva ... Você me paga MTV!

Em (7), a retomada é feita implicitamente na função de adjunto. Observa-se que o pronome cópia está abstraído na expressão *a respeito de*. Em (8) tem-se um caso de retomada na posição de sujeito do verbo *rolar*. Em (9), por seu turno, tem-se outra ocorrência de retomada implícita na função de adjunto. A diferença é que, em (7), o adjunto é de assunto, enquanto em (9), tem-se um adjunto de lugar.

Em outros casos, todavia, não há correferente do Tema dentro da oração, conforme demonstra a ocorrência (10):

- (10) [CPWL39 – XIX2] **Sobre** o faqueiro, eu farei o que me recommendas e me [p.3] parece mesmo mais regular.

Nessa outra ocorrência, por seu turno, alguns nomes, como *fitas* e *catálogo*, indicariam uma referência indireta a *aquelas gravações*:

- (11) [CPP09 – XX2] **Sobre** aquelas gravações, eu já estou comprando as fitas e <a>guardando o novo catálogo pra ver se chegou + novidades. Eu quero o “On Strike”, ‘Live in Scandinary’, <e> aquela do 1º show de 79 só pra começar. O Echo tem muita coisa e se Deus quiser a gente vai conseguir a maioria, ok?

Na verdade, Marcuschi e Koch (2006), como já demonstrado aqui em outros

momentos, chamam este tipo de anáfora associativa, uma vez que *fitas* e *catálogo* encadeiam-se ligados pelo mesmo *frame* de *gravações*.

De um modo geral, as construções de Tema introduzidas por *sobre* têm um caráter definido, como exemplifica a seguinte ocorrência da primeira metade do século XVIII:

- (12) [A114 – XVIII] **Sobre** *oSeofilho levado doemguano*, dequem não esperava. OFrancisco Pacheco EmbarCandose com toda aSua gente, estandoSeo Pay navilla memandou dizer, emararitaguava, donde meachava Com oexcelentissimo Senhor Conde despedir atropa, *que* o filho devossamerce vinha naCanoa, eotiraçe, Como odito não chegou atempo deeu opoder fazer deichey ordem para otirarem elevarpara avilla (...)

O artigo *o* mostra esse caráter definido do Tema, o que indica que a informação apresentada nas ocorrências de Tema introduzidas por *sobre* são informações que podem ser inferidas a partir do contexto precedente, como se pode notar na seguinte passagem:

- (13) Nunca cuydey *que* os passatembpos, dos divertimentos devossamerce meocazionace molestias, enão ha duvida que fazendome todas as Cabeleyras de graSainda não mepaguava, o*que* t[enho o]zado.

O autor da carta fala sobre os *passatempos* e *divertimentos* do seu interlocutor que ocasionam “moléstias” (aborrecimentos) no locutor. Ao discorrer acerca do Tema *oSeofilho*, o locutor toma esse referente como uma “moléstia” possível, marcando-a como definida no texto. Esse tipo de anáfora é associativa por inferenciação.

O pronome demonstrativo *este* pode indicar informação de curto prazo – e aqui nos aproximamos da propriedade anafórica. Observe o exemplo a seguir do século XIX:

- (14) [BNRJ04 – XIX1]

Eu vejo, e he constante, | *que* a Cathequizaçã, e civilizaçã dos Indios de – | Guarapuaba, cujas ferteis campanhas, vizinhas | aos Campos geraes de Curitiba sem difficuld.es de Ca= | minhos, *equ*e se estendem té Missoens da Capitania | de Saõ Pedro do Sul, *equ*e tantas

utilidades promet= | tem ao Estado nos diversos estabelecimentos de Fazenda | e creaçoens de gados, nada tem prosperado, eso | tem servido de pezo aReal Fazenda pelas avul= | tadas quantias, *que* tem despendido, ede gravissi= | mo incommodo aos povos circumvizinhos, dos *quaes* | m.tos se auzentaraõ com suas familias *para* Lages, e | Cima da Serra; se estes bens, torno adizer, nenhum | resultado feliz tem produzido, *que* resultado pro= | duziraõ as Missoens do epidemico Paranã? [espaço] | **Sobre** *este objecto* ja declarei meus sentimentos em hũa | memoria, ou informação, *que* dirigi em 1816 ao *Doutor* | Dezembargador, e Ouvidor de Itu Miguel Antonio | de Azevedo, eanda comosdocumentos, *que* acompanharã | ao Officio, *que* V.Ex.<sup>a</sup> fez-me ahonra dirigir; a elle | ||2v. pois me reporto submettendo o meu parecer a outro | qualquer, *que* for mais util aoServiço d.'El Rei Nos= | so Senhor, eao bem dos Povos desta Capitania.

Nesta ocorrência, o que está em jogo não é mais a questão do caráter apenas definido do Tema, mas a capacidade que essas construções têm também de fazer referência a uma informação expressa no contexto discursivo anterior. *Este objecto*, nessa ocorrência, exerce exatamente o papel anafórico de fazer essa referência, demonstrando o local do texto onde se encontra a informação que o interlocutor deve se ater. Trata-se, portanto, de um Tema que faz remissão a um objeto-de-discurso anteriormente expresso no cotexto. Além disso, *objecto* parece se caracterizar mais como um termo genérico que tem a função de anáfora rotuladora, ou seja, de uma anáfora que recategoriza um segmento anterior do texto, resumizando-o e encapsulando-o numa expressão nominal que o transforma em objeto-de-discurso (cf KOCH, 2004, p.36; KOCH, 2006, p. 271).

Por outro lado, em alguns casos, a informação pode ser extraída da própria situação discursiva, como na ocorrência abaixo:

- (15) [CPP02 – XX2] **Sobre** *mim*, eu tenho 18 aninhos, estudo Desenho Mecânico, e Industrial e Arquitetônico, Matemática Inds. e Tec-||nologia mecânica. Pretendo pegar uma FEI Engenharia Civil ou mecânica. Trabalho como supervisora de kardex (Estoque) de uma das maiores lojas de mat. p/ const. aqui em SP.

em que o pronome *mim* faz referência ao próprio autor da carta.

O esquema a seguir sintetiza a semanticização de *sobre*.

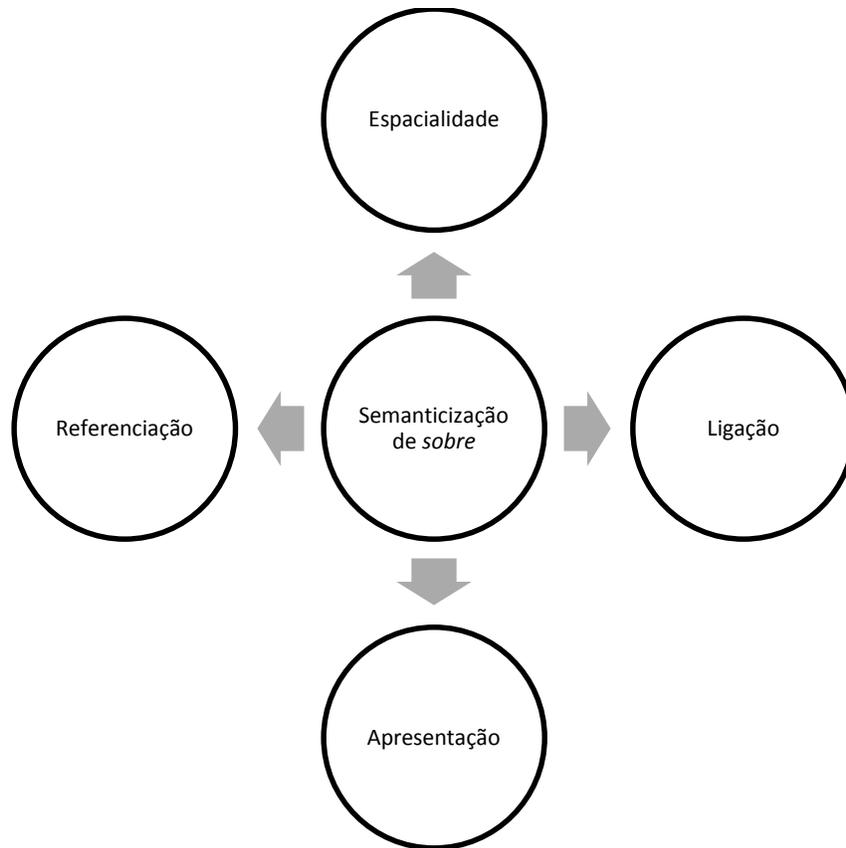


Figura 6. Representação radial da semanticização de *sobre*

### 3. Gramaticalização de *sobre*

O ponto de referência da preposição do eixo vertical /ESPAÇO SUPERIOR/ *sobre*, ou seja, o complementador que ela seleciona ao organizar um sintagma preposicionado, é expresso por vários tipos de palavras. Veja um exemplo a seguir no qual *sobre* acompanha pronome pessoal *mim*:

- (16) [CPP02 – XX2] **Sobre** *mim*, eu tenho 18 aninhos, estudo Desenho Mecânico, e Industrial e Arquitetônico, Matemática Inds. e Tec-||nologia mecânica. Pretendo pegar uma FEI Engenharia Civil ou mecânica. Trabalho como supervisora de kardex (Estoque) de uma das maiores lojas de mat. p/ const. aqui em SP.

No entanto, da mesma forma que os outros marcadores, o núcleo de uma construção de Tema iniciada por *sobre* é geralmente um substantivo, como a palavra *faqueiro* no exemplo abaixo:

- (17) [CPWL39 – XIX2] **Sobre** *o faqueiro*, eu farei o que me recommendas e me [p.3] parece mesmo mais regular.

*Sobre* também pode acompanhar uma oração como na ocorrência a seguir:

- (18) [CPP09 – XX2] Ah! **Sobre** *ir na 89Fm falar com o José Roberto Mahr* é uma ótima e em nome || do "Crystal Skies", mas o problema é arrumar time p/ ir até lá. Se você vier p/ cá no Carnaval, a gente dá um pulo lá num sábado pra tomar informação, que tal?

Em relação à posição de *sobre* como marcador, nota-se sua preferência pelo início da sentença como exemplifica (19) abaixo:

- (19) [CPWL34 – XIX2] **Sobre** *o assumpto principal da tua carta*, isto é, sobre a venda da tua <parte> e das dos outros da União, eu tinha tenção de escrever-te a respeito, pedindo justamente esclarecimentos.

Nas cartas do século XX, *sobre* também pode aparecer após um marcador discursivo, como mostram as ocorrências (18) acima e também (20) e (21) abaixo.

- (20) [CPP09 – XX2] Ah! **Sobre** *o Zine*, eu estou copiando ele na mão pra mandar pra você montar, ok? Eu não sou muito 'criativa' nestas coisas de montagem, etc., Eu agradeço desde já, ok?
- (21) [CPP09 – XX2] E **sobre** *a festa 'gótica' que rolar lá na Treibhaus*, todo fim de semana rola, álias, lá é qse todo dia, falando melhor, lá é só gótico! E rola Echo até

dizer chega. Domingo rolou "Show of Streng" e "Do it Clean" e o que eu pulei lá ã estava na história!

O uso desses marcadores discursivos se faz necessário para organizar melhor o tópico discursivo, marcando o fim de um e início de outro. Salienta-se, porém, que *e* parece ser um marcador recorrente para anteceder os introdutores de Tema, uma vez que, como já mostrado no capítulo anterior, o mesmo ocorreu com o marcador *quanto a* num exemplo do século XIX.

Resta ainda verificar, nas construções com *sobre*, se há alguma ocorrência que poderia indicar uma relação mais estreita entre o Tema e a oração, ou seja, se *sobre* ocorre com algum verbo de percepção, como *escutar*, *saber*, *assistir*, *ver* ou *dicendi*.

Observe a ocorrência a seguir:

- (22) [BNRJ04 – XIX1] **Sobre** este objecto ja declarei meus sentimentos em hũa | memoria, ou informaçaõ, *que* dirigi em 1816 ao Doutor | Dezembargador, e Ouvidor de Itu Miguel Antonio | de Azevedo, eanda comosdocumentos, *que* acompanharãõ | ao Officio, *que* V.Ex.<sup>a</sup> fez-me ahonra dirigir; a elle | ||2v. pois me reporto submettendo o meu parecer a outro | qualquer, *que* for mais util aoServiço d.'El Rei Nos= | so Senhor, eao bem dos Povos desta Capitania.

Note a presença do verbo de elocução *declarar*, que não apresenta traços de remissão ao Tema expresso no início da construção, o que poderia indicar uma relação mais estreita entre esse verbo e constituinte encabeçado por *sobre*.

Nos exemplos do século XX, por outro lado, é mais difícil encontrar a presença de um verbo de elocução ou de percepção ligado a *sobre* como introdutor de Tema. Veja o exemplo a seguir que indica uma ocorrência com outro tipo de verbo:

- (23) [CPP02 – XX2] **Sobre** o nome do F-C, eu decidi mudar tudo e começar tudo de novo.

Em (24), temos outro tipo de verbo ocorrendo com *sobre*:

(24) [CPP09 – XX2] **Sobre** a MTV, ontem passou "Bring on the dancing horses", acredita?

Dessa forma, nota-se que as ocorrências com *sobre* introdutor de Tema são menos integradas a um elemento da oração, o que indicaria que estas construções estão fora da estrutura sintática da oração como indicado por vários autores (ILARI, 1986<sup>8</sup>; PONTES, 1987; DIK, 1989, 1997; PEZATTI, 1998; CASTILHO, 2010).

Representamos, a seguir, um esquema, resumindo as propriedades gramaticais de *sobre*.

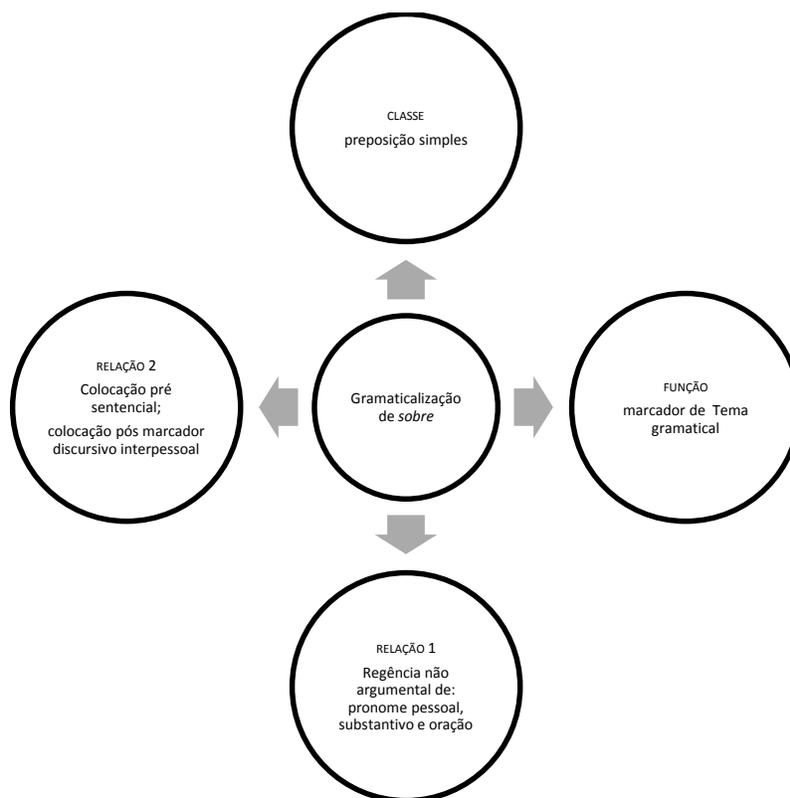


Figura 7. Representação radial da gramaticalização de sobre

<sup>8</sup> Ilari (1986), na verdade, diz que o tópicos é estranho à estrutura actancial da oração.

#### 4. Discursivização de *sobre*

Nesta seção, mostraremos primeiramente as primeiras ocorrências de *sobre* como marcador de Tema e, depois, como ele funciona na organização do texto, mais especificamente, na hierarquia dos tópicos discursivos.

Buscamos, no site *Corpus do Português*, ocorrências com *sobre* que evidenciaríamos sua função de marcador em outros momentos da língua portuguesa. Observe o exemplo a seguir:

- (25) [CDP – XIII-2] **sobre** esses coutos e **sobre** esses herdamentos que lhis auya dados e coutados per mhas cartas que de mî téén. Eu mãdei que mha corte catasse a ellas seu deryto; e outrossi a mí o meu deryto. **Sobre** esta contenda; e mha corte sabuda a uerdade deste feyto e uistas as cartas da hûa parte e da outra uyo por deryto e Juygou os dauãdictos coutos e herdamentos; ao Moesteyro d'aRouca; e mandou a mî que eu me partisse e quitasse desta demanda que lhis fazia ca ãõ auya hy deryto segûdo as cartas

O autor deste trecho dos *Documentos portugueses da Chancelaria de D. Afonso III* mostra um uso de *sobre* na segunda metade do século XIII, comprovando que esta preposição já tinha a função de marcador em momentos anteriores àqueles compreendidos pelo corpus do português paulista. Nesta passagem da carta, o locutor introduz como tópicos do discurso os elementos discursivos *coutos* e *herdamentos*, os quais ainda não tinham exercido essa função no texto ainda. No entanto, como se pode comprovar pelo uso do demonstrativo *esses*, trata-se de elementos que já foram mencionados anteriormente nesse mesmo texto.

O uso de *sobre* como marcador de Tema tem um aspecto interessante no que tange ao aparecimento das ocorrências no português paulista. O primeiro caso que encontramos no português paulista é já da primeira metade do século XVIII, ao contrário de *quanto a* que aparece apenas no século XIX, o que nos indicaria que *sobre* poderia ocorrer também em momentos anteriores da língua como marcador de Tema. Veja a ocorrência abaixo:

[Senhor] Guilherme daSilva

[Excelentissimo]

Nunca cuydey *que* os passatembpos, dos divertimentos devossamerce meocazionace molestias, enaõ ha duvida que fazendome todas as Cabeleyras de graSainda naõ mepaguava, oque t[enho o]zado. **Sobre** oSeofilho levado doemguano, dequem naõ esperava. OFrancisco Pacheco EmbarCandose com toda aSua gente, estandoSeo Pay navilla memandou dizer, emararitaguava, donde meachava Com oexcelentissimo Senhor Conde despedir atropa, *que* ofilho devossamerce vinha naCanoa, eotiraçe, Como odito naõ chegou atempo deeu opoder fazer deichey ordem para otirarem elevarpara avilla; epara mais seguranSa Recomendey aAntonio Joseph *que* Seachava, pRezente, o tiraçe; RecolhendoSe para avilla mediSe já Setinha tirado omenino, eque logo chegava; d[isto]dey parte aSua exçelencia eComo naõ cheguaçe, odito mefoy pReçizo [mandar] a Antonio Joseph Eoutra peSoa, atraS [doSugeito] eabacho dabarra deSoroCa[ba], m[ei]o dia deviage alcansaraõ omoSso, etrouxeraõ oditomenino, *que* Seacha emCaza doCapitam Mor Manoel deSam Payo. antes que tenha outra, Como eSta, fora de pareSer, pediSe, aoexcelentissimo Senhor Conde lhemandaçe dar para oCriar, *que*Como não tem May CareSe detertrato, e eSteS[êr] quem lhedoy. eobom he crialo depequeno Comadoutrina emque hade ficar. eordenando odito Senhor *que* oReColha, venha logo buscar *que* nenhuaduvida hã emSeentregar, e devame vossamerce eSte trabalho, porlhedizer *que* atal crianSa naõ hia, para oCuyava, fico paraServir avossamerce aquem Deosgarde araritaguava 30 de Setembro de1733 annoz

Servidor devossamerce

Joam de Mello do Rego

Em virtude do despacho de V. ex.<sup>a</sup> enformo q. Fran.co Pacheco está alistado no 1.º da lista g.l p.<sup>a</sup> ir a conquista e está fazendo canôas e mais necessarios p.<sup>a</sup> a sua cometiva hé oq. posso informa.r a V. Ex.<sup>a</sup> e ordenará oq. for servido. Ytú, Agosto 28 de 1733.

Joam de Mello do Rego

O autor da carta começa seu texto fazendo uma introdução acerca da relação entre o remetente e o destinatário para mostrar o cenário do tópico do seu discurso, que é realmente introduzido no final do primeiro parágrafo do texto por meio de *sobre* na expressão *sobre o Seofilho*. A partir daí passa a discorrer a respeito desse assunto, que é o principal da carta.

Trata-se, dessa forma, de um tópico discursivo introduzido na forma de um Tema com marcação pela preposição *sobre*. O autor faz uma pequena introdução, indicando a relação entre remetente e destinatário. Após esta introdução, no final do primeiro parágrafo, o autor da carta introduz o tópico principal, e objetivo principal da carta, que é discorrer acerca do filho do destinatário que foi levado por engano.

O desenvolvimento do tópico parece ser contínuo, ou seja, não há interrupções durante todo o processo de construção da carta. O locutor começa seu texto com o intuito de tratar do tópico relativo ao filho do interlocutor e só passa a outro tópico após finalizar o anterior. Na verdade, o único tópico que foge da hierarquia principal da carta só aparece no *post scriptum* logo abaixo da assinatura e está relacionado com *Fran.co Pacheco*.

Na segunda metade do século XVIII não há ocorrências de *sobre*, que volta a aparecer a partir da primeira metade do século XIX. Veja um exemplo:

(27) [BNRJ04 – XIX1]

Eu vejo, e he constante, | *que* a Cathequizaçaõ, e civilizaçaõ dos Indios de – | Guarapuaba, cujas ferteis campanhas, vizinhas | aos Campos geraes de Curitiba sem difficuld.es de Ca= | minhos, *eque* se estendem té Missoens da Capitania | de Saõ Pedro do Sul, *eque* tantas utilidades promet= | tem ao Estado nos diversos estabelecimentos de Fazenda | e creaçoens de gados, nada tem prosperado, eso | tem servido de pezo aReal Fazenda pelas avul= | tadas quantias, *que* tem despendido, ede gravissi= | mo incommodo aos povos circumvizinhos, dos *quaes* | m.tos se auzentaraõ com suas familias *para* Lages, e | Cima da Serra; se estes bens, torno adizer, nenhum | resultado feliz tem produzido, *que* resultado pro= | duziraõ as Missoens do epidemico Paranã? [espaço] | **Sobre** *este objecto* ja declarei meus sentimentos em hũa | memoria, ou informaçaõ, *que* dirigi em 1816 ao Doutor | Dezembargador, e Ouvidor de Itu Miguel Antonio | de Azevedo, eanda comosdocumentos, *que* acompanharãõ | ao Officio, *que* V.Ex.<sup>a</sup> fez-me ahonra dirigir; a elle | ||2v. pois me reporto

submettendo o meu parecer a outro | qualquer, que for mais util ao Serviço d.'El Rei Nos= |  
so Senhor, eao bem dos Povos desta Capitania.

Neste trecho de carta, o narrador torna tópico, introduzindo-o com a ajuda de *sobre*, um elemento abstrato inferido partir de uma ideia representada por elementos mencionados no discurso precedente que ainda não tinham desenvolvido o papel de tópico, a saber, a falta de prosperidade/de crescimento de produção das fazendas de Guarapuava.

*Sobre* funciona também de outra forma na construção do texto. Observe a seguinte carta:

(28) [CPWL39 – XIX2]

Chinton.

Tenho demorado a resposta da tua ultima carta, esperando uma solução definitiva da fazenda.

Apezar dos esforços que fiz, não pude obter mais de quarenta contos, mas como todo pagamento é feito a vista, achei conveniente o negocio, tractei definitivamente.

Poderia ter obtido maior dinheiro, mas sendo quasi todo a prazo, negocio pois que não nos convinha.

O comprador só tem que me pagar separadamente os animais e criação que me pertencem, caso lhe convenha o preço.

Não exijo pagamento a parte das minhas bemfeitorias, porque tendo eu já tirado alguma madeira, é justo que de algum modo recompense este prejuizo.

[p.2] A escriptura deverá passada [sic] por todo mez de agosto, e caso não o faça o pretendente a compra perderei o direito a garantia que ficará em meu poder.

N'estas condições peço-te mandar-me com brevidade os papeis necessarios, isto é, copia de escriptura, procurações etc.

Está claro que a venda por esse preço não é dos mais vantajosos, mas nas condições em que é feita me parece de toda conveniencia.

- Junto encontrarás a ordem de 273#000, que de accordo com o teu pedido te remetto.

O Doutor Lousada disse que não podia fazer a cousa por menos de 300#000, e eu tive que entrar com a diferença.

- **Sobre** *o faqueiro*, eu farei o que me recommendas e me [p.3] parece mesmo mais regular.

Espero que me remettas com brevidade os papeis, para que eu possa requerer licença ao juiz para venda e acabar logo com esse negocio.

Lembranças a todos e saudades

do teu irmão.

Lafayette Luiz

União, 27 de julho de 1895.

Aqui, o tópico principal da carta gira em torno da compra da fazenda. O autor trata das questões relativas a preço, a documentos necessários para a venda, escrituração, etc. Assim, percebe-se que o tópico iniciado por *sobre* já no final da carta não pertence ao quadro tópico principal da carta, o que evidencia estarmos diante de um exemplo de descontinuidade tópica, ou seja, houve uma interrupção do tópico que estava em construção.

No caso da ocorrência acima, o tópico introduzido por *sobre, o faqueiro*, é um exemplo de digressão. Em outras palavras, *faqueiro* é um tópico desviante: o escritor interrompe o tópico que estava no discurso para inserir um novo tópico que ocupará a atenção dos interlocutores durante um tempo, para voltar depois ao tópico anterior.

As ocorrências encontradas no século XX vão mais ou menos nessa direção. Nesse século, aliás, *sobre* aparece com mais frequência, tornando-se o principal marcador do português paulista. A ocorrência a seguir é um exemplo:

- (29) [CPP09 – XX2] **Sobre** *a MTV*, ontem passou 'Bring on the dancing horses', acredita? Só que eu ã vi. Quem viu foi um dos meninos lá da firma que tbém gosta do Echo. Eu nem almocei di-||reito de raiva ... Você me paga MTV!

Trata-se da introdução de um tópico desenvolvido rapidamente pela autora acerca de *MTV*, emissora de televisão especializada em público jovem. Nessa carta, *sobre* aparece várias vezes com a função de marcador de Tema discursivo.

O exemplo a seguir pertence a essa mesma carta, que é extensa, portanto, iremos transcrever apenas alguns trechos dela.

(30) [CPP09 – XX2]

(...) Bem, p/ começar, adivinha só <o> que eu descolei <lá> na Treibhaus ... 'Echo in Sefton Park - Liverpool 1985"! só que a fita tá um horror e mal dá pra ver direito, mas só em algumas partes. Tem só 7 músicas da época de 'Crocodiles', 'Heaven up here" e "Porcupine". Tem Rescue || Heads Will Roll, Back of love, Do it Clean (c/ Sex Machine!), All I Want, 'Stars are Stars" e 'the Cutter'. Eu comecei assistindo sossegada na casa da minha vizinha, vendo ele de blazer preto e tal. Depois de 2 músicas ele tirou o blazer e ficou com uma camiseta estilo regata preta c/ a gola bem larga que caía escorregando pelo ombro. Bem, até aí eu já estava tendo uma parada respiratória, qdo <eis que> daqui a alguns instantes ... ele arranca a camisa ... aí eu qse pulei na tela e cometo o 1º estupro via vídeo, ré, ré, ré ... Como ele é branquinho, magrinho, lindo ... Eu assisti essa parte só umas 15 vezes, ré, ré, ré ... só que como o raio dessa fita tá mal gravada, some o som em certas partes, o show do "sister..." está sem som nenhum, mas tudo bem. **Sobre** aquelas gravações, eu já estou comprando as fitas e<a>guardando o novo catálogo pra ver se chegou + novidades. Eu quero o "On Strike", 'Live in Scandinary', <e> aquela do 1º show de 79 só pra começar. O Echo tem muita coisa e se Deus quiser a gente vai conseguir a maioria, ok? Ah! Sabe o que eu estou escutando? O meu amado "Crocodiles"! (...)

Aqui, *sobre* marca a entrada de um tópico coconstituente, ou seja, de um subtópico do principal assunto da carta. Assim, a escritora não interrompe a hierarquia tópica, uma vez que o tópico introduzido tem relação com que já se vinha tratando no texto: fita, música. O que a autora faz é tomar um novo aspecto para torná-lo o foco de atenção do seu discurso naquele momento. E faz isso por meio de uma construção de Tema introduzida por *sobre*.

Deve-se notar que as outras ocorrências com *sobre*, nesta carta, como o exemplo

(29) acima, vão nesta mesma direção: o falante torna tópico um assunto ainda não tratado no discurso, mas que se relaciona ao tópico principal da carta, a saber, as informações relativas ao fã-clube da banda *Echo and the Bunnymen*. Observa-se que, como se nota e (29) e (30), o Tema introduzido por sobre orienta o ouvinte acerca do assunto tratado, estabelecendo um quadro de referência para o que se vai dizer.

A seguir, demonstramos o esquema que resume a discursivização de *sobre*.

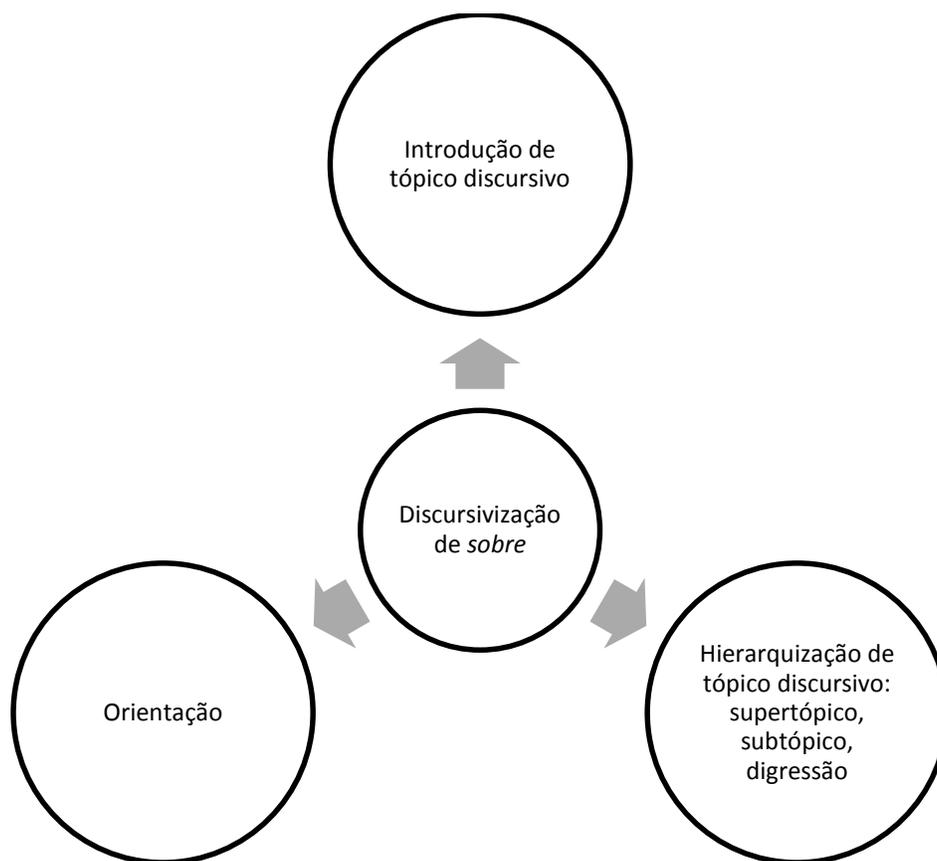


Figura 8. Representação radial da discursivização de *sobre*

## Capítulo 5

### O marcador *a respeito de* na história do português paulista

---

#### Introdução

Neste capítulo, apresentamos uma análise multissistêmica da expressão *a respeito de*. Apontamos, no sistema lexical, a etimologia da expressão, mostrando a origem de cada item.

No sistema semântico, verificamos que este marcador tem um significado que remonta à ideia de base *voltar os olhos para trás*. Ainda neste sistema, mostramos as relações entre *a respeito de* e apresentação, além de descrever a referenciação associada às construções iniciadas com este item.

No sistema gramatical, mostramos que *a respeito de* se configura como uma preposição complexa de núcleo nominal que rege várias classes de palavras e pode ter se integrado mais à estrutura da oração, passando a desempenhar outras funções, além da função de Tema.

Por fim, no sistema discursivo, *a respeito de* desempenha o papel de introduzir o tópico discursivo.

#### 1. Lexicalização de *a respeito de*

Já mostramos, acerca da lexicalização de *quanto a* no capítulo 3, que a preposição *a* vem do latim *ad*, que, por sua vez tem sua origem no indo-europeu *\*ad*.

*Respeito*, por sua vez, vem do latim *respectō*. Por fim, a preposição *de* vem da latina *de*.

Para Machado (1982), a preposição *de*, do latim *de*, era a que regia o ablativo e indicava separação, afastamento do objeto com que teve contato, união, associação. De acordo com Ernout e Meillet (1967), de marca a origem, distanciamento com idéia acessória de movimento de cima para baixo, mas nem sempre anexada. Ainda sobre de,

Poggio (2002) mostra que *de* se refere ao “ponto de onde se destaca” e “ponto de onde parte uma ação”.

O esquema a seguir mostra a lexicalização de *a respeito de*.



Figura 9. Representação radial da lexicalização de *a respeito de*

## 2. Semanticização de *a respeito de*

Começamos a seção pelo sentido geral de *a respeito de*, depois, analisamos a apresentação e, por último, descrevemos a referenciação.

## 2.1.O sentido de *a respeito de*

Já mostramos no capítulo 3, ao tratar do marcador *quanto a*, que a preposição *a* pode expressar em latim a ideia de *no que tange a, a respeito de*. Por outro lado, o substantivo *respeito* tem uma etimologia bastante interessante, que pode explicar as razões de escolha dessa palavra como marcador de Tema.

Machado (1959) diz que o verbo *respeitar* vem do latim *respectāre* e tem sentido de *olhar para trás, estar à espera*, além de ter um sentido figurado de *tomar em consideração* e *preocupar-se com*. Por extensão, diz o autor, que o substantivo *respeito* vem do latim *respectu*, e seu sentido é *ato de olhar para trás, consideração, respeito*.

No dicionário de Faria (s.d.), *respectō*, em seu sentido próprio, expressa a ideia de *olhar para trás frequentemente*. A partir daí expressa também a ideia de *voltar os olhos para*. Em sentido figurado, *respectō* expressa a ideia de *prestar atenção, ter olhos em, ocupar-se de*.

Para Machado (1982), a preposição *de*, do latim *de*, era a que regia o ablativo e indicava separação, afastamento do objeto com que teve contato, união, associação. De acordo com Ernout e Meillet (1967), de marca a origem, distanciamento com idéia acessória de movimento de cima para baixo, mas nem sempre anexada. Do sentido de *a partir de* passou ao sentido de *em seguida de* e ao sentido moral de *segundo, conforme a*, ou ainda *em relação a*.

Poggio (2002, p.183) ainda assinala que *de* podia, em latim, ter o sentido de *relativamente a e a respeito de, sobre* como em:

- (1) [...] *de numero dierum fidem servare*  
[...] ter confiança em relação ao número de dias
- (2) [...] *quae de nihil sentiendo dicta sunt*  
[...] o que foi dito sobre a ausência de sentimento

Esse sentido também é encontrado na língua portuguesa, conforme demonstra o exemplo abaixo dos *Diálogos de São Gregório* (POGGIO, 2002):

(3) Queria, padre, que mi contasses algumas cousas *daqueles* bees que visti ou ouvisti

Com base nisso, *a respeito de* parece ser usado pelos falantes para chamar a atenção dos ouvintes acerca de um determinado tópico que o falante supõe já ter sido mencionado, ou no discurso corrente ou em outros discursos frutos da interação entre ele e o ouvinte. Na verdade, o que o falante quer estabelecer com o ouvinte é que ele está tomando como tópico uma entidade que o ouvinte é capaz de identificar a partir de algo já dito anteriormente. Trata-se, portanto, de uma informação inferível a partir de informação velha.

Com essa estratégia, o falante quer que o ouvinte busque em sua memória de curto ou longo prazo uma determinada entidade, (re)ativando-a para que ela possa ser o tópico do discurso em desenvolvimento. É o que acontece no seguinte exemplo:

(4) [AI26 – XIX1]

*Illustrissimo Excelentissimo Senhor Antonio Manoel de Melo Castro e Mendonça*

Satisfazendo aCarta que por Ordem deVossa Excelenca escreveome o Sargento-mor ajudante de Ordens, Joaquim Joze Pinto de Moraes Leme, respondo que nos suburbios desta Aldeia CirCunstanciado Com al gumas qualidades eactividade para Director dos Indios parece me suficiente Salvador Pereira de Pontes, do destricto da ComCeiCam dos Guarulhos. [espaço] Quanto ao requerimento dos Indios he verdadeiro naparte que dis ser oactual Capitam Mor João de Lima, tibio frouxo, einneto para governar, pois alem delever estes defeitos gerais nos Indios do Brazil, creio que nele reina mais a priguica, **arespeito dos dois nomeados no requerimento para Capitains Mores** o Felis daCunha ja eserceo odito posto e teve baixa infame por intrigante, bebado, emais vicios abominaveis, o Joaquim Correa he o Soldado mencionado neste requerimento que deo pancadas noactual CapitamMor, não he dos peiores Indios desta Aldeia, he rapas agil, so oaxo algum tanto propenso aenbriages, defeito geral dos Indios. [espaço] He quanto poso informar aVossa Excelenca Nossa Senhora da Ajuda 9 de Março de1801.

*De Vossa Excelenca*

*Illustrissimo e Excelentissimo Senhor*

*Capelam obrigado e Creado.*

Nesta ocorrência, o tópico do discurso introduzido pelo tema *a respeito dos dois nomeados no requerimento para Capitains Mores* faz remissão a um requerimento enviado pelos índios – o tópico do discurso anterior – o que mostra que se trata de algo já conhecido pelo leitor da carta. Assim, faz parte da memória de longo prazo do interlocutor o assunto de que trata o requerimento, e quem são os dois nomeados nele. O escritor precisa fazer essas informações serem ativadas na memória de longo prazo do interlocutor. Assim, para isso, usa a expressão *a respeito de*. É como se o escritor dissesse ao leitor: *lembrando-me daqueles dois nomeados no requerimento para capitães mores ao qual você já teve acesso e do qual já falei anteriormente nessa mesma carta, tenho a dizer o seguinte sobre isso...*

É interessante notar que, em algumas ocorrências, os locutores fazem uso da preposição *por*, como já exemplificado anteriormente. Observe que, nestes casos, o escritor faz uma remissão a algo que foi mencionado anteriormente na mesma carta. Confira a seguinte ocorrência:

- (5) Já expedi não Só confirmação mas nova patente de Capitam mor para vossamerce eSenami=nha mã estiveSe darlhe mayores aCreçcen=tamentos eLucros, ofizera deboa vontade, porque atenho prange para favoreSer atodos osque cuidaõ nas Suas obrigaço~es, **eporeste Respeito** dezeja[v ou r ?]a taõ bem aumentar asconveniências ao Reverendo Padre Vigario; aquem peSo não [queira] desamparar aeSse pobre Rebanho (...)

Aqui, o autor remete o leitor ao que ele vinha discorrendo anteriormente no mesmo discurso. Comprova-se isso também pelo uso do pronome anafórico *este*, que retoma o estado-de-coisas anterior. A preposição *por* é perfeitamente justificável pelo fato de ser uma preposição que indica o caso perlativo, ou seja, integra o eixo espacial horizontal que marca, no percurso do objeto, o /PONTO MEDIAL/ onde ele se encontra. Assim, *por* sinaliza ao leitor da carta que o tópico do discurso a ser desenvolvido a partir daquele momento refere-se a algo que acabou de ser mencionado. Trata-se do ponto em que escritor/leitor se localizam no discurso. Deve-se observar também que estamos diante de

uma estratégia de transformar uma informação remática, ou seja, a informação nova da proposição anterior, numa informação temática da próxima proposição.

O uso da preposição *por* será mais bem descrito no próximo capítulo.

## 2.2. Apresentação

Comumente, relacionam-se as construções de Tema com a categoria de definitude (cf. Chafe, 1979). Confira a ocorrência a seguir:

(6) **arrespeito** | **das** Ordens que vem da Corte, muitas tem vindo, para se vender agrande fa= | zenda de Santa Cruz, da Capitania do Rio de Janeiro; oqueseria muito util áCoroa, | por se livrar desta grande administraçam (...)

O Tema *Ordens que vem da Corte* é antecedido pelo artigo definido *as*, evidenciando seu caráter definido [+def]. Esse caráter definido indica que a entidade é uma informação já conhecida pelo interlocutor que pode recuperá-la em sua memória. Tendo isso em vista, o locutor, para apresentar essa entidade no discurso, vale-se do marcador *a respeito de*.

A ocorrência a seguir é um pouco diferente:

(7) [CLR560 – XIX2]

Um nosso assignante de Tapera Grande queixa-se de que todas as semanas lhe faltam numeros da *Platéa* e que o que succede com o nosso jornal succede com o “Estado de São Paulo”, “Diario de Campinas”, “Cidade de Campinas”, “Apparecida do Norte”, “Progresso de Itatiba” e “Correio de Campinas”, folhas que assigna, que as respectivas administrações remetem, mas que são alli entregues ás vezes com grande atrazo e que outras vezes não recebe. || Já **a respeito do** correio de Tapera Grande temos lido n’outros jornaes reclamações contra o serviço alli feito; agora, por nossa vez, levamos tambem ao conhecimento do digno administrador dos correios a justa reclamação que nos dirige o nosso assignante n’aquella localidade.

O Tema *correio de Tapera Grande* tem um caráter [+def] pelo artigo *o*. A entidade apresentada nesse Tema ainda não foi mencionada na carta, mas é uma informação inferida a partir de outras informações da carta como a cidade de Tapera Grande, nomes de jornais, problemas com a entrega dos jornais.

Assim, nos momentos em que *a respeito de* marca uma entidade [+def], e essa entidade identifica uma informação inferida da memória, apresentando essa entidade no discurso. Trata-se, dessa forma, de uma entidade que ainda não tinha sido o tópico do discurso, ou seja, trata-se de uma entidade que ainda não foi o foco de atenção dos interlocutores no desenvolvimento do discurso. *A respeito de*, portanto, pode trabalhar na categoria semântica de Apresentação, como já dissemos em outros momentos dessa tese em relação aos marcadores *quanto a* e *sobre*.

### 2.3.Referenciação

Neste ponto, vamos tecer alguns comentários acerca da referenciação de construções de Tema com *a respeito de*.

Quando ocorre um correferente explícito, como no exemplo abaixo, ele pode exercer as mais diferentes funções dentro da oração.

(8) [C 18 1 Gen 1] epello que Respeita aestar Servindo de Capitam Domingos deCarvalho Quintal, edeAlferes Joaõ Bicudo Cortes, eu naõ tenho [Savido?] em oscon=Servar, visto que *vossamerce* os acha capazes, mas he neçesario, que Recorraõ amim para lhesmandar paSar asSuas patentes por Ser este oestillo.

Nesta ocorrência, as entidades introduzidas pelo Tema *estar Servindo de Capitam Domingos deCarvalho Quintal, edeAlferes Joaõ Bicudo Cortes* são retomadas dentro da oração por meio do pronome *os* com função de objeto direto em *osconservar*.

Por outro lado, a retomada da entidade temática pode ser feita por meio de um advérbio pronominal, como *alli*, que retoma o Tema *o correio de Tapera Grande*, no exemplo a seguir.

(9) [CLR560 – XIX2] Já **a respeito do correio de Tapera Grande** temos lido n'outros jornaes reclamações contra o serviço *alli* feito; agora, por nossa vez, levamos tambem ao conhecimento do digno administrador dos correios a justa reclamação que nos dirige o nosso assignante n'aquella localidade.

Além desses casos de correferencialidade, nota-se também que podem ocorrer remissões por meios nominais, como no exemplo a seguir, dentro da oração, há remissão ao Tema *pão* por meio do SN objeto *o Pão nosso de cada dia*.

(10) [CLR459 – XIX2] **A respei- | to de pão** dir-lhe-hei, impertinentissimo compadre, que | só não temos o - *Pão nosso de cada dia*.

Trata-se, de acordo com Marcuschi e Koch (2006), de uma descrição definida por meio da qual o locutor faz rotulações que remetem ao objeto de discurso mencionado anteriormente, evidenciando algum aspecto desse referente que ainda não foi mencionado.

O exemplo a seguir é um caso interessante de remissão por meio de um SN:

(11) [AI26 – XIX1] **arespeito dos dois nomeados no requerimento para Capitains Mores o Felis daCunha** ja eserceo odito posto e teve baixa infame por intrigante, bebado, emais vicios abominaveis, *o Joaquim Correa* he o Soldado mencionado neste requerimento *que* deo pancadas noactual CapitamMor, naõ he dos peiores Indios desta Aldeia, he rapas agil, so oaxo algum tanto propenso aenbriages, defeito geral dos Indios.

*Os dois nomeados no requerimento para Capitains Mores* introduzidos no Tema são retomados dentro da oração em dois momentos, por meio de dois substantivos próprios com função de sujeito, *o Felis daCunha* e *o Joaquim Correa*. O escrevente, assim, reconstrói o objeto de discurso, tornando-os tópicos no discurso. Primeiramente, toma um desses dois nomeados, ou seja, *o Felis daCunha*, para desenvolvê-lo no discurso e, só depois, toma *o Joaquim Correa*.

Há ainda algumas outras ocorrências em que a anáfora é um quantificador na posição de argumento externo, como em (12):

- (12) [BNRJ18 – XIX1] Meu estimavel amigo eConhado. [espaço] Ainda não contente | com o grande Chalendario *que* tenho escripto a V.S.<sup>a</sup>, direi mais: *que* **arrespeito** | das Ordens que vem da Corte, *muitas* tem vindo, para se vender agrande fa= | zenda de Santa Cruz, da Capitania do Rio de Janeiro; *oqueseria* muito util áCoroa, | por se livrar desta grande *administraçam*; pois he fazenda, *que* me dizem, só de | Escravos, tem couza de dois mil: mas estas Ordens, nunca se tem exe= | cutado, não faltando *quem* diga, he *porque* dada a fazenda *ousua* [ilegível]<sup>am</sup> | tem nutrido, e *entrem*, *muitos* individuos, *eque* por tanto, só se tem dado | *muitas* Contas eemchido, ou escripto, *muitas* resmas de papel; mas va= | lha *averdade*. [espaço]

Do ponto de vista semântico, estas anáforas por pronominalização tornam-se interessantes na medida em que, em (12), há um quantificador indefinido, *muitas*, que expressa uma ideia de quantificação partitiva, ou seja, não são todas ordens vindas da corte que chegam até ao remetente, apenas uma parte delas.

No exemplo (13) abaixo, por sua vez, há a presença de um quantificador indefinido de polaridade negativa, *nada*, que denota um sentido de quantificação universal, ou seja, não ocorre mais nenhum tipo de discussão acerca do assunto reformas de academias.

- (13) [CPWL28 – XIX2] **A respeito de** reformas de academias *nada* mais tem se fallado; tenho porém certeza da minha exclusão da reforma d'aqui - Tenho tenções de ir estudar engenharia geographica na Escola Polytechnica, depois que aqui fizer o 1º anno; fazendo isto adianto dous annos, facto este para mim muito agradavel.

O esquema a seguir resume o processo de semanticização de *a respeito de*.

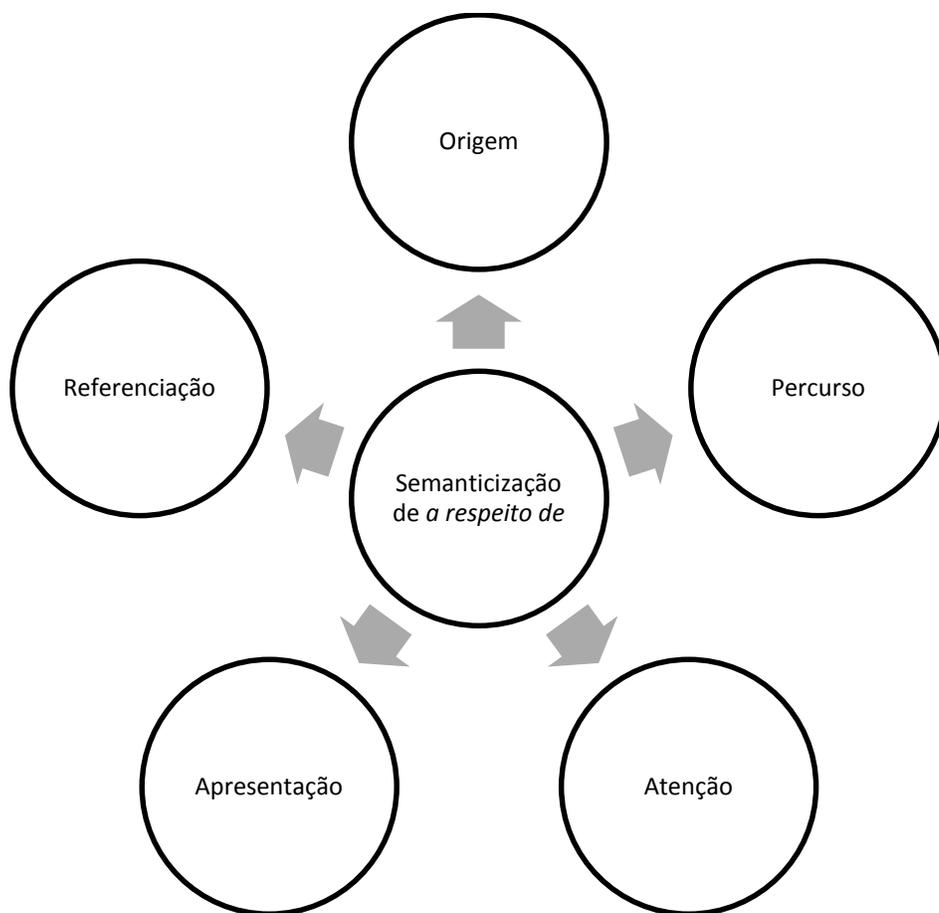


Figura 10. Representação radial da semantização de *a respeito de*

### 3. Gramaticalização de *a respeito de*

Seguindo a proposta de Castilho (2009) para a análise de preposições complexas, a expressão *a respeito de* é, na verdade, um sintagma preposicionado, formado por PREPOSIÇÃO + NOME + PREPOSIÇÃO. Teríamos, assim, um SP encaixado no SN. A estrutura a seguir daria conta de descrever os casos de *a respeito de*:

$$(14) \quad [[[\text{PREP}[a] \text{SN}[\text{respeito} [\text{de } x]^{\text{SP}}]]]]$$

Uma das classes de palavras que pode ser selecionada por *a respeito de*, ou expressões em torno de *respeito*, numa construção de Tema é o *pronome demonstrativo*, como demonstra (15). Nesse caso, a expressão temática remete sempre para trás.

- (15) [CPWL50 – XIX2] Ainda **a esse respeito** fui fallar aos *Doutores Aleixo Mainho* (Capital) e *Autram* (Petropolis) que nada adiantaram, creio que o unico remedio é esperar que o Governo mande tomar os contos quando julgar conveniente.

Os casos com *pronomes demonstrativos* estão mais relacionados com os usos da preposição *por*, como na seguinte ocorrência:

- (16) [C 18 1 Gen 1] **eporeste Respeito** dezeja[v ou r ?]a taõ bem aumentar asconveniências ao *Reverendo Padre Vigario*; *aquem peSo* naõ [queira] desamparar aeSse pobre *Rebanho* (...)

É também comum a seleção de um *substantivo* como *correio*, conforme no exemplo (17). Nesse caso, a referência é catafórica:

- (17) Já **a respeito do correio de Tapera Grande** temos lido n'outros jornaes reclamações contra o serviço alli feito; agora, por nossa vez, levamos tambem ao conhecimento do digno administrador dos correios a justa reclamação que nos dirige o nosso assignante n'aquella localidade.

Há apenas uma ocorrência em que a expressão *pelo que respeita a* seleciona uma oração. Veja-a:

- (18) [C 18 1 Gen 1] **epello que Respeita aestar Servindo de Capitam Domingos deCarvalho Quintal, edeAlferes Joaõ Bicudo Cortes**, eu naõ tenho [Savido?] em oscon=Servar, visto que *vossamerce* os acha capazes, mas he neçeSario, que Recorraõ amim *para lhesmandar paSar asSuas patentes por Ser este oestillo*.

Há algumas singularidades em relação à expressão *a respeito de*. Os dados do século XVIII nos mostram que a expressão *por este (esse) respeito* ou *pelo que respeita a* são antecipadas pelo marcador discursivo interpessoal *e*, como se pode verificar abaixo:

(19) [C 18 2 Seb 23] O dito Ajudante Illustrissim Senhor, Se Sua natureza he vil, [pq – escritos juntos e riscados] pois *que* nesta Vila já trabalhou pelo [Seo ?] Officio [d]e Capat[ia ?], **epor esse respeito** depois *que* Servio com o posto de=Ajudante, jamais por ele merecido, Seter detal Sorte emSo=berbecido, *que* atodos trata demenor; Sem respeito, Sem atten=ção alguã, as peSsoas deprobidade

Os dados do século XIX, no entanto, revelam que *a respeito de* pode ocorrer dentro de uma oração completiva, conforme demonstra a ocorrência (20), em que o Tema se posiciona entre a conjunção e o sujeito da oração subordinada.

(20) [BNRJ18 – XIX1] Meu estimavel amigo eConhado. [espaço] Ainda não contente | com o grande Chalendario *que* tenho escripto a V.S.<sup>a</sup>, direi mais: *que* **arrespeito** | **das Ordens que vem da Corte**, muitas tem vindo, para se vender a grande fazenda de Santa Cruz, da Capitania do Rio de Janeiro; *oqueseria* muito util áCoroa, | por se livrar desta grande administração; pois he fazenda, *que* me dizem, só de | Escravos, tem couza de dois mil: mas estas Ordens, nunca se tem executado, não faltando *quem* diga, he *porque* dada esta fazenda ousua [ilegível]<sup>am</sup> | tem nutrido, e nutrem, *muitos* individuos, *eque* por tanto, só se tem dado | *muitas* Contas em chido, ou escripto, *muitas* resmas de papel; mas va= | lha a verdade. [espaço]

Na ocorrência abaixo, um exemplo também de 1801, *a respeito de* se localiza dentro de uma oração condicional:

(21) [BNRJ19 – XIX1] Nos= | ssos manos estão despexados para [ilegível] de *que* elles não tem a verdadeira experiencia, *por que* sahiraõ della meninos; portanto nomes | pemçar, sem cumprir o seo segredo, e faraõ muito se politicamente se | soubessem afastar de etiquetas, e arrecadaram sem falha os seus | Ordenados; mas nesta parte lhes vallerá de muito, virem como Ex<sup>mo</sup>.

Ber= | nardo Francisco, como suponho: se **arrespeito de justiça** sempre e por elles | orei, everamente fiz quanto pude, não só como amigo, mas como [ilegível]; ||8r mas elles ta vez, pemcem o contrario, como julgas, quando vejo, não meterem | escripto ou ao menos respodendo ás minhas ultimas cartas; eplo que pertence | ao Mano, e Senhor Doutor Martim Francisco, não só lhe fiz arrecadar amaior | parte dasua Legitima Patrona, Cobravel, mas lhe foi por mim augmenta= | da com a progressão de juros, athe 91 \$ 289 reis, consideravel augmento em | proporção com hum pequeno capital, para diverças vezes recebido, de= | cujo com a dita quantia de juros, lhe fiz huma boa, eprompta assistencia, e dando ao | dito Mano parte de tudo, em huma extença carta, datada esse 12 de outubro de | 1798, nesse della attee o presente mereci resposta.

A ocorrência a seguir, também de 1801, no entanto, mostra que a expressão *a respeito de* pode se posicionar mais à esquerda de uma sentença independente, sem estar precedida de qualquer outro elemento:

(22) [AI26 – XIX1] (...) **arrespeito dos dois nomeados no requerimento para Capitains Mores** o Felis daCunha ja eserceo odito posto e teve baixa infame por intrigante, bebado, emais vicios abominaveis, o Joaquim Correa he o Soldado mencionado neste requerimento que deo pancadas noactual CapitamMor, não he dos peiores Indios desta Aldeia, he rapas agil, so oaxo algum tanto propenso aenbriages, defeito geral dos Indios.

Os dados referentes à segunda metade do século XIX, por outro lado, mostram que *a respeito de* só ocorre no início de oração independente, portanto, na posição mais à esquerda, conforme comprovam (23) e (24).

(23) [CLR459 – XIX2] **A respei- | to de pão** dir-lhe-hei, impertinentissimo compadre, que | só não temos o - Pão nosso de cada dia.

(24) [CLR560 – XIX2] Já **a respeito do correio de Tapera Grande** temos lido n'outros jornaes reclamações contra o serviço alli feito; agora, por nossa vez, levamos tambem ao conhecimento do digno administrador dos correios a justa reclamação que nos dirige o nosso assignante n'aquella localidade.

De acordo com os dados, podemos dizer que as construções de Tema com *a respeito de* se posicionavam no início da sentença como no exemplo (19) do século XVIII. Na primeira metade do século XIX, por outro lado, pode ter havido uma concorrência entre essa posição inicial da sentença, exemplificada em (22), com outras posições internas à oração como em sentenças subordinadas exemplificadas em (20) e (21). Na segunda metade do século XIX, como sinalizam os dados mostrados em (23) e (24), o uso na posição mais à esquerda pode ter sobressaído em relação ao uso em sentenças subordinadas.

Isso não leva a pensar se as construções em que *a respeito de* aparecem podem receber clivagem<sup>9</sup>.

Com a expressão *por este respeito*, conforme se observa em (25), é possível a clivagem representada em (26):

(25) [C 18 1 Gen 1] **eporeste Respeito** dezeja[v ou r ?]a taõ bem aumentar asconveniências ao Reverendo Padre Vigario; quem peSo não [queira] desamparar aeSse pobre Rebanho (...)

Veja, como se nota abaixo, que é possível uma construção com *é... que*:

(26) E é **poeste Respeito** que dezeja[v ou r ?]a taõ bem aumentar asconveniências ao Reverendo Padre Vigario (...)

Já com *a respeito de*, isso não é possível, conforme se verifica em (27a):

---

<sup>9</sup> Estamos nos valendo, nesta análise, das ideias de Dik (1989, 1997) em relação às funções pragmáticas. Para esse autor, Tema é uma função exercida por constituintes que estão fora da estrutura da oração e Foco, por sua vez, é uma função pragmática exercida por constituintes internos à oração. Ainda, Foco é considerado por Dik a infomação mais importante e saliente que é, de alguma forma, posta em destaque pelo falante. A clivagem é uma das estratégias do falante para marcar uma informação focal.

- (27) *que **arrespeito** | **das Ordens que vem da Corte**, muitas tem vindo, para se vender a grande fazenda de Santa Cruz, da Capitania do Rio de Janeiro; o que seria muito útil á Coroa, | por se livrar desta grande administração; pois he a fazenda, que me dizem, só de | Escravos, tem couza de dois mil: mas estas Ordens, nunca se tem executado, não faltando quem diga, he porque dada a fazenda os seus [ilegível]<sup>am</sup> | tem nutrido, e nutrem, muitos individuos, e que por tanto, só se tem dado | muitas Contas enchido, ou escripto, muitas resmas de papel; mas vale | lha a verdade. [espaço]*
- (27a) *?é arrespeito | das Ordens que vem da Corte que muitas tem vindo, para se vender a grande fazenda de Santa Cruz, da Capitania do Rio de Janeiro; o que seria muito útil á Coroa, | por se livrar desta grande administração*

No entanto, às vezes a clivagem pode ser agramatical. Confira o exemplo abaixo:

- (28) a. [AI26 – XIX1] **arrespeito dos dois nomeados no requerimento para Capitains Mores** o Felis da Cunha já exerceu o dito posto e teve baixa infame por intrigante, bebado, e mais vícios abomináveis, o Joaquim Correa he o Soldado mencionado neste requerimento que deu pancadas no actual CapitamMor, não he dos peiores Indios desta Aldeia, he rapas agil, so o axo algum tanto propenso a embriagues, defeito geral dos Indios.
- (28) b. \*É arrespeito dos dois nomeados no requerimento para Capitains Mores que o Felis da Cunha já exerceu o dito posto e teve baixa infame por intrigante, bebado, e mais vícios abomináveis.
- (29) a. [CPWL28 – XIX2] **A respeito de reformas de academias** nada mais tem se fallado; tenho porém certeza da minha exclusão da reforma d'aqui (...)
- (29) b. É A respeito de reformas de academias que nada mais tem se fallado (...)

Parece que, em (28b), a agramaticalidade da clivagem é explicada pela presença de um correferente na oração.

Outra característica que pode nos conduzir a outra análise para a expressão *a respeito de* é o fato de essa expressão ocorrer mais frequentemente com verbos de elocução e de atividade mental do que as expressões *quanto a* e *sobre*. As ocorrências a seguir ilustram isso.

(30) [CPWL50 – XIX2] Ainda **a esse respeito** fui *fallar* aos Doutores Aleixo Mainho (Capital) e Autram (Petropolis) que nada adiantaram, creio que o unico remedio é esperar que o Governo mande tomar os contos quando julgar conveniente.

(31) [CLR560 – XIX2] Já **a respeito do correio de Tapera Grande temos lido** n'outros jornaes reclamações contra o serviço alli feito; agora, por nossa vez, levamos tambem ao conhecimento do digno administrador dos correios a justa reclamação que nos dirige o nosso assignante n'aquella localidade.

Em (30), pode-se verificar a presença, como em vários outras ocorrências, do verbo de elocução *falar*; já em (31), percebe-se a presença do verbo de atividade mental *ler*.

Lembremos que não aparecem, em nossos dados, ocorrências de *a respeito de* no início da sentença como marcador de Tema no século XX. Isso associado aos dois fatores mostrados acima, leva-nos a pensar que *a respeito de* pode ter sido um marcador de Tema no passado, mas perdeu essa função e exerce, portanto, hoje a função de Foco, nos termos de Dik (1997)<sup>10</sup>, O fato de ser apresentado junto a um verbo de elocução apontaria as construções com *a respeito de* como mais associadas à estrutura interna da oração e por isso tendo funções relacionadas a ela, além de aceitar, por causa disso, a clivagem, como mostrado acima.

A seguir, mostramos uma síntese da gramaticalização de *a respeito de*.

---

<sup>10</sup> De acordo com Dik (1989, 1997), Foco é uma função pragmática exercida por constituintes que pertencem à estrutura interna da oração e está relacionado a uma informação importante que deve ser salientada pelo falante no momento da interação. Isso é feito por meio de alguma estratégia linguística, como a colocação na posição inicial da frase ou a clivagem, entre outras.

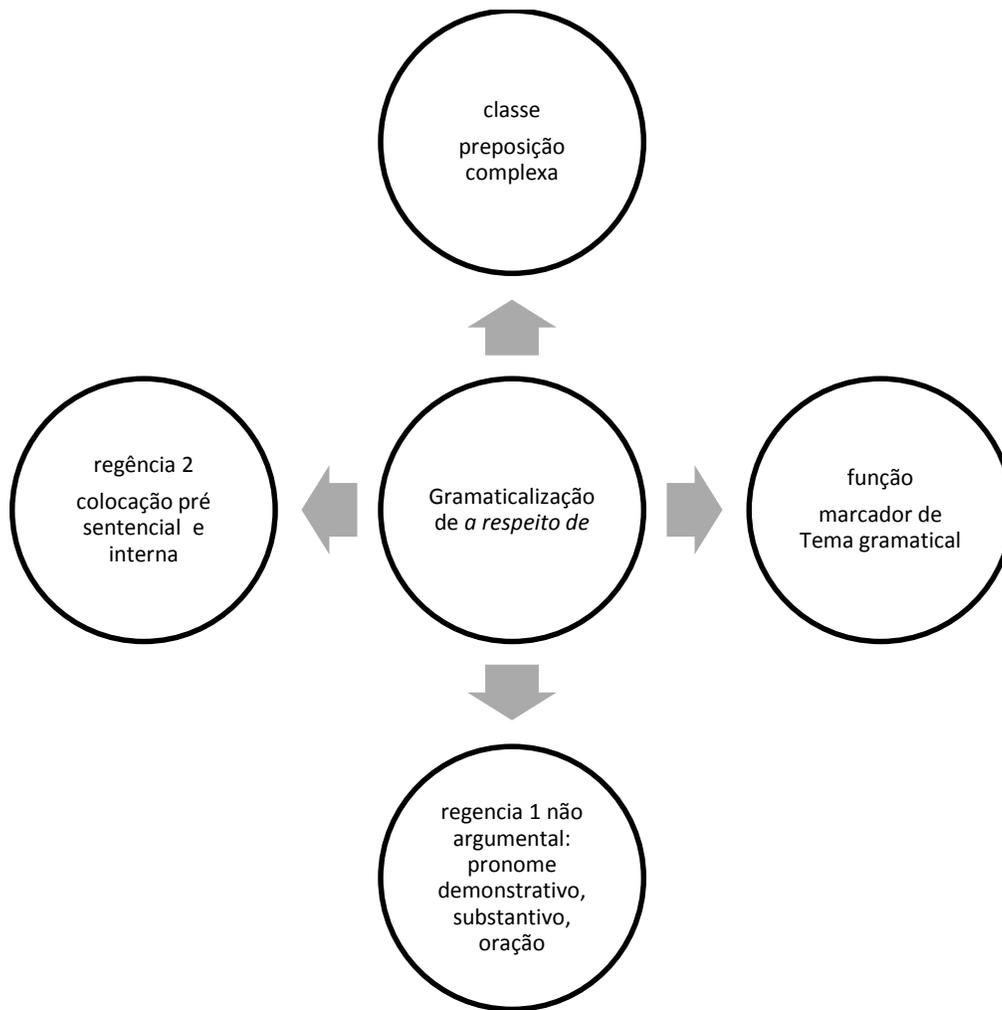


Figura 11. Representação radial da gramaticalização de *a respeito de*

#### 4. Discursivização de *a respeito de*

Situamos, nesta seção, *a respeito de* na tessitura do texto, ou seja, mostramos como essa expressão está relacionada à construção e desenvolvimento dos tópicos do discurso no processamento do texto.

A primeira ocorrência da expressão *a respeito de* aparece, no *Corpus do Português*, no século XVI, Confira o exemplo a seguir:

- (32) [CDP – XVI] Trabalhou tanto o pobre homem nisto, tirando ele e o dono por ela, que, tirando a vezes pelos pes e maos, e outras pelo cabresto e rabo, como

melhor podiam para a tirar fora, tirando o homem pobre pelo cabo, a tempo que a azemola ja arrancava para sair, com a força que ela pos em se sair, e ele em tirar por ela, se lhe ordenou que lhe ficaram nas maos, tantas sedas do cabo da azemola, que lhe davam grande fealdade. Mas, **arespeito de se ver fora daquela pressa**, não devera o dono de o sentir. Porem ele, tanto que viu o defeito na azemola, veio, a grandes brados, com o pobre, dizendo que acinte lhe arrancara o rabo por se vingar do trabalho que ali passara e que lhe havia de pagar, por justiça, tudo o que julgassem tinham de defeito sua azemola, e que, sobre isso, iria a Corte.

No corpus do português paulista, por sua vez, *a respeito de* só vai aparecer na primeira metade do século XIX, como se pode notar em:

(33) [BNRJ18 – XIX1]

Illmo Senhor Doutor Joze Bonifacio de Andrade.

Lisboa

Santos 10 de setembro de 1801~

Meu estimavel amigo eConhado. [espaço] Ainda não contente | com o grande Chalendario que tenho escripto a V.S.<sup>a</sup>, direi mais: que **arrespeito** | **das Ordens que vem da Corte**, muitas tem vindo, para se vender a grande fazenda de Santa Cruz, da Capitania do Rio de Janeiro; o que seria muito util á Coroa, | por se livrar desta grande administraçam; pois he fazenda, que me dizem, só de | Escravos, tem couza de dois mil: mas estas Ordens, nunca se tem executado, não faltando quem diga, he porque dada a fazenda aos seus proprietarios | sem nutrido, entrem, muitos individuos, e que por tanto, só se tem dado | muitas Contas e enchido, ou escripto, muitas resmas de papel; mas vale | lha a verdade. [espaço] Que **arrespeito do Commercio**, quero, que V.S.a, me | mande huma instrucção para a factura de hum forno para secar o | assucar, remediando assim a falta de Sol; por quanto, sendo o dito genero, o maior | artigo de Commercio nesta Capitania; visto que na Villa de Itu, e adjacentes, se fazem para cima de cem mil arrobas e mais, / se a | decadença do dito genero, não continuar, que faça esmorecer aos agricultores | res/ Como aqui chega, com bastantes dias de viagem, conduzido muitas vezes | debaixo de assiduas chuvas, fica, ou chega em estado miseravel, e não se podendo beneficiar, por falta de Sol; daqui nasce |

amá figura, com *que* chega a *Lisboa*, aonde tem má fama, e por | [menor] se reputa, do *que* outros, com diminuição de preço muito consi= | derável, o *que* eu quero remediar, com hum forno emproporção, que | [secando] em pouco *tempo* huma grande porção de assucar, esta, poço [manchado] | [dilacerado] [e]mbarcada, em melhor consistência; pois amá fama do | ||1v assucar desta *Capitania*, não nasce delle, *porque* visto nos *Emgenhos* he | tão bom como o de *Pernambuco*, / pela experiencia, *que* tenho deste *Paiz*, | aonde fui algumas vezes, no *tempo* da *Companhia* / nasce sim, dasua | condição em sacos; *que* o arruinaõ, não podendo fazer se de outra *forma*. | [espaço] Por fim, meo rico amigo, V.S.<sup>a</sup> me dice nasua *dita* ultima de | despedida, o seguinte = seja-me util, *que* tal vez lhe poça tão bem uti= | lizar, algum dia, alem do consolo interno, *que* todo o Homem | devem, acha em fazer bem. = Por tanto, ponha V.S.<sup>a</sup>, igoalmente | amim, nestas palavras, *que* eu pela mesma fraze, lhe repito, acujas, | acres cento, *que* não terei duvida alguma, em lhe fazer decá al= | gum interesse, *que* tanto tenha de util, como de honesto, está o | ponto, em *que* V.S.<sup>a</sup> se preste, ás *minhas* propoziçoens e *que* não perca *tempo* | em envolver, e falar debaixo daquelle bom methodo politi= | co, de *que* tanto está imbuído, nos pontos de *que* vão revestidos, todos os | meos discursos; isto se emtende, no cazo de *que* V.S.<sup>a</sup>, tendo meyo | para isso, o poça e queira fazer. [espaço] Por tanto, tudo *quanto* nesta lhe a= | ponto avulssamente, para nós fica em segredo. [Vr.<sup>a</sup> Vr.<sup>a</sup>] |

A Deos Senhor Joze Bonifacio. Cel Joze. |

De Vossa Senhoria

Affectuozo amigo, e Conhado

Francisco Xavier da Costa Ag[uiar] [selo]

Veja que o quadro estabelecido pelo verbo *dizer* logo no início da carta é refletido nos dois tópicos introduzidos por *a respeito de*, ou seja, o Tema marcado por *a respeito de* é a introdução de um tópico do discurso que é, na verdade, um complemento de *dizer*. Dessa forma, nessa carta, esse verbo mostra sua face mais textual: além de ser o núcleo de um sintagma verbal, *dizer* funciona como uma espécie de enquadre a partir do qual giram os tópicos de discurso, além de a ele se subordinarem esses tópicos introduzidos por *a respeito de*.

Ao escrever *direi mais*:, o autor da carta parece que tem a pretensão de enumerar informações a serem fornecidas para o interlocutor em forma de subtópicos, tanto que repete a conjunção *que* nas duas vezes que constrói um Tema com *a respeito de*.

No primeiro caso, *a respeito de* introduz o tópico *ordens que vem da Corte*, que vai tomar um tempo do discurso do remetente da carta. O núcleo desse Tema é um sintagma nominal seguido de uma oração adjetiva.

No segundo caso, o foco da carta muda, ou seja, o autor centraliza seu discurso em outro assunto, mudando o tópico ao passar a discorrer acerca de *comércio*. Vê-se que o tópico *comércio* é marcado como semanticamente definido por meio do artigo *o*, ou seja, o remetente começa esse novo episódio de seu discurso por meio de uma informação que ele supõe já ser conhecida pelo leitor e, a partir daí, começa a acrescentar novas informações que supõe não serem ainda conhecidas pelo leitor.

Além de introduzir subtópicos em esquema de enumeração, pode-se verificar que *a respeito de* é usado na introdução de tópicos mais abrangentes de discurso com o intuito de orientar seu leitor acerca do que se vai dizer a seguir, conforme demonstra o exemplo abaixo:

(34) [CPWL28 – XIX2]

Ouro Preto, 8 de dezembro de 1891

Chinton.

Recebi ha alguns dias a tua carta de 15 do passado, que só hoje posso responder.

Esta carta deu- me um duplo prazer, isto é, soube que gozavas saude e que já eras 3<sup>o</sup> annista de direito.

Como disse - te na carta passada fui approvado em historia geral, ultimo preparatório que me faltava para admissão e matricula na Escola de Minas.

Obtive n'este exame a mesma nota que obtiveste no 2<sup>o</sup> anno –

Em uma carta de Papae de 31 do passado, recebi um retracto do Franklin, que está muito parecido –

[p.2] Ainda não recebeste ?

Como deves ter sabido por interme=dio de Papae, acha-se já na Barra Tio Torquato em companhia de toda familia -

D'elles não tenho recebido noticias, e creio que seja isto devido ao esquecimento da minha humilde pessôa.

**A respeito de** reformas de academias nada mais tem se fallado; tenho porém certeza da minha exclusão da reforma d'aqui - Tenho tenções de ir estudar engenharia geographica na Escola Polytechnica, depois que aqui fizer o 1º anno; fazendo isto adianto dous annos, facto este para mim muito agradavel. Na tua ultima carta fallas na conveniencia da carreira que abracei, é exacto que é muito conveniente na quadra actual, não é , porém [p.3] menos verdade que a conveniência de carreira depende sómente da felicidade de cada um. Podes ter ainda em tua carreira melhores resultados praticos que eu, sendo portanto conveniente não desanimares - Si assim fallo é porque em uma carta, Papae communicava-me o teu desanimo.

Aconselhei ao Chico estudar pharma-cia aqui, ~~pois que~~ e assim fazendo baseava-me na facilidade d'este estudo aqui –

Não sei qual será a resposta do Chico -

Já fui apresentado ao Borba, e segundo creio é um bom rapaz.

Por falta de assumpto paro aqui, promettendo o mais breve possível continua - Aceita d'este teu irmão e amigo um abraço.

Lafayette

*A respeito de*, ao introduzir um tópico novo no discurso, *reformas de academias*, na verdade, estabelece um quadro a partir do qual o escritor passa a discorrer acerca de sua própria carreira estudantil e de suas escolhas profissionais como se nota na sequência do texto, em que aparecem construções como “estudar engenharia geographica na Escola Polythechbica”, “conveniência da carreira que abracei”, “aconselhei o Chico a estudar pharmacia”, etc.

Por fim, uma última função de *a respeito de* no discurso é a introdução um de um tópico mais particularizado a partir de outros tópicos. Observe a carta a seguir escrita por um redator de jornal na segunda metade do século XIX:

Um nosso assignante de Tapera Grande queixa-se de que todas as semanas lhe faltam numeros da *Platéa* e que o que succede com o nosso jornal succede com o “Estado de São Paulo”, “Diario de Campinas”, “Cidade de Campinas”, “Apparecida do Norte”, “Progresso de Itatiba” e “Correio de Campinas”, folhas que assigna, que as respectivas administrações remetem, mas que são alli entregues ás vezes com grande atrazo e que outras vezes não recebe. || Já a respeito do correio de Tapera Grande temos lido n’outros jornaes reclamações contra o serviço alli feito; agora, por nossa vez, levamos tambem ao conhecimento do digno administrador dos correios a justa reclamação que nos dirige o nosso assignante n’aquella localidade.

Dessa forma, *a respeito de* funciona como introdutor de um subtópico do tópico principal da carta, qual seja, problemas na entrega dos jornais na cidade de Tapera Grande. Além disso, ao introduzir o tópico *correio de Tapera Grande* na forma de um Tema, o escritor faz uma conclusão acerca do texto que está redigindo, apontado ao seu leitor a razão, ou possível razão, para o problema na entrega dos números de *Platéa*.

O esquema a seguir mostra a discursivização de *a respeito de*.

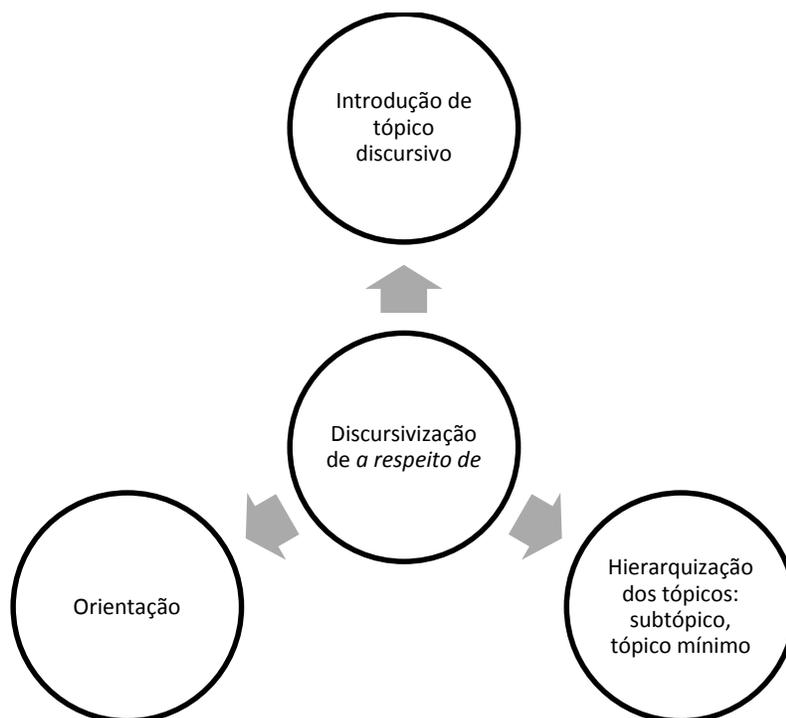


Figura 12. Representação radial da discursivização de *a respeito de*

## Capítulo 6

### Outros Temas com marcação na história do português paulista

---

#### Introdução

Neste capítulo, focalizamos nossa atenção em algumas construções que ocorreram poucas vezes no *corpus* do português paulista. São as preposições complexas *a propósito de* e *relativamente a*, além da oração *no que toca a* e das construções com gerúndio *passando a* e *voltando a*. Dedicamos uma seção para cada tipo de marcador, e, em cada seção, fazemos comentários gerais dentro do quadro de análise aqui proposto.

#### 1. O marcador de Tema *a propósito de*

Tratemos um pouco da etimologia de *a propósito de*. Para Cunha (1982), o substantivo *propósito*, vem do latim *propositum*, *-i*, tinha o significado de intenção, deliberação, intento.

Não conseguimos verificar muitas informações sobre *a propósito de* em dicionários etimológicos impressos. Todavia, no dicionário *My etymology*<sup>11</sup>, disponível na internet, pudemos verificar algumas informações interessantes acerca da palavra latina *propositum*.

De acordo com o dicionário, *propositum* é uma derivação do verbo latino *proponere* (*declarar, colocar à frente*), que, por sua vez, deriva do também latim *ponere* (*colocar, por*).

O sentido de *propositum*, de acordo com Faria (s.d.), está ligado à ideia de plano, intenção, fim, resolução. Já na retórica, os usos de *propositum* eram de assunto tratado, tema, proposição geral, proposição maior (do silogismo). Essa é a mesma posição de Saraiva (2006), que assinala os sentidos de *tese, questão, ponto para ser discutido, o que*

---

<sup>11</sup> O dicionário *My etymology* está disponível em [www.myetymology.com](http://www.myetymology.com).

*foi apresentado, o que foi assumido, assunto, propósito, além de, como participio passado de prōpōnō, expressar as ideias de posto adiante, exposto aos olhos, posto à vista.*

Parece ser exatamente a partir desse uso que o sentido de *a propósito de* surgiu, conforme se observa na ocorrência (1):

(1) [CLR520 – XIX2]

**A PROPOSITO DO MERCADO DE VERDURAS** || Uma idéa ! como diz o Freire. || Não seria mais economico e até mais convenien- | te, que, a nossa illustre camara municipal, em vez | de ir gastar oitenta contos de réis no projectado | mercado de verduras, lá na rua do Acù, mandasse | construir um ligeiro coberto ali no antigo becco | das Minas, com mezas e o mais indispensavel para | servir de mercado de verduras ? || Os quitandeiros que vivem deste ramo de nego- | cio são em pequeno numero e jámais poderão en- | cher um edificio para mercado no qual se pretende | gastar 80:000\$000. || E demais um mercado no centro da cidade é | muito mais conveniente do que collocado quasi que em um arrebald, e precisando para lá ir-se | descer e subir ladeira. || Em todo caso é uma idéa que apresento, para a | qual não peço privilegio de invenção, mas que pa- | rece-me deve merecer a attenção dos illustres ve- | readores. || *Um municipe.*

Vê-se que o Tema *a propósito do mercado de verduras*, destacado em caixa alta em relação ao resto da carta, ao contrário das outras ocorrências mostradas até aqui, ocorre, já no início do texto, funcionando praticamente como um título da carta de jornal, uma vez que não há uma sentença logo a seguir com a qual mantenha uma relação maior. Na verdade o Tema aqui estabelece relação com toda a carta porque é o introdutor do tópico discursivo *mercado de verduras*, em torno do qual a carta gira, ou seja, trata-se, no sistema discursivo, do Supertópico do texto. A partir disso, podemos dizer que o sentido original de *pro-* em *proponere* parece estar relacionado ao uso de *a propósito de*, uma vez que o Supertópico do texto é colocado à frente de todo o texto, iniciando-o.

Note-se também que a preposição *de* tem um papel importante no sentido do marcador. Essa preposição, etimologicamente, está ligada à noção de origem do percurso de um objeto no espaço, ou seja, a ideia de *a partir de* (cf Ernout e Meillet, 1967). Assim, o sentido de *a propósito de* parece estar está ligado também à ideia de *assunto colocado à*

*frente num determinado momento do discurso a partir do qual vamos discorrer.*

Ainda sobre o sistema semântico, o escritor ativa esse Tema a partir da memória de longo prazo do leitor, do conhecido de mundo do leitor, ou seja, de possíveis leituras de reportagens ou mesmo de outras cartas de leitores e redatores do jornal, além da inserção do leitor nas discussões dos problemas do cotidiano da cidade. Isso faz com que o Tema tenha características de informação dada, sendo apresentado como [+def] por meio do artigo *o*. Isso evidencia o caráter apresentativo desse marcador.

Na progressão referencial do texto, o escritor da carta usa a descrição nominal definida *no projectado mercado de verduras* para retomar o Tema *a propósito do mercado de verduras*. Esse tipo de retomada mostra um caráter avaliativo do produtor do texto, mostrando ao leitor sua opinião acerca do que está discorrendo.

A outra ocorrência com a expressão *a propósito de* funciona de forma um pouco diferente. Observe:

(2) [C 19 2 MRI 4] Parto amanhã ou depois para aLimeira, a en=tenderme com os amigos sobre o tal Con-gresso de districto que elles alittractão de fundar, independente do Congresso e da [D]. Permanente. A proposito disto, quem não tem muito proposito, [ru\_nio] [se] a C. Permanente [a] deliberou enviar mao districto encaminhar a instituição, que é boa, mas dep[.o] de modificada no sentido m[.o] dependente dos poderes Centraes. [espaço] Diga tambem sobre este assumpto.

Nessa carta, o Tema é uma anáfora pronominal que faz referência a todo um contexto anterior, apontando um caráter das anáforas pronominais de fazer referência a uma ideia e não a um indivíduo exato.

Em sua forma, *a propósito de* é uma preposição complexa formada por um Sintagma Preposicionado que tem em sua composição PREPOSIÇÃO + NOME + PREPOSIÇÃO.

Esta preposição complexa seleciona substantivo, conforme (1) acima, e também pronome demonstrativo, como em (2) acima.

Nota-se também que construções de Tema introduzidas por essa marcação ocorrem em posição pré-sentencial.

Na carta exemplificada em (2), o escritor toma como tópico discursivo algo que foi mencionado no discurso precedente, ou seja, trata-se de uma informação conhecida pelo leitor a partir de algo mencionado anteriormente no texto, como é comprovado pelo uso do demonstrativo *isto* como núcleo do Tema, retomando todo o estado-de-coisas anterior.

Ao tomar essa referência como tópico, o escritor usa *a propósito de* para orientar seu interlocutor acerca do que vai dizer a seguir.

Esquematisamos abaixo as propriedades multissistêmicas encontradas nas ocorrências de *a propósito de*.

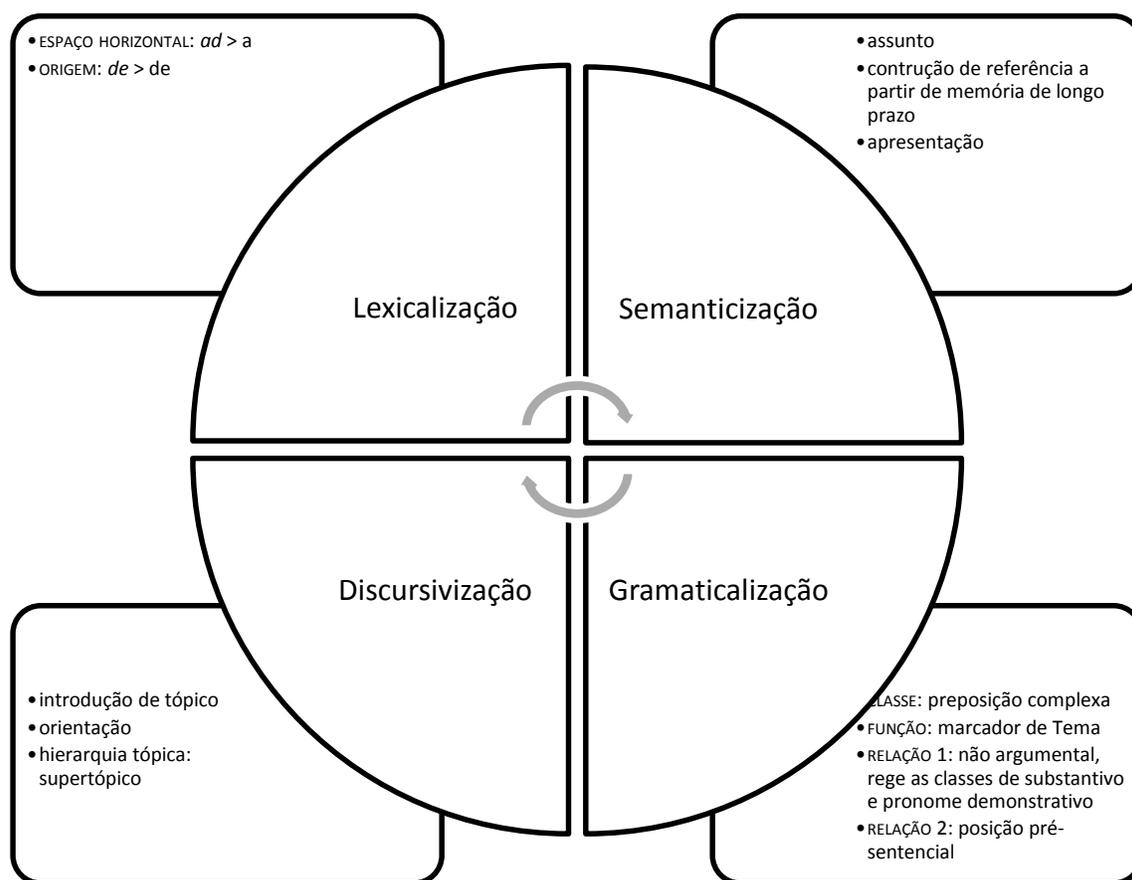


Figura 13. Representação das propriedades multissistêmicas do marcador *a propósito de*

Salienta-se ainda que *a propósito de* apareceu apenas duas vezes como marcador de Tema no *corpus* do Português Paulista. As duas ocorrências referem-se aos dados da segunda metade do século XIX.

## 2. O marcador de Tema *relativamente a*

Este marcador ocorre somente uma vez no *corpus* como marcador de Tema nos dados da segunda metade do século XIX, por isso, vamos concentrar a descrição desse marcador apenas em uma seção.

Sua formação está ligada a outra expressão da língua portuguesa que não ocorreu em nossos dados como marcador de Tema. Trata-se da locução *em relação a*.

Como já tratamos da etimologia e significados de *a*, vamos nos concentrar na palavra *relação*.

Para Cunha (1982), *relação*, do latim *relatio*, *-onis*, tinha o significado de descrição, notícia, semelhança, analogia. Para Faria (s.d.), o sentido próprio de *relatio* é a ação de “levar de novo”. A partir desse sentido, o uso mais comum foi de *relação*, relatório, deliberação, discussão, dos quais se estabelecem também os sentidos de moção, proposta, imputação, testemunho, narração, exposição, *relação*. No entanto, *relatus* também pode expressar, como substantivo, a ação de relatar (uma questão ou proposta) e, como participípio do verbo *refero*, em um sentido próprio, trazer de novo, tornar a levar, tornar a enviar, remeter, reenviar, entre outros.

Saraiva (2006) assinala que *řělātīō*, *-ōnis* indica ação de repor no mesmo lugar, ação de imputar no outro, ação de dar em retorno.

Assim, ao que parece, o sentido do marcador *relativamente a* é o de que o locutor traz novamente ao cenário do discurso uma informação de longo prazo que faz parte do conhecimento partilhado entre ele e seu interlocutor. Ele é, portanto, um marcador anafórico de Tema. Observe o exemplo a seguir:

(3) [CPWL15 – XIX2]

8 de Outubro 1900

Wash.

Desejo a boa saude de Sophia e a sua tambem. Ha muito que estou para responder a sua ultima de 26 do passado, mas não tenho tido oportunidade. **Relati - vamente á proposta que eu te tinha dito que ia conversar com o Antonio** ficou em nada; nem de leve toquei no assumpto; assentamos ser lavrada a escriptura hypothecaria após eu entender-me com os com - missarios sobre a re –

[p.2] forma do penhor. Ora, eu não podendo faser isso sem primeiro remetter toda a safra (para cuja venda aguardo melho - ra de preço) combi - námos aguardar essa oportunidade que será certamente em Janeiro. Penso que os commissarios farão a reforma, visto a safra proxima ultra - passar em muito a ex - pectativa orçada no contrato; de maneira que assim succedendo fica - rei sem o pesadelo da letra de 40.

[p.3] *Voce* precisa ir dando grito ás cousas, porque é quasi certo o seu nome ser incluído na chapa official de candidatos á deputação estadual. O Rubião disse - me isso “com a devi - a reserva”, mas não quis porem que *Voce* desde já consi - dere isso como compro - misso formal. Será para *Voce* uma doce victoria, e fa - rás ver aos amigos que o lu - gar que te foi offerecido, que não é rasoavel recusal-o, visto de dentro poderas faser al - guma cousa, ao passo que na dispendiosa opposição

[p.4] todos já sabem que... é só gastar dinheiro, tempo, saude, perder amigos, cli - entela, etc - e tudo isto sem uma mínima compensação. [espaço] Por hoje aqui fico. [espaço] Sigo amanhã para Santa Clara; Nhanhã fica para o casamento da Elisa Tobias, vae com Mamã a 16.

Adeus. Escreva-me

Saudades a Sophia .

Everardo

Nessa ocorrência, *relativamente a* acompanha a entidade *proposta* que já havida sido objeto de discussão entre os interlocutores em outro momento de interação, o que é comprovado pela oração adjetiva *que eu tinha dito que ia conversar com o Antonio*. O que o locutor faz é trazer novamente ao centro do discurso, uma informação velha, por meio de uma construção de Tema, a partir da qual desenvolverá o tópico de discurso. Mais uma vez, conforme já demonstramos anteriormente, o marcador desenvolve o papel semântico de apresentar uma entidade no discurso.

Além disso, não ocorre um correferente explícito na oração, mas o Tema a *proposta* pode ser reinterpretado como o sujeito elidido da oração *ficou em nada*. Além disso, *assumpto* também se configura como uma anáfora do Tema *relativamente á proposta que eu te tinha dito que ia conversar com o Antonio*.

Em relação ao sistema gramatical, a classe de palavra a qual pertence *relativamente a* seria a de preposições complexas. Neste caso, seguindo Castilho (2009), teríamos um Sintagma Adverbial formado por ADVÉRBIO + PREPOSIÇÃO., sendo que este sintagma, na ocorrência acima, rege um substantivo.

Além disso, nota-se que *relativamente a* coloca-se em posição pré-sentencial.

Do ponto de vista discursivo, *relativamente a* orienta o ouvinte acerca do que se vai dizer em seguida no discurso, desenvolvendo o papel de introduzir tópicos novos no discurso que se caracterizam, hierarquicamente, por serem supertópicos, ou seja, o (um dos) tópico(s) principal(is) da carta.

O esquema a seguir ilustra essas características de *relativamente a*.

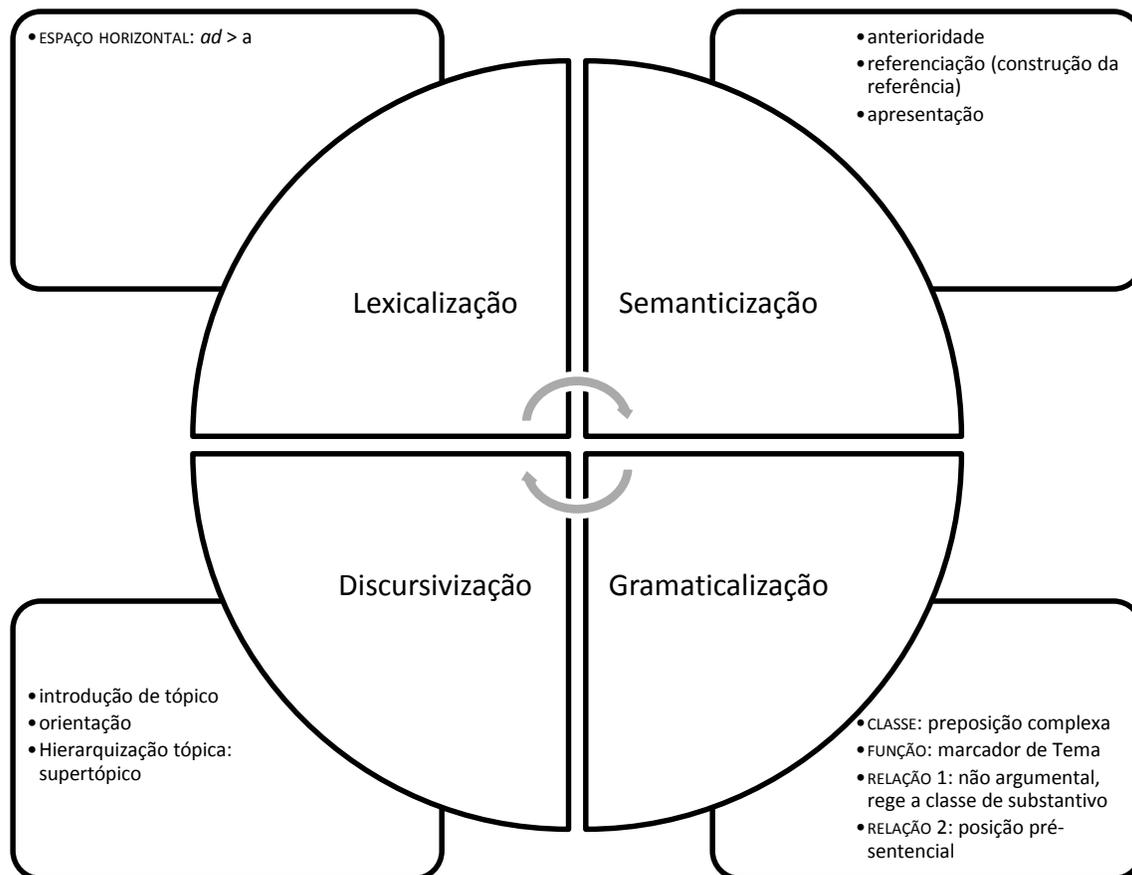


Figura 14. Representação das propriedades multissistêmicas de relativamente *a*

### 3. *No/pelo que toca a*

Quatro palavras devem ser levadas em conta para se obter a etimologia de *no/pelo que toca a*: as preposições *em* e *por*, além do verbo *tocar*. Quase não há registros de *tocar* nos dicionários, no entanto, assinala-se que sua origem está no verbo latino *toccare*. Já mostramos que a preposição *a* vem de *ad*.

Duas preposições latinas estão associadas à origem de *por*. De um lado, verifica-se sua origem na preposição latina *pro*, cujo significado é *em favor de*, *em benefício de*. De outro, remonta-se a *per* seu surgimento. Esta última preposição tem o sentido de *através de*, *por meio de*.

O verbo *tocar* tem, segundo Machado (1959), uma origem onomatopaica no latim vulgar. Para Cunha (1982), *tocar* tem o sentido de *por a mão em, ter contato com, fazer soar*, o que, então, mostraria um sentido diretamente ligado ao tato, ao toque em algo. Daí talvez as acepções mostradas por Houaiss (1988) de *dizer respeito a, referir-se a, mencionar* e até mesmo *chegar a e atingir* além de *atingir aproximadamente, raiar, roçar, aproximar-se*, etc. Assim, os sentidos *dizer respeito a, referir-se a* presentes na expressão *no que toca a* são representados cognitivamente no esquema espacial por meio do deslocamento de um objeto até chegar a, ou ter contato com, um ponto final de seu percurso, daí o uso da preposição *a* em sua formação. Salienta-se também o fato de que *tocar* pode ser usado em outros contextos com ideia relacionada a assunto como em *Tocamos na questão dos planos de saúde* ou ainda *João tocou no assunto de sua falta*. Observe o exemplo a seguir:

(4) [A116 – XVIII]

Senhor Coronel SeVossamerce tivece posto ocoebro, *que* lhepedi ostempos paSsados nestes deZaforos, não meSocedera agora huma perturbaçam Comoindio Joaõ Irmaõ, ealcoviteiro dasduas Irmans amig[a]s [rasurado] do Jozeph filho do Tenente Coronel *que* por oreprehender algumas VeZes por concentrir osa deZaforos deSuas Irmans emSua CaZa medezobe<de>ceo [h]û [rasurado] dia destes mandandoô buscar hû pouCo de milho detal sorte, *que* memo veo adarlhe duas panc[qu – rasurado]adas Com huma bangala, *que* namaõ tinha eelletam soberbo, *que* travancou a mim, *que* senaõ estivecem tres homens brancos sertamente [? - rasurado]mehavia soceder alguma desgraça finalmente anda isto muito deZaforado tanto asindias Com[o es]tes moSsos eRogo aVossamerce de[d] parte detudo, *que* sober narelidade ao Senhor Conde *paraque* ponha os Seus olhos nesta Aldea, [*que*] Sua exSelencia não puZer cobro nisto mais Conta nostem recolhermos anoSsa Religiam, *que* nella aVemos deaChar Refeitorio, Coro Sela, ealtar Comtodo oneSeS[r – rasurado]ario; *oque* aqui nada temos; pois nos *naõ* dam oSustento, nem devestir, nem Sera, vinho, eostias, etodo onêceSsario *para* oornato doaltar, eVossamerce bem SabeoComo aChamos Coando della tomamos poce, eagora oComo SeaCha, **enoquetoC[qu – rasurado]a aosindios** não digo aVossamerce nada, pois detudo tem noticia *que* Veviam e[rasurado]morriam Como ereges, eagora ja pa-recem emparte Chr[rasurado]istaos, enaõ digo mais *porque*

Vossamerce como vezinho Sabera detudo melhor dequeeu Somente lhepeço Rogue a Deos por mim para que mede[d] paciencia para Suportar, estes infieis, que eunaõ Seço derogar aDeos porVossamerce que oguarde ComSaude eVida para oSeu Santo Serviço etc Aldeinha edeAgosto 24 de1735

DeVossamerce Cappellam eServo Frei Thomas deSanto Antonio

AoSenhor Francisco PintodoRego Coronel Regente de Moyi iJaCarahy

garde Deos muitos annos em SuafaZenda

Vê-se, nesta carta da primeira metade do século XVIII, que o escritor começa seu texto narrando algum acontecimento envolvendo *índios* e, depois, inicia outro tópico acerca de *melhorias na aldeia* a partir da passagem *eRogo aVossamerce de[d] parte detudo*. Para voltar a centralizar seu discurso em questões que envolvam os *índios*, o locutor usa a expressão *no que toca a*. Trata-se, dessa forma, de uma reconstrução referencial, de caráter [+def], marcada pelo artigo *os*. O locutor faz isso com base em outros referentes já mencionados anteriormente no discurso.

No sistema discursivo, a interpretação é de que o locutor retoma um tópico sobre o qual já havia falado antes no texto, passando a orientar o ouvinte acerca de novos comentários. Salienta-se que essa volta ao tópico anterior é feita também pelo uso do marcador discursivo *e*, que sinaliza a mudança e (re)introdução de tópico no discurso.

O uso da preposição *em* na expressão *no que toca a* é bastante interessante. Essa preposição vem do latim *in* e tinha o sentido, de acordo com Machado (1954), de *em, sobre, até, para* (ideia de tempo), além de *dentro de*. Assim, *in* indicava uma localização dentro de ou um deslocamento em direção a. No português atual, como mostram Ilari *et al.* (2008), *em* indica espaço estático ou dinâmico, tempo percurso ou container, além de ligação. Pezatti (2010) assinala o uso de *em* como localizador de um conteúdo dentro de um ponto de referência. A partir disso, podemos dizer que *em* estabelece um quadro de conteúdo para o que se vai falar acerca de um assunto X, ou seja, aquilo que é tomado como tópico constitui um espaço mental em que o(s) comentário(s) acerca desse tópico pode(m) ser alojado(s). Trata-se de uma análise próxima daquela feita por Ilari *et al.* (2008) para a preposição *em* ao tomar uma entidade abstrata ou uma expressão de tempo como ponto de

referência.

Além de *em* pode também ocorrer nessa expressão a preposição *por*, como mostra o exemplo abaixo da primeira metade do século XIX:

(5) [CLR422 – XIX1]

Em desempenho da promessa que fizemos em o suplemento ao número 50 da nossa folha publicamos as seguintes listas dos *Senhores* nossos Compatriotas que voluntariamente e com ardôr concorrerão para a utilissima obra do dessecamento da varzea do Carmo. **Pelo que toca ao** resultado dos trabalhos que com ella se despenderão, não nós cumpre ajunctar coisa alguma á evidencia que decorre d'um simples golpe de vista que se lance sobre a mesma varzea. || Nem por isso com tudo nós constituímos garantes de sua estabilidade, pois uma obra que segundo o juizo dos entendidos na materia, fôra avaliada em uma somma consideravel de contos de réis, não podia ser elevada a um ponto de perfeição com tão pouco dispendio de tempo, de braços, e dinheiro. Seja o que fôr, ninguem poderá roubar ao digno e honrado cidadão, que a empreendeu, a gloria não só do que fez, mas tambem de ter mostrado a possibilidade de se conseguirem mais sólidos resultados, uma vez que o Govêrno intervenha com soccorros subministrados pela Fazenda-Publica. De resto, nós sempre faremos mór aprêço d'aquelles de nossos Concidadãos; que sem attenção á chuva, ao sol, e a todos os incommodos pessoaes, se sacrificão ao bem público; do que outros que passão a vida a censurar e ridicularizar as mais uteis empresas, pretexto mui bom para s'esquivarem a quaesquer exigencias de dinheiros ou serviços pessoaes. || O Redactor.

*Por* é uma preposição que, no esquema espacial, indica o ponto medial do eixo espacial horizontal, assinalando a ideia de percurso de um elemento no espaço, como descrito por Castilho (2009). Ilari et al.(2008), no entanto, mostra um uso residual que não pode ser totalmente explicado por categorias cognitivas. Trata-se do que eles chamam de causa discursiva, ou seja, o uso de *por* como um angulador (um *hedge*), que “é uma operação discursiva em que o falante sempre pede ao ouvinte que interprete suas afirmações num determinado sentido, levando em conta determinados fatos, ‘passando por’ um determinado caminho, considerando um determinado percurso” (ILARI et al., p.759). Assim, o que o escritor da carta está orientando ao seu leitor é que ele interprete o que vai

dizer levando em conta *o resultado dos trabalhos*, ou seja, a sequência do comentário deve ser interpretada passando pelo caminho do *resultado dos trabalhos (do dessecamento da várzea do Carmo)* e não de outros fatores, de outros tópicos possíveis.

Há mais uma ocorrência com *no que toca a* no século XVIII:

(6) [AI17 – XVIII] **Noque toca ao** Ser Rigurozo eu no Castigo, *Vossa Excellencia* Sepode mandar informar porpeSsoa *que* neste particullar falle dezentreSado, *que* lhe afirmo a *Vossa Excelencia que* há hum anno, ehum mes *que* estamos aqui, Somente ahum Indio por nome Salvador, pedy ao Coronoeel Francisco Pintto omandasse Castigar, paSsando, eSofrendo tantas desCortezias *que* mefazem. pois chegaraõ aroubar aCaza em*que* moramos, efurtar della bastante milho, eoutras couzas Comestives.

Tem-se aqui uma oração adjetiva sem cabeça, *no/pelo que toca a*, para introduzir um tópico no discurso. Pode-se ver que, nas duas ocorrências anteriores, o núcleo do Tema é um sintagma nominal, representado, em (4), por *índios* e, em (5), por *resultado dos trabalhos*. Em (6), por seu turno, o núcleo é o estado-de-coisas *Ser Rigurozo eu no Castigo*. Nota-se também que, em nenhuma dessas ocorrências, ocorre um correferente explícito dentro da oração retomando o Tema.

O esquema a seguir ilustra todas essas propriedades de *no/pelo que toca a*.

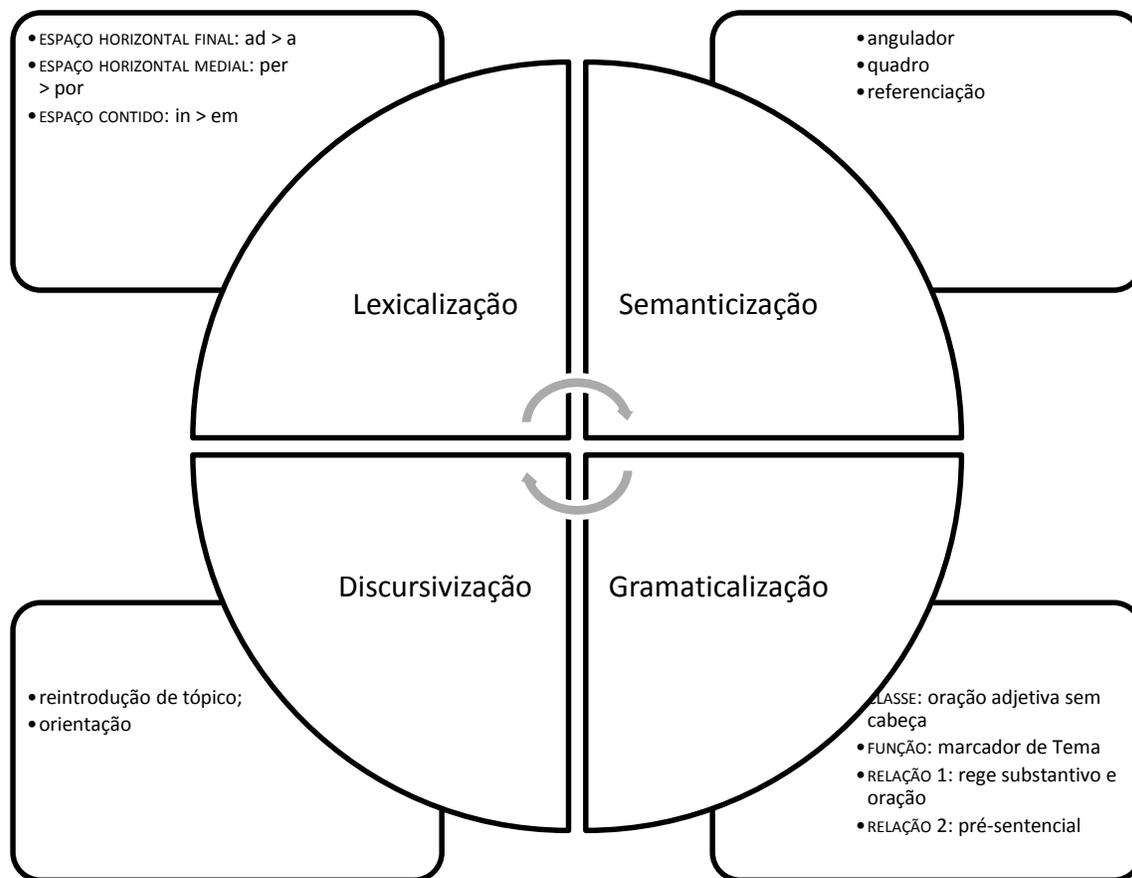


Figura 15. Representação das propriedades multissistêmicas de *no/pelo que toca a*

#### 4. *Por falar em*

A construção *por falar em*, mostrada abaixo, ocorre apenas uma única vez em um Tema com marcação usado na introdução de tópico discursivo e pertence aos dados da segunda metade do século XX.

(7) [CPP09 – XX2]

Ah! Sabe o que eu estou escutando? O meu amado "Crocodiles"! Isso mesmo, finalmente eu o consegui e novinho em folha! Eu ganhei alguns discos e os levei p/ tro-||car e veio esse do Echo e um do "Waterboys". O "Ocean Rain" eu vou ganhar de aniversário, ah! **Por falar em aniversário**, você vai via-||jar no carnaval nos dias 8, 9, 10, 11 e 12 de fevereiro? Não

viaja não, álias, viaja sim! Vem pra cá, please! Dia 11/02 [rasurado, 1 palavra] o pessoal lá da [rasurado, 2 palavras] <Treibhaus> vai me dar uma  *festa*  que só vai das 0:00h até o último sobrevivente, ré, ré, ré ... Você tem que ir Vê junto com a sua irmã! Os convites vem semana que vem e eu já vou te enviar uns 3 caso você quiser trazer + alguém, isto é, caso você querer ir, né... Puxa, se você aparecesse, acho que seria  *o meu melhor presente de aniversário* ! Juro! Eu ficaria hiper feliz, super-ultra feliz!-Ah! Tá tocando "Villiers Terrace"! "I've been up to villiers terrace, I've been in a daze for days..." como é linda, né? Vai lá dia 11/02, segundão de carnaval, vem pra SP, please! Eu vou ligar pra você entre essa semana e a semana que vem, sem falta!!! A gente precisa se conhecer urgente mesmo, o + rápido possível!

Em relação ao sistema semântico, verifica-se que há algumas anáforas do Tema  *por falar em aniversário* . Assim, o locutor faz uso do hiperônimo festa, remetendo a aniversário. Além disso, mais adiante no texto, aparece a descrição definida  *o meu melhor presente de aniversário* , evidenciando algum aspecto novo do referente  *aniversário* .

Novamente, na ocorrência (7) acima, pode-se notar a presença da preposição  *por* , que evidencia seu uso como angulador, já mostrado na seção anterior com a construção  *pelo que toca a* . O interessante em (7), no entanto, é o fato de que, no sistema discursivo, o locutor toma como tópico um elemento citado na oração anterior. O que era rema, informação nova, passa a tema na passagem seguinte. Deve-se observar também o uso do verbo  *dicendi falar*  na construção. Portanto, o uso de  *por falar em*  está atrelado ao contexto anterior. É como se o locutor, ao passar por um determinado ponto do tópico discursivo em destaque, tomasse bruscamente esse ponto como o próximo tópico discursivo a ser desenvolvido logo em seguida, interrompendo o que discorria anteriormente. O uso do marcador  *ah!*  evidencia a mudança do tópico discursivo.

A construção  *por falar em*  perde algumas propriedades sintáticas, mas ativa outras propriedades. Simões (2007), ao analisar o uso do gerúndio de  *falar*  no discurso, mostra que esse verbo mantém o traço de  *transferência de informação* , mas perde o traço  *agentivo* , visto que o verbo aparece na forma impessoal. Essa mesma análise pode ser feita com  *falar*  no infinitivo no exemplo mostrado acima. Na verdade, nesse exemplo, pode-se comutar a forma no gerúndio:

(8) **Falando em** aniversário, você vai via-*jar* no carnaval nos dias 8, 9, 10, **11** e 12 de fevereiro? Não *viaja não*, *álias*, *viaja sim!* Vem pra cá, please! Dia 11/02 [rasurado, 1 palavra] o pessoal lá da [rasurado, 2 palavras] <Treibhaus> vai me dar uma festa que só vai das 0:00h até o último sobrevivente, ré, ré, ré ... (...)

Ilustramos, a seguir, as propriedades multissistêmicas de *por falar em*.

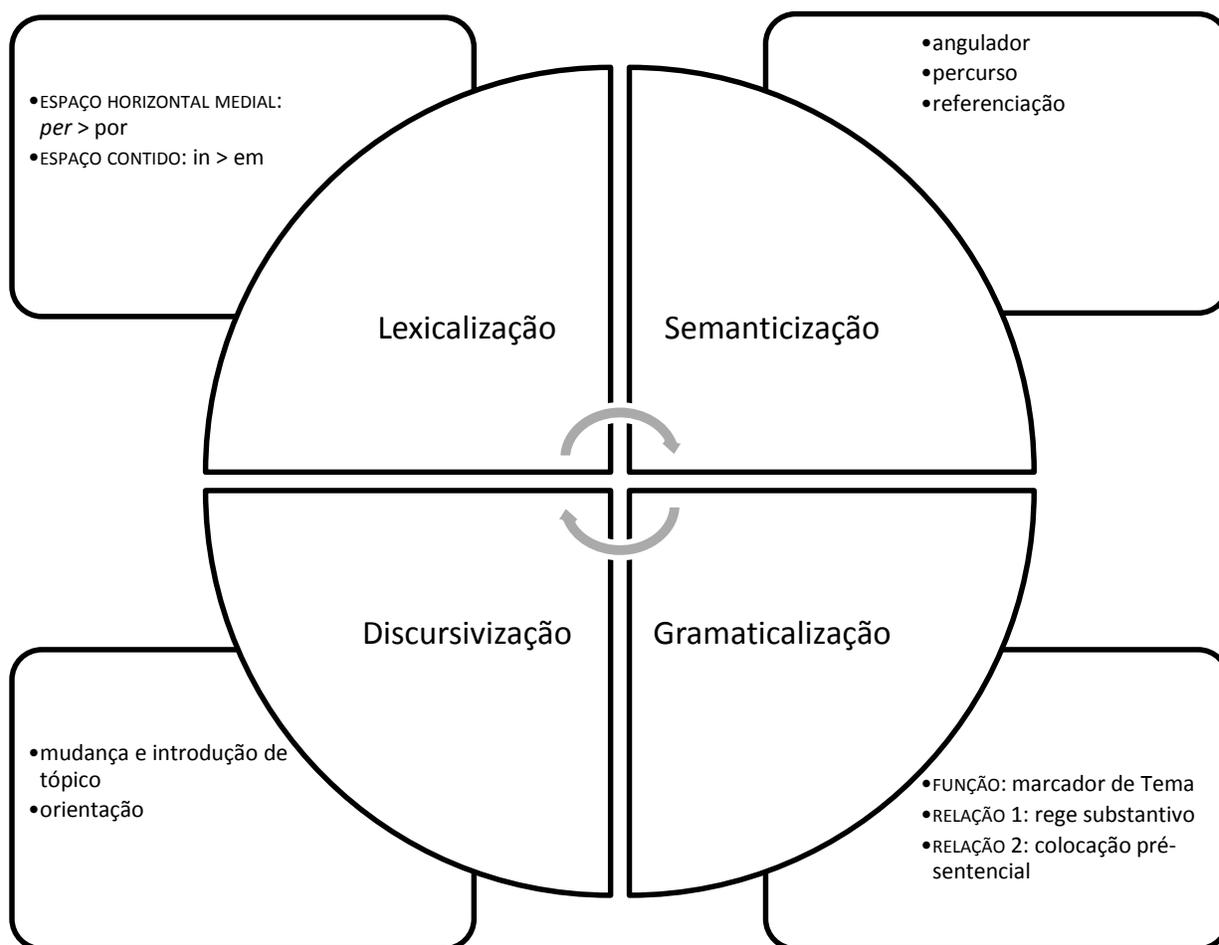


Figura 16. Representação das propriedades multissistêmicas de *por falar em*

## 5. *Passando a e voltando a*

Nesta seção, são mostradas as formas de se introduzir o tópico discursivo *passando a* e *voltando a*. Trata-se de formas verbais específicas nas quais o gerúndio tem papel

importante na introdução ou reintrodução de tópico no discurso.

Numa Abordagem Multissistêmica do gerúndio na língua portuguesa, Simões (2007) analisa os casos de *passando a* e *votando a* como exemplo de desgramaticalização e dessemantização do verbo no gerúndio. Nesse raciocínio, os verbos *passar* e *voltar*, no sistema gramatical, perdem propriedades sentenciais, ou seja, deixam de funcionar como oração dependente – verifica-se nos exemplos a impessoalização e é possível depreender qual é a oração principal (dessentencialização). No sistema semântico, verifica Simões que esses verbos funcionam apenas como dêiticos textuais, fazendo ligação entre um tópico e outro. No sistema semântico, há ainda a preservação das categorias de EVENTO E ESPAÇO, mas ocorre a desativação do traço de *movimento físico* e ativação do sentido de *movimento no discurso*. Nas palavras do autor:

*Nesse sentido, pode-se dizer que, no processo de construção do texto, desativam-se determinadas propriedades sintáticas de alguns verbos expressos no gerúndio e reativam-se outras dos planos morfossintático e semântico como, por exemplo, a reativação da propriedade de aspecto imperfectivo que confere ao segmento encabeçado pelo gerúndio o papel de FUNDO na relação de frame/windowing (Talmy, 2000). No DISCURSO, esses gerúndios atuam como elementos que demarcam o relevo no processamento da informação, estabelecendo uma relação de focalização sobre as partes do texto que se organiza durante o processamento da fala. (SIMÕES, 2007, p. 270).*

Observe o exemplo a seguir:

- (9) [M 19 1 BON] **Passando** *agora á Fa brica nova*, construída por Hultgren debaixo da direção de\_ Frederico Warnhagen (aquem já communiquei mitas das refle-xoes que aqui vou expôr) consta esta de dois fornos unidos hum aoutro, como em Figueiró dos Vinhos, cuja construção efigu\_ra do edificio, hé quaze amesma, porem mais elegante; tem esta caza das fornaças de cada lado, hũa caza de refino, cada hu\_ma com duas forjas, ehum malho no meio, tudo muito bem construído quanto ao madeiramento e obrasde pederacal.

Vê-se, neste exemplo, o uso de *passando a* para introduzir um novo tópico no discurso. Assim, aplicando as categorias cognitivas mostradas por Simões para esta construção, temos, nesta ocorrência, um deslocamento no discurso em que os sujeitos

participantes do ato de interação deixariam de desenvolver um determinado tópico e concentram sua atenção em outro novo, *Fábrica nova*.

O exemplo a seguir, por seu turno, refere-se à ocorrência com o verbo *voltar*:

- (10) [CPP09 – XX2] Bem, mas **voltando ao velho assunto**, eu ajudo a limpar a casa do seu avô, eu faço qquer coisa pra você voltar p/ cá! Puxa, ia me esquecendo! Parabéns por ter passado na USP! meu! Você é C.D.F.!!! Fala p/ sua irmã não desistir não e ir com a 'cara e coragem' prestar exame em outras faculdades. Fala pra ela ir no Makenzie! Lá é moleza! 'Ar de ruindade'?"

Aqui também há um deslocamento no discurso. Os interlocutores param de desenvolver um determinado tópico e introduzem um novo tópico no discurso– o escritor assinala isso por meio do marcador discursivo *bem*. Não se trata, todavia, de reintroduzir um tópico que já fora desenvolvido anteriormente nesta mesma carta. O escritor, na verdade, reativa, por meio de *voltando a*, uma informação presente na memória de longo prazo, relacionada a outros momentos da interação entre escritor e leitor, trazendo-a para o centro do texto.

Confira a seguir o esquema relativo às expressões *voltando a* e *passando a*.

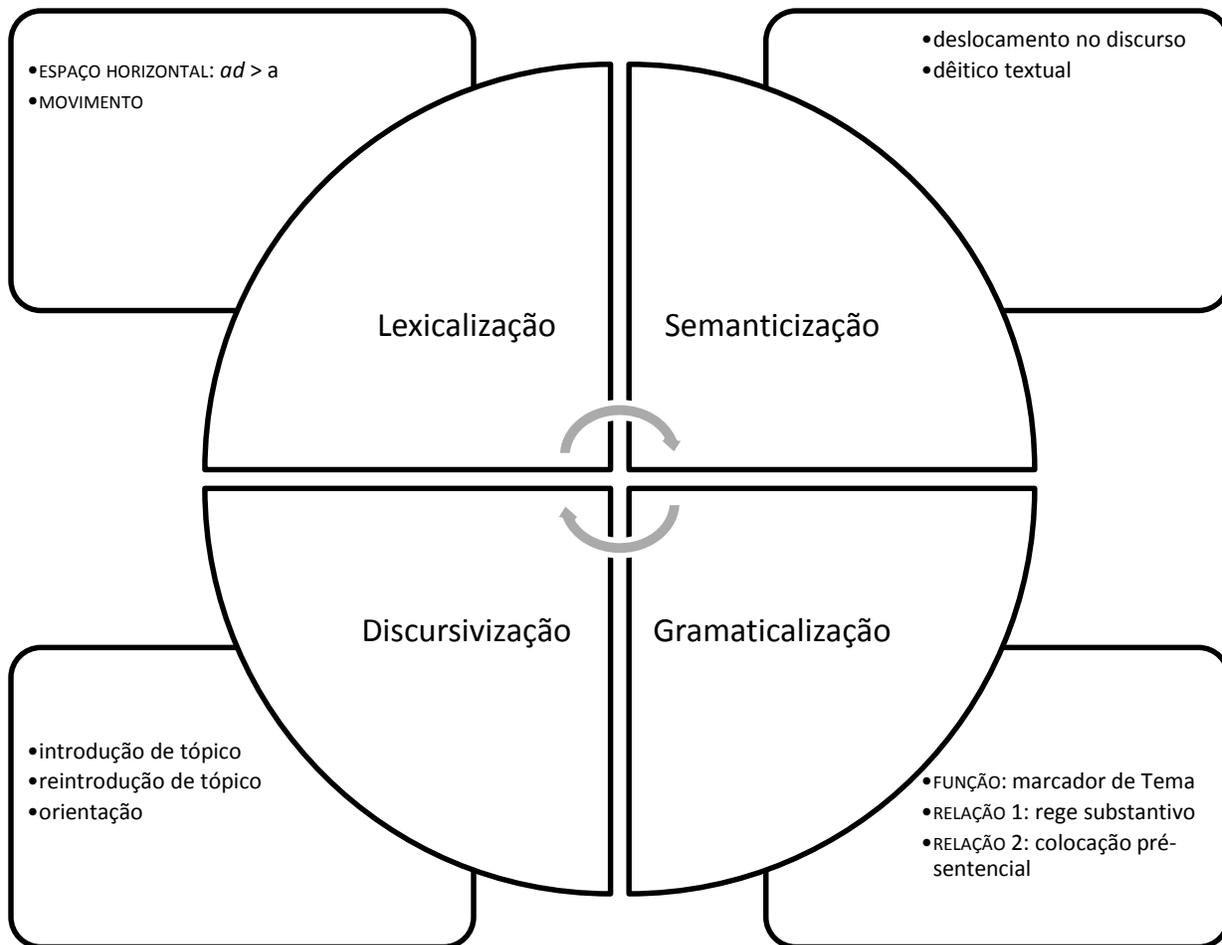


Figura 17. Representação radial das propriedades multissistêmicas de voltando a e passando a

## Considerações finais

---

O objetivo desta tese foi fazer uma análise dos marcadores de Tema que aparecem no *corpus* mínimo do português paulista nos séculos XVIII, XIX e XX. Nossa hipótese foi de que esses marcadores desempenham funções em todos os sistemas da língua: lexical, semântico, gramatical e discursivo. Para tanto, recorreremos à Abordagem Multissistêmica, que sustenta uma análise científica baseada na ideia de que os processos e produtos linguísticos ocorreriam simultaneamente, dinamicamente e multilinearmente.

Optamos por uma análise qualitativa por nossas amostras por século não favorecerem uma análise quantitativa dos dados. Dessa forma, dividimos os capítulos de análise de acordo com o tipo de marcador de Tema, pois estes revelaram, individualmente, possuir características próprias que os definissem por questões cognitivas que indicariam, por um lado, o sentido dessas expressões, e por outro, a formação do léxico.

Assim, o uso de da preposição complexa *quanto a* está associado a uma ideia de *quantidade*; a preposição *sobre*, a uma ideia de *espaço superior*; a preposição complexa *a respeito de*, a uma ideia de *espaço atrás*. Os outros marcadores de Tema que ocorrem em menor quantidade expressam sentidos próprios. Assim, a preposição complexa *a propósito de* exprime a ideia de *espaço à frente*; a também preposição complexa *relativamente a*, derivado de *em relação a*, exprime, assim como *a respeito de*, uma ideia de *espaço atrás*; a oração *no que toca a* também tem seu significado baseado numa volta atrás, mas a informação introduzida por esta expressão é de curto prazo, ou seja, trata-se de uma informação que já foi mencionada anteriormente no mesmo texto. A expressão *por falar em* contem a ideia de um angulador, ou seja, a interpretação do que se vai dizer está relacionada a um determinado percurso. Por fim, a ideia de *movimento* está também ligada aos dois últimos marcadores de Tema: *passando a* e *voltando a*. Em ambas as expressões gerundiais, ativam-se os sentidos de *movimento discursivo*, estabelecendo uma mudança de tópico discursivo, no entanto, ao usar a expressão *passando a*, o falante introduz um novo

tópico no discurso, enquanto ao usar *voltando a*, o falante indica retomar um tópico que já foi discorrido anteriormente no discurso.

No plano discursivo, mostramos que o marcador de Tema discurso desempenha o papel de introdutor de tópicos discursivos, no entanto, esses marcadores têm suas particularidades. *Quanto a*, por exemplo, introduz tópicos novos mais particularizados ou subtópicos e aparece sempre na continuidade tópica, ou seja, quando o locutor acabou um tópico usa esse marcador para introduzir o próximo. Já *sobre*, ao contrário, tem a particularidade de introduzir um tópico desviante, ou seja, é usado na descontinuidade tópica. Assim como *quanto a*, *a respeito de* e *a propósito de* são usados para introduzir subtópicos. *Relativamente a* e *por falar em* introduzem tópicos novos que representam informações conhecidas do contexto precedente. Diferentemente, *no que toca a* e *voltando a* podem reintroduzir um tópico já discutido anteriormente. Por fim, *passando a* marca concomitantemente mudança tópica e introdução de novo tópico.

Tentamos ao longo da tese comprovar que os marcadores de Tema servem como uma forma de apresentar os tópicos discursivos no texto, ou seja, estamos diante de uma categoria semântica desses marcadores. Assim, ao mesmo tempo em que os marcadores desempenham papel na introdução de tópicos no sistema discursivo, em sua face semântica, esses marcadores funcionam na apresentação desses tópicos. Como mostrado nos capítulos de análise, todavia, os tópicos apresentados são em sua maioria informações de longo prazo, o que significa que as construções de Tema com marcadores trazem ao discurso um elemento que faz parte do conhecimento partilhado entre falante e ouvinte, elemento esse que pode ter sido discutido em outros contextos interacionais. Em suma, os tematizadores tanto apresentam Temas definidos, ou seja, já conhecidos, como Temas indefinidos, ou seja, ainda não conhecidos, ainda não integrados na memória do leitor.

De modo geral, os marcadores selecionam um substantivo para representar no sistema gramatical o Tema. Isso não significa, porém, que não possam ocorrer outras classes de palavras, como pronomes e verbos. Portanto, as classes de palavras utilizadas em uma construção de Tema marcado variam a depender do que o falante/escritor toma como o Tema para introduzir um tópico no curso do discurso. Além disso, pode-se observar que as palavras que funcionam como marcadores de Tema são variáveis podem ser preposições,

preposições complexas, orações e também formas verbais. Por outro lado, a tendência de construções com esses marcadores é não apresentar um correferente explícito na oração que imediatamente o segue. Os casos com correferência são raros em nossos dados.

Além dessas características apontadas nos sistemas linguísticos, pudemos observar que os vários tematizadores que ocorreram no *corpus* variam ao longo do tempo. Assim, há tematizador que aparece em todos os séculos analisados como *sobre* e outro que só aparece em um século como *a propósito de* na segunda metade do século XIX. *Quanto a* aparece nos séculos XIX e XX, enquanto *a respeito de* aparece nos séculos XVIII e XIX. Salienta-se que, no século XX, essa variação é mais intensa. No entanto, se fizemos uma busca em séculos anteriores aos do *corpus* do português paulista, verificaremos que *quanto a* e *sobre* já ocorriam como marcadores de Tema na língua do século XIII.

De um modo geral, os marcadores de Tema mostraram certa estabilidade nos três séculos estudados, confirmando a hipótese auxiliar desta tese.

Deve-se deixar claro ao leitor desta tese que, embora ocorram como marcadores de Tema, essas expressões podem também ocorrer em outras posições dentro da oração, exercendo outras funções. No entanto, esta não foi uma de nossas preocupações. Mostrar as diferenças de uso dessas expressões e quais funções apareceram primeiro é tarefa para outro momento.

Reunimos, no quadro a seguir, as propriedades lexicais, semânticas, gramaticais e discursivas dos marcadores de Tema analisados nesta tese.

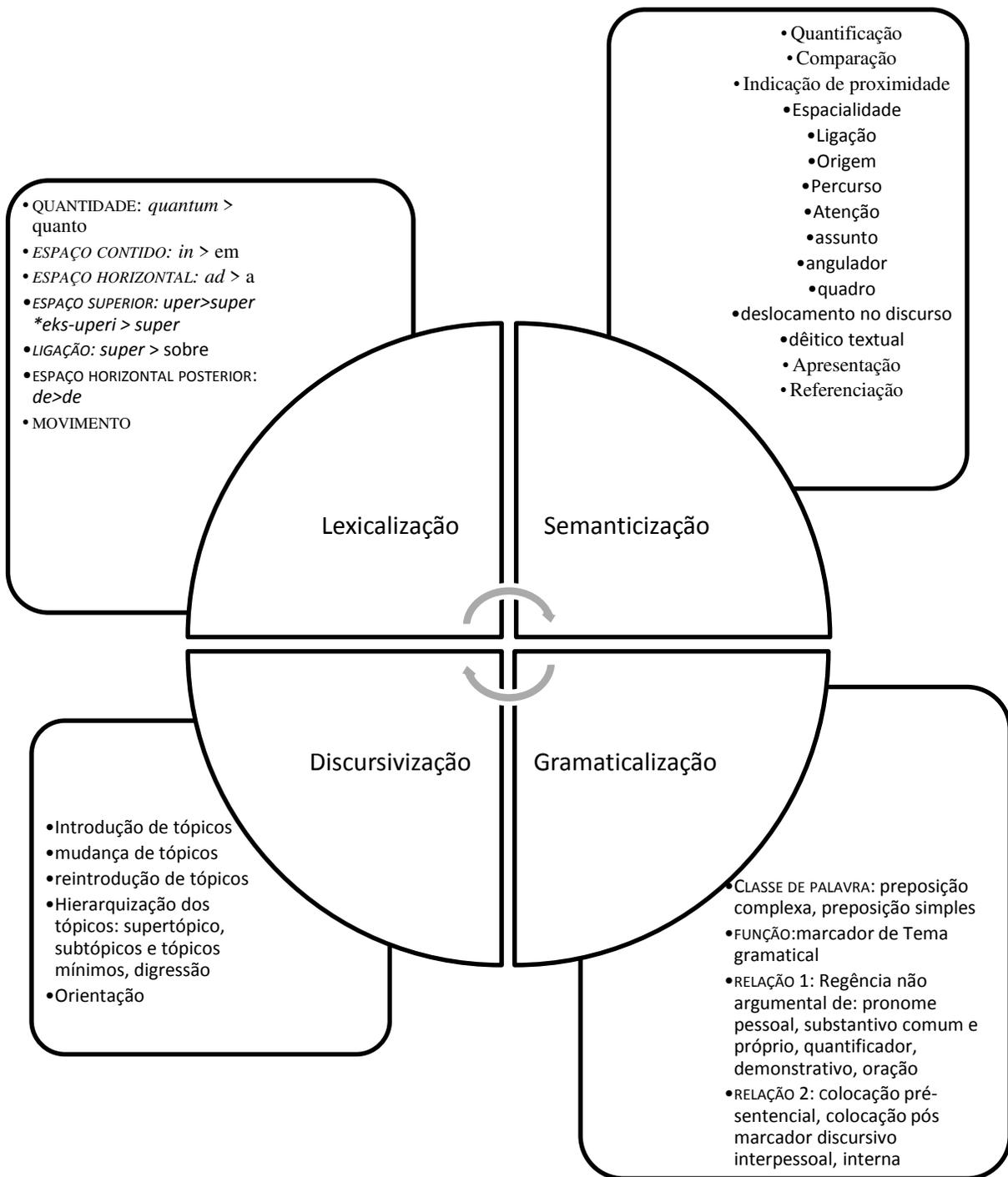


Figura 18. Representação das propriedades multissistêmicas dos Temas com marcação no português paulista

Finalmente, é importante ressaltar a importância da Abordagem Multissistêmica neste trabalho. Por um lado, fizemos um estudo que englobou os quatro sistemas linguísticos – léxico, gramática, semântica e discurso – mostrando o funcionamento simultâneo e não derivacional desses sistemas no processamento linguístico dos marcadores, ao contrário de outras abordagens funcionalistas que defendem a derivação de um sistema para outro e a hierarquização dos sistemas em níveis. Este trabalho não esteve preocupado com a mudança desses marcadores de um sistema para outro, concentrando-se a atenção nos processos e nas características dos marcadores em cada um dos sistemas abordados nos séculos analisados.



## Referências bibliográficas

---

BARBOSA, Afrânio Gonçalves / LOPES, Célia Regina dos Santos (Orgs., 2002). *Queixumes e Bajulações na Imprensa Brasileira do séc . XIX*.

BERLINCK, R. de A.; DUARTE M. E. L.; OLIVEIRA, M. de. Predicação. In: KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. do. *Gramática do português culto falado no Brasil: A construção da sentença*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. p. 101-188.

BLOCH, O.; WARTBURG, W. *Dictionnaire étymologique de la langue française*. Paris: Presses Universitaires de France, 1975.

BOLINGER, D. *Aspects of language*. New York: Harcourt Brace Javanovich, 1975.

BRAGA, M. L. Tópico e ordem vocabular. *Abralin*. v.6, p.174-88, 1984.

\_\_\_\_\_. Construções de tópico de discurso. *Relatório final o projeto subsídios sociolingüísticos do projeto censo à educação (FINEP)*. Rio de Janeiro, 1986.

\_\_\_\_\_. Ordem de palavras, status informacional e caráter definido so SN. *Estudos Lingüísticos*. Anais do GEL. Santos, v.15, p.7-18, 1987.

BUENO, F. da S. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1967.

CAMACHO, R. G.; PENHAVEL, E. Uso multifuncional e níveis de análise: interface gramática e discurso. *Revista do GEL*, Araquara, v.1, n.1, p.101-121, 2004.

CASTILHO, A. T. de. Para o Estudo das Unidades Discursivas no Português Falado. In: A. T. de CASTILHO, A. T. de (Org.). *Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989, p. 249-280.

\_\_\_\_\_. Problemas de descrição da língua falada. *DELTA*, v. 10, nº1, p.47-71.1994.

\_\_\_\_\_. A gramaticalização. *Estudos lingüísticos e literários* 19, 1997: 25-63.

\_\_\_\_\_. *A Língua Falada no Ensino do Português*. São Paulo: Contexto; 6ª. ed., 2004.

\_\_\_\_\_. Proposta funcionalista de mudança lingüística: os processos de lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização na constituição das línguas. In: LOBO, T. (org.) *Para a História do Português Brasileiro VI*, Salvador: EDUFBA, 2006. p.223-296

\_\_\_\_\_. Abordagem da língua como um sistema complexo: contribuições para uma nova Linguística Histórica. In: CASTILHO, A. T. de; MORAIS, M. A. T.; LOPES, R. E. V.; CYRINO, S. M. L. (orgs.) *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. São Paulo: FAPESP, Campinas: Pontes, 2007. p.329-360.

\_\_\_\_\_. Para uma análise multissistêmica das preposições. In: CASTILHO, A. T. de. *História do português paulista*. Campinas: IEL, 2009.

\_\_\_\_\_. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. *Agenda para una lingüística multissistémica: la lengua como un sistema complejo*. Apresentação pessoal no Colóquio Las novas gramáticas. Montevideo: Universidad de la República, Academia Nacional de Letras, Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina, 2011.

\_\_\_\_\_. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, E. R. F. de. (org). *Gramática, texto e discurso*, UFMS, 2012.

CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subject, topics and point of view. In: LI, C. (Org.) *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976.

\_\_\_\_\_. *Significado e estrutura lingüística*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

CHOMSKY, N. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.

COMBETTES, B.; PRÉVOST, S. Evolution des marqueurs de topicalisation. *Cahiers de Praxématique*, nº 37, p. 103-124, 2001.

COROMINAS, J. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Editorial Gredos, 1954.

COROMINAS, J.; PASCUAL, J. A. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Editorial Gredos, 1996.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico “Nova Fronteira” da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DAUZAT, A.; DUBOIS, J.; MITERRAND, H. *Nouveau dictionnaire étymologique et historique*. Paris: Librairie Larousse, 1964. Robert (1985)

DECAT, M. B. N. Concordância Verbal, topicalização e posposição do sujeito. *Ensaio de Linguística*. Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura. Fac. de Letras da UFMG. (Belo Horizonte) v.5, nº9, p.9-48, 1983.

\_\_\_\_\_. Construções de Tópico em português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal. In: TARALLO, F. (org.) *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989. P.113-39.

DIEZ, F. *Grammaire des langues romanes*. Tomo II. Paris: Librairie A. Franck, 1874.

\_\_\_\_\_. *Grammaire des langues romanes*. Tomo III. Paris: Librairie A. Franck, 1875.

DIK, S. C. The theory of Functional Grammar. Pt.1. Dordrecht: Foris, 1989.

\_\_\_\_\_. The theory of Functional Grammar. Pt.2. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

DURO, A. *Vocabolario della lingua italiana*. Roma: Istituto della Enciclopedia italiana, 1991.

ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1951/1967.

FARIA, E. *Dicionário Escolar Latino Português*. Rio de Janeiro: FAE, (s.d.)

FLEISCHER, E. Caos/complexidade na interação humana. In: PAIVA, V. L. M. de O. e; NASCIMENTO, M. do. (orgs.). *Sistemas adaptativos complexos: língua(gem) e aprendizagem* Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009. p. 73-92.

FRANCHI, C. *Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem*. Campinas: Unicamp, Tese de Doutorado, 2 vols., inédito. 1976.

FRANCHI, C.; NEGRÃO, E.; VIOTTI, E. Sobre a gramática das orações impessoais com Ter/Haver. *D.E.L.T.A.* 14: 113-140, 1998.

FRANCK, D. Sentenças em turnos conversacionais: um caso de “double bind” sintático. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 11, p. 9-20. 1981.

FREIRE, L. *Grande e novíssimo dicionário da Língua Portuguesa*. Vol. 5. Rio de Janeiro: A noite Editora, 1940/1941.

GIVÓN, T. Topic, pronom and grammatical agreement. In: LI, C. (Org.) *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976.

\_\_\_\_\_. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

\_\_\_\_\_. *Syntax I*. Nova York: academic Press, 1984.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (org.) *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007.

GRICE, H. P. *Logic and conversation*. (1975)

GUEDES, M.; BERLINCK, R. A. (Orgs.). *E os preços eram commodos... Anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. São Paulo: Humanitas [Série Diachronica, vol. 2]. 2000.

HEINE, B. (et al.). *Grammaticalization. A conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HENGEVELD, K. The architecture of a Functional Discourse Grammar. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. de los Á. (Eds.) *A new architecture for Functional Grammar*. Berlin-NewYork: Mouton de Gruyter, 2004. p.1-21.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. New York: Oxford University Press, 2008.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. *Berkley Linguistic Society*, v. 13, 1987, pp. 139-157.

HOPPER, P. J.; TRAUOGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HUMBOLDT, W. von. *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Barcelona/Madrid: Anthropos; Ministerio de Educación y Ciencia, 1990.

ILARI, R. *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp, 1986.

ILARI, R. et al. A preposição. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. de M. *Gramática do português culto falado no Brasil: classes de palavras e processos de construção*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. p. 623-804.

JUBRAN, C. C. A. S. Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica. In: CASTILHO, A. T. de (Org.). *Gramática do Português Falado*, vol. III, As abordagens. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1993.

\_\_\_\_\_. Tópico discursivo. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p.89-132.

JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

KATO, M. A. Tópicos como alçamento de predicados secundários. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas (34): 67-76, 1998.

KOCH, I. G. V. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, v. 6, nº1, p.29-42, 2004.

\_\_\_\_\_. Léxico e progressão referencial. In: RIO-TORTO, G. M.; SILVA, F.; FIGUEIREDO, O. M.(org.) *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto: Faculdade e Letras da Universidade do Porto, 2006, v.1, p. 263-276.

\_\_\_\_\_. Tematização e Rematização. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p. 359-379.

LAURA, F. I. *A expressão do Tema em Português: do século XVIII ao século XX*. São José do Rio Preto, 2003 (Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, UNESP.

LI, C.; THOMPSON, S. Subject and Topic: a new typology of Language. In: LI, C. (Org.) *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976.

LEHMANN, C. *Thoughts on Grammaticalization*. Munich and Newcastle: LINCOM EUROPA, 1995.

LYONS, John *Semantics*. 2 vols. Great Britain: Cambridge University Press, 1977.

MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Vol. 1. Lisboa: Confluências, 1967.

\_\_\_\_\_. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Vol. 2. Lisboa: Confluências, 1959.

MAGNE, A. *Dicionário etimológico da língua latina: família de palavras e derivações vernáculas*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1952.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, A. T. de (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989. p. 281-318.

MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.

MAURER JR. T. H. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. In: MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion 1912, pp. 130-148.

MEYER-LÜBKE, W. *Grammaire des langues romanes*. Paris: G. E. Stechert & Co., 1923.

MIGLIORINI, B.; DURO, A. *Prontuario etimológico della língua italiana*. Torino: G.B. Paravia, 1953.

MOLINER, M. *Diccionario de uso del Español*. Madrid: Editorial Gredos, 1980.

MORAES de CASTILHO, C. M. Quantificadores indefinidos. In: In: ILARI, R.; NEVES, M. H. de M. *Gramática do português culto falado no Brasil: classes de palavras e processos de construção*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. p. 137-155.

MORIN, E. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez: 2007.

\_\_\_\_\_. *On complexity*. Cresskill, NJ: Hampton Press, 2008.

MORRIS, C. W. *Foundations of the Theory of Signs*. Chicago: The University of Chicago Press, 1938.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1966.

NASCIMENTO, M. do. Notas sobre as atividades do Grupo de Sintaxe II. In: Castilho, A. T. de (Org). *Gramática do Português Falado*. vol. III: As Abordagens. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 1993, p. 433-438.

\_\_\_\_\_. Linguagem como um sistema complexo: interfases e interfaces. In: PAIVA, V. L. M. de O. e; NASCIMENTO, M. do. (orgs.). *Sistemas adaptativos complexos: língua(gem) e aprendizagem* Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009. pp. 61-72.

NEVES, M. H. M. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

OLIVEIRA, R. A. de. Complexidade: conceitos, origens, afiliações e evoluções. In: PAIVA, V. L. M. de O. e; NASCIMENTO, M. do. (orgs.). *Sistemas adaptativos complexos: língua(gem) e aprendizagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009. pp. 13-34.

PEZATTI, E. G. A distinção entre as funções pragmáticas Foco e Tema. *Anais do I Simpósio Nacional de Estudos Linguísticos (SNEL)*. João Pessoa: Ideias, 1997. p.579-96.

\_\_\_\_\_. Constituintes pragmáticos em posição inicial: distinção entre tema, tópico e foco. *Alfa*, São Paulo, v.42, 1998, p.133-150.

\_\_\_\_\_. Constituintes à esquerda: mecanismos de Orientação do conteúdo discursivo. *Estudos Linguísticos*, Marília, vol.29, 2001.

\_\_\_\_\_. O Funcionalismo em Linguística. In: BENTES, A. C.; Mussalim, F. (Org.). *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004, v. 3, p. 165-218.

\_\_\_\_\_. Panorama geral das teorias funcionalistas. *Signótica*, Goiânia, v. 2, p. 153-166, 2008.

PEZATTI, E. G. et al. O estatuto lexical/gramatical das preposições no português. *Lusorama*, v. 81-82, p. 102-134, 2010.

POGGIO, R. M. G. F. *Processos de gramaticalização de preposições do Latim ao Português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: EDUFBA, 2002.

PONTES, E. *O Tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

PRÉVOST, S. Quant à X et à propôs de X du xiv<sup>e</sup> au xvi<sup>e</sup> siècle: émergence de deux marqueurs de topicalization. *L'information grammaticale*, n° 118, juin 2008. p. 38-43.

PRINCE, E. F. Functional Syntax Approach to Text Analysis: Left-Dislocation and Topicalization. *Presented at the Symposium on Approaches to Text analysis*, University of Chicago, October, 1980.

RIEMANN, O. *Syntaxe latine: d'après les principes de la grammaire historique*. Paris: Klincksieck, 1942.

RISSO, M. S. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, C. A. S.; KOCH, I. G. V. *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p. 427-496.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. de O. e; URBANO, H. Traços definidores de marcadores discursivos. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p. 403-425.

ROBERT, P. *Le Petit Robert: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris: Le Robert, 1985.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. A symplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language* 50: 696-735, 1974.

SARAIVA, F. R. dos S. *Dicionário latino-português*. Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1972.

SIMÕES, J. da S.; KEWITZ, V. (Orgs. 2006). *Cartas dos séculos XVIII e XIX. Aldeamentos de índios, cartas paulistas da BNRJ, Correspondência passiva de Washington Luiz*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, cd-rom.

SIMÕES, J. da S. (2007). *Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro*. São Paulo, FFLCH/USP. Tese de doutoramento, inédita, 2 volumes.

SLETHAUG, G. *Beautiful Chaos*. Albany: State University of New York, 2000.

SOUZA, M. S. C. de. Estudo de alguns efeitos do mecanismo de Topicalização: gramática e estilística. Araraquara, 1989. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP.

STAPPERS, H. *Dictionnaire synoptique d'étimologie française*. Paris: Librairie Larousse, s.d.

TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (orgs.). *Approachs to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: URBANO, H. *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 2001. p. 81-101.

\_\_\_\_\_. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, C. A. S.; KOCH, I. G. V. *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p. 427-496.

VICENTE, J. R. T. *O constituinte pragmático extra-oracional Tema no português brasileiro falado*. Araraquara, 2002 (Dissertação de Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP.

WEINREICH, U. *Explorations in Semantic Theory*. The Hague/Paris: Mouton, 1972.

ZINGARELLI, N. *Lo Zingarelli: vocabolario della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 1997.